



A coisa à volta do teu pescoço

**Chimamanda
Ngozi
Adichie**



A COISA À VOLTA DO TEU PESCOÇO

Chimamanda Ngozi Adichie

Título original: “The Thing Around Your Neck”

Traduzido do inglês por Ana Saldanha

Edição: Carmen Serrano

ISBN: 9789722054546

Publicações Dom Quixote

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide—Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

© 2009, Chimamanda Ngozi Adichie

AGRADECIMENTOS

Obrigada a Sarah Chalfant, Robin Desser e Mitzi Angel.

A primeira vez que nos assaltaram a casa, foi o nosso vizinho Osita que trepou pela janela da sala de jantar e nos roubou o televisor, o leitor de vídeo e as videocassetes de Purple Rain e de Thriller que o meu pai tinha trazido da América. A segunda vez que nos assaltaram a casa foi o meu irmão Nnamabia que encenou um arrombamento e roubou as joias da minha mãe. Aconteceu num domingo. Os meus pais tinham ido à terra visitar os nossos avós, por isso Nnamabia e eu fomos à missa sozinhos. Ele levou o Peugeot 504 verde da minha mãe. Sentámo-nos juntos na igreja, como de costume, mas não nos acotovelámos nem reprimimos risinhos por causa do chapéu feio de alguém ou de um cafetã no fio, porque Nnamabia saiu sem dizer uma palavra ao fim de dez minutos. Voltou mesmo antes de o padre dizer:—A missa terminou. Ide em paz.—Eu fiquei um bocado amuada. Supus que ele tinha saído para ir fumar e para se encontrar com alguma rapariga, já que, por uma vez, tinha o carro só para ele, mas podia pelo menos ter-me dito aonde ia. Fomos para casa em silêncio, e depois de ele estacionar no acesso comprido da nossa casa, eu parei para apanhar umas flores do arbusto de ixora enquanto ele abria a porta de casa. Quando entrei, encontrei-o parado no meio da sala.

— Fomos roubados!—disse ele em inglês.

Demorei um momento a compreender, a apreender a sala revolvida. Logo nessa altura senti que havia algo de teatral na maneira como as gavetas estavam abertas, como se tivessem sido puxadas por alguém que quisesse causar uma determinada impressão em quem viesse a descobrir a cena. Ou talvez fosse simplesmente o facto de eu conhecer tão bem o meu irmão. Mais tarde, quando os meus pais voltaram para casa e os vizinhos começaram a aparecer para dizerem ndo, estalarem os dedos e encolherem os ombros, eu deixei-me ficar sentada no meu quarto no primeiro andar, sozinha, e compreendi porque sentia um aperto no estômago: tinha sido Nnamabia, eu sabia. O meu pai também sabia. Chamou a atenção para o facto de a adufa da janela ter sido retirada pela parte de dentro e não pela parte de fora (Nnamabia era na verdade muito mais esperto do que isso; talvez estivesse com pressa de voltar para a igreja antes de acabar a missa), e de o ladrão saber exatamente onde estavam as joias da minha mãe—no canto esquerdo do seu baú de metal. Nnamabia fitou o meu pai com um olhar dramático e magoado e disse:—Sei que vos causei um sofrimento terrível no passado, mas nunca violaria a vossa confiança desta maneira.

Falou em inglês, usando palavras desnecessárias como "sofrimento terrível" e "violar", como sempre fazia quando estava a defender-se. Depois saiu pela porta das traseiras e não voltou para casa nessa noite. Nem na noite seguinte. Nem na noite a seguir a essa. Regressou duas semanas depois, escanzelado, a tresandar a cerveja, a chorar e a dizer que estava arrependido e que tinha penhorado as joias aos comerciantes haúças em Enugu e que todo o dinheiro se tinha ido.

— Quanto te deram pelo meu ouro?—perguntou-lhe a minha mãe.

E quando ele lhe disse, ela deitou as mãos à cabeça e gritou:—Oh! Oh! Chi m egbuo m! O meu Deus matou-me!

Era como se ela sentisse que o mínimo que ele poderia ter feito era conseguir um bom preço. Apeteceu-me esbofeteá-la. O meu pai pediu a Nnamabia que escrevesse um relatório: como tinha vendido as joias, aquilo em que gastara o dinheiro, com quem o gastara. Não achei que Nnamabia fosse dizer a verdade e também não me parece que o meu pai acreditasse que ele o faria, mas gostava de relatórios, o meu pai, o professor universitário, gostava das coisas escritas e bem documentadas. Além disso, Nnamabia tinha dezassete anos e uma barba bem cuidada. Estava naquela fase entre o secundário e a universidade em que já era demasiado crescido para apanhar uns açoites. Que mais podia o meu pai fazer? Depois de Nnamabia escrever o relatório, o meu pai arquivou-o no armário metálico do seu

escritório onde guardava os nossos papéis da escola.

— Que ele conseguisse magoar a mãe desta maneira—foi a última coisa que o meu pai disse, entre dentes.

Mas Nnamabia não tinha tido a intenção de a magoar. Fê-lo porque as joias da minha mãe eram a única coisa com algum valor na nossa casa: uma coleção feita ao longo da vida de peças de ouro maciço. Fê-lo, também, porque outros filhos de professores universitários andavam a fazê-lo. Era a época dos roubos no nosso campus tranquilo de Nsukka. Rapazes que haviam sido criados a ver a Rua Sésamo, a ler a Enid Blyton, a comer flocos de cereais ao pequeno-almoço, a frequentarem a escola primária do pessoal universitário com as suas sandálias castanhas bem engraxadas andavam agora a cortar os mosquiteiros das janelas dos vizinhos, a tirar as adufas das janelas e a trepar para dentro das casas para roubar televisores e leitores de vídeo. Nós conhecíamos os ladrões. O campus de Nsukka era um local tão pequeno—com as casas lado a lado em ruas orladas por árvores, separadas apenas por sebes baixas—que era impossível não sabermos quem andava a roubar. Mesmo assim, quando os pais dos culpados se encontravam no clube dos professores, na igreja ou em reuniões do corpo docente, continuavam a queixar-se da escumalha da cidade que vinha ao seu bendito campus roubar.

Os rapazes que roubavam eram os mais populares. Conduziam o carro dos pais à noite, com o assento rebatido e os braços esticados para chegar ao volante. Osita, o vizinho que nos tinha roubado o televisor algumas semanas antes do incidente com Nnamabia, era ágil e bem-parecido, do tipo macambúzio, e movia-se com a graciosidade de um gato. Trazia sempre a camisa bem engomada; eu costumava espreitar por cima da sebe e ao vê-lo fechava os olhos e imaginava que ele estava a caminhar na minha direção, que vinha reclamar-me como sua. Ele nunca deu por mim. Quando nos roubou, os meus pais não foram a casa do professor Ebube pedir-lhe que mandasse o filho devolver-nos o que era nosso. Disseram publicamente que tinha sido obra de escumalha da cidade. Mas sabiam que tinha sido Osita. Osita era dois anos mais velho do que Nnamabia; a maior parte dos rapazes que roubavam era um pouco mais velha do que Nnamabia, e talvez fosse essa a razão pela qual Nnamabia não foi roubar a casa de outra pessoa. Talvez não se sentisse com idade suficiente, com habilitações suficientes para algo mais importante do que as joias da minha mãe.

Nnamabia era a cara chapada da minha mãe, com aquela pele clara, cor de mel, os olhos grandes e uma boca generosa e perfeitamente desenhada. Quando a minha mãe nos levava ao mercado, os vendedores diziam em voz alta:

— Ei! Madame, para que desperdiçou a sua pele clara num rapaz e deixou a menina tão escura? O que é que anda um rapaz a fazer com tanta beleza?

E a minha mãe ria, como se se responsabilizasse, marota e contente, pelos encantos de Nnamabia. Quando, aos onze anos, Nnamabia partiu a vidraça da janela da sua sala de aulas com uma pedra, a minha mãe deu-lhe dinheiro para a substituir e não contou nada ao meu pai. Quando ele perdeu uns livros da biblioteca no segundo ano, ela disse à professora que o nosso empregado os tinha roubado. Quando, no terceiro ano, ele saía mais cedo para ir à catequese e acabou por se saber que não tinha ido uma única vez e que por isso não podia fazer a comunhão, ela disse aos outros pais que ele estava com malária no dia do exame. Quando Nnamabia pegou na chave do carro do meu pai e a copiou num pedaço de sabão que o meu pai descobriu antes de ele ter tempo de a levar a uma loja de chaves, ela disse umas coisas vagas sobre como ele andava só a fazer umas experiências e isso não queria dizer absolutamente nada. Quando ele roubou do escritório do meu pai as perguntas do exame e as vendeu aos alunos dele, ela gritou com ele, mas depois disse ao meu pai que, ao fim e ao cabo, Nnamabia tinha dezasseis anos, e realmente deviam aumentar-lhe a mesada.

Não sei se Nnamabia sentiu remorsos por lhe ter roubado as joias. Eu nem sempre conseguia adivinhar, olhando para o rosto gracioso e sorridente do meu irmão, o que é que ele realmente sentia. E

não falámos sobre o assunto. Embora as irmãs da minha mãe lhe tenham mandado os seus brincos de ouro, embora ela tenha comprado um conjunto de brincos e pingente a Mrs. Mozie, a senhora sofisticada que importava ouro da Itália, e tenha começado a ir a casa de Mrs. Mozie uma vez por mês para o pagar a prestações, nunca mais falámos, depois daquele dia, sobre o facto de Nnamabia ter roubado as joias. Era como se fingir que Nnamabia não tinha feito aquilo lhe desse uma oportunidade para começar de novo. Talvez o roubo não voltasse a ser mencionado se Nnamabia não tivesse sido detido, três anos depois, no seu terceiro ano na faculdade, e levado para a esquadra.

Era a época dos cultos no nosso tranquilo campus de Nsukka. Era a altura em que se podia ler em cartazes por toda a universidade, a negrito, DIZ NÃO AOS CULTOS.

Os Black Axe, os Buccaneers e os Pirates eram os mais conhecidos. Talvez tivessem começado por ser grupos inofensivos, mas tinham evoluído e chamavam-lhes agora "cultos"; rapazes de dezoito anos que tinham aperfeiçoado o modo de andar gingão dos vídeos de rap americano andavam agora a submeter-se a iniciações secretas e estranhas que, por vezes, deixavam um ou dois deles mortos em Odim Hill. Armas e lealdades divididas e machados tinham-se tornado comuns: um rapaz fazia olhinhos a uma rapariga, que afinal era a namorada do Capone dos Black Axe, e mais tarde esse rapaz, a caminho de um quiosque para comprar um cigarro, era esfaqueado na coxa, e vinha-se a saber que era membro dos Buccaneers, e por isso os seus colegas dos Buccaneers iam a uma cervejaria e atingiam com um tiro o ombro do rapaz dos Black Axe que estivesse mais próximo, e depois no dia seguinte um membro dos Buccaneers era morto a tiro no refeitório e caía por cima das tigelas de alumínio da sopa, e nessa noite um rapaz dos Black Axe era morto à machadada no seu quarto numa residência universitária masculina, e o seu leitor de CD ficava salpicado com sangue.

Não fazia sentido. Era tão anormal que rapidamente se tornou normal. As raparigas não saíam das residências depois das aulas, os professores tremiam, e quando uma mosca zunia mais alto as pessoas ficavam com medo. Por isso, a polícia foi chamada. Atravessaram o campus a toda a velocidade nos seus Peugeot 505 todos desconjuntados, com armas enferrujadas a despontarem das janelas dos carros e arregalaram os olhos aos estudantes. Nnamabia veio para casa das aulas a rir. Achava que a polícia tinha de se esforçar mais; toda a gente sabia que os rapazes dos cultos tinham armas mais modernas.

Os meus pais olharam para o rosto galhofeiro de Nnamabia com uma preocupação silenciosa e eu sabia que também eles estavam a perguntar-se se ele pertenceria a um culto. Às vezes, eu achava que sim. Os rapazes dos cultos eram populares e Nnamabia era muito popular. Outros rapazes gritavam a sua alcunha—"The Funk!"—e davam-lhe um aperto de mão sempre que ele passava, e as raparigas, especialmente as Big Chicks, que eram populares, davam-lhe abraços demasiado prolongados quando lhe diziam olá. Ele ia a todas as festas, às bem-comportadas no campus e às mais loucas na cidade, e era o tipo de homem que agrada às mulheres mas com quem os homens também se dão bem, o tipo que fuma um maço de Rothmans por dia e sobre quem constava que era capaz de despachar uma dúzia de cervejas Star de uma assentada. Noutras ocasiões, eu achava que ele não pertencia a nenhum culto, porque era tão popular e parecia mais o seu estilo dar-se bem com todos os rapazes dos diferentes cultos e não ser inimigo de ninguém. E eu também não estava convencida de que o meu irmão tivesse o que era preciso—garra ou insegurança—para aderir a um culto. Na única vez em que lhe perguntei se pertencia a um culto ele fitou-me com surpresa, com os seus olhos de pestanas compridas e espessas, como se eu devesse ter juízo suficiente para não fazer a pergunta, antes de me dizer:—É claro que não.

Acreditei nele. O meu pai também acreditou nele. Mas acreditarmos nele não fez grande diferença, porque ele já tinha sido preso e acusado de pertencer a um culto.

Disseme isto, "É claro que não", na nossa primeira visita à esquadra onde estava preso.

Foi assim que aconteceu: numa segunda-feira de tempo húmido, quatro elementos de um culto esperaram ao portão do campus e fizeram parar uma professora que ia ao volante de um Mercedes

vermelho. Apontaram-lhe uma arma à cabeça, puxaram-na para fora do carro e conduziram o carro até à Faculdade de Engenharia, onde dispararam sobre três rapazes que vinham a sair das salas de aulas. Era meio-dia. Eu estava numa aula ali perto e quando ouvimos os estampidos, o nosso professor foi o primeiro a sair a correr da sala. Ouviram-se gritos e subitamente as escadarias ficaram cheias de alunos desvairados, sem saberem em que direção fugir. Lá fora, três corpos jaziam no relvado. O Mercedes vermelho tinha desaparecido com um chiar de pneus. Muitos estudantes fizeram as malas à pressa e os condutores de okada cobraram o dobro do costume para os levar ao parque das camionetas. O vice-reitor anunciou que todas as aulas noturnas seriam canceladas e que toda a gente tinha de estar dentro de casa depois das nove da noite. Não me parecia que isto fizesse grande sentido, já que o tiroteio tinha ocorrido em plena luz do dia, e talvez também não fizesse grande sentido para Nnamabia, porque no primeiro dia do recolher obrigatório não estava em casa às nove horas nem voltou para casa nessa noite. Supus que ele tivesse ficado em casa de um amigo; nem sempre vinha dormir a casa, de qualquer maneira. Na manhã seguinte, um segurança veio dizer aos meus pais que Nnamabia tinha sido preso num bar, juntamente com alguns rapazes de um culto e que o tinham levado numa carrinha da polícia. A minha mãe gritou:— Ekwuzikwana! Não diga isso!—e o meu pai agradeceu calmamente ao segurança. Fomos de carro à esquadra na cidade. Lá, um agente que estava a mordiscar a tampa suja de uma esferográfica disse:— Refere-se àqueles rapazes dos cultos que foram presos ontem à noite? Levaram-nos para Enugu. Um caso muito sério! Temos de pôr fim a este problema dos cultos de uma vez por todas!

Voltámos a meter-nos no carro e um novo medo apoderou-se de nós. Nsukka—o nosso campus tranquilo e insular, e a cidade ainda mais tranquila e insular—era fácil de controlar; o meu pai conhecia o superintendente da polícia. Mas Enugu era anónima, a capital do estado, com a Divisão Mecanizada do Exército Nigeriano e o quartel-general da polícia e sinaleiros em cruzamentos movimentados. Era lá que a polícia podia fazer aquilo que tinha a fama de fazer quando estava sob pressão para apresentar resultados: matar pessoas.

A esquadra de Enugu ficava num vasto complexo murado cheio de edifícios; carros cobertos de pó e em mau estado estavam amontoados junto ao portão, perto da tabuleta que dizia GABINETE DO COMISSÁRIO DE POLÍCIA. O meu pai continuou a conduzir na direção do edifício baixo e retangular no outro extremo do complexo. A minha mãe subornou os dois polícias na receção com dinheiro e arroz jollof e carne, tudo metido num saco preto impermeável, e eles deram autorização a Nnamabia para sair da cela e vir sentar-se connosco num banco à sombra de uma musanga. Ninguém lhe perguntou porque é que não tinha vindo para casa nessa noite, quando sabia que tinha sido decretado o recolher obrigatório. Ninguém disse que era irracional da parte dos polícias entrarem num bar e prenderem todos os rapazes que lá estavam a beber, assim como o empregado do bar. Em vez disso, escutámos Nnamabia. Sentou-se a cavalo no banco, com uma marmita com arroz e frango à sua frente e os olhos brilhantes de expectativa: um artista prestes a entrar em palco.

— Se governássemos a Nigéria como esta cela—disse—, não teríamos problemas neste país. As coisas são tão organizadas. A nossa cela tem um chefe chamado General Abacha e ele tem um número dois. Mal se entra, tem de se lhe dar algum dinheiro. Se não dermos, metemo-nos em trabalhos.

— E tu tinhas dinheiro?—perguntou a minha mãe.

Nnamabia sorriu; estava ainda mais bonito, com uma mordidela de inseto na testa que parecia uma borbulha, e disse em igbo que tinha enfiado o dinheiro no ânus pouco depois de ser detido no bar. Sabia que a polícia lho tiraria se ele não o escondesse e sabia que iria precisar dele para comprar a sua segurança na cela. Deu uma dentada numa coxa de frango frito e passou para inglês.

— O General Abacha admirou a maneira como escondi o dinheiro. Fiz por cair nas boas graças dele. Ando sempre a elogiá-lo. Quando os homens mandaram todos os recém-chegados agarrar nas orelhas e dar saltos à rã ao ritmo da sua cantoria, ele deixou-me parar ao fim de dez minutos. Os outros

tiveram de continuar quase mais trinta minutos.

A minha mãe cruzou os braços sobre os ombros, como se sentisse frio. O meu pai não dizia nada, olhava com atenção para Nnamabia. E eu imaginei-o, ao meu irmão precavido, a enrolar notas de cem nairas com a forma de cigarros e a meter a mão na parte de trás das calças e a enfiá-las, a custo, dentro de si próprio.

Mais tarde, quando regressávamos a Nsukka, o meu pai disse:—Era isto que eu devia ter feito quando ele assaltou a casa. Devia tê-lo mandado prender numa cela.

A minha mãe olhava em silêncio pela janela.

— Porquê?—perguntei.

— Porque isto, por uma vez, abalou-o. Não repararam?—perguntou o meu pai com um sorrisinho.

Eu não tinha visto nada. Não naquele dia. Nnamabia parecia-me ótimo, mesmo com a história de meter o dinheiro no ânus e tudo.

* * *

O primeiro choque de Nnamabia foi ver o Buccaneer a soluçar. O rapaz era alto e duro e constava que tinha sido o responsável por uma das mortes e que era candidato a Capone no semestre seguinte, e no entanto ali estava ele na cela, agachado e a soluçar depois de o chefe lhe ter dado um cachaço. Nnamabia contou-me isto durante a nossa visita no dia seguinte, num tom de desprezo e de decepção; era como se subitamente tivesse sido obrigado a ver que o Incrível Hulk não passava realmente de tinta verde. O seu segundo choque, alguns dias depois, foi com a Cela Um, a cela a seguir à dele. Dois polícias tinham tirado um homem morto e já inchado da Cela Um e pararam junto à cela de Nnamabia para se assegurarem de que o cadáver era visto por todos.

Até mesmo o chefe da sua cela parecia rezear a Cela Um. Quando soltavam Nnamabia e os seus colegas de cela no pátio ao ar livre para se lavarem—os que tinham posses para comprar água para se lavarem nos baldes de plástico que em tempos tinham contido tinta—os polícias ficavam a vigiá-los e muitas vezes berravam:—Para com isso, ou vais já para a Cela Um.

Nnamabia tinha pesadelos com a Cela Um. Não conseguia imaginar um lugar pior do que a sua cela, que estava tão sobrelotada que muitas vezes ele ficava esmagado contra a parede rachada. Viviam minúsculos kwalikwata dentro das brechas, cuja mordida era extremamente dolorosa, e quando ele soltava gritinhos os seus colegas de cela chamavam-lhe Menino de Banana e Leite, Menino da Universidade, Menino Ié-ié Fino.

Eram demasiado pequenos para a sua mordida causar tanta dor, aqueles insetos. A mordida deles era pior durante a noite, quando todos tinham de dormir de lado, alinhados, as cabeças junto aos pés do vizinho, a não ser o chefe, que dormia regaladamente de costas. Era o chefe que distribuía os pratos de garri e sopa aguada que eram empurrados para dentro da cela todos os dias. Cada pessoa recebia duas colheradas. Nnamabia contou-nos isto durante a primeira semana. Enquanto ele falava, pensei se os insetos da parede também o tinham mordido na cara, ou se os inchaços que se espalhavam pela sua testa seriam de alguma infeção. Alguns tinham uma ponta com pus da cor de natas. Ele estava a coçá-los quando disse:—Tive de cagar num saco impermeável hoje, de pé. A sanita estava demasiado cheia. Só a esvaziam ao sábado.

O seu tom era histriónico. Apeteceu-me pedir-lhe que se calasse, porque ele estava a gostar do seu papel de vítima de afrontas e porque não compreendia a sorte que tinha por os polícias lhe permitirem sair da cela e vir comer a nossa comida, nem reconhecia a estupidez de ter ficado fora de casa a beber naquela noite e a incerteza das suas hipóteses de ser libertado.

Visitámo-lo todos os dias na primeira semana. Íamos no Volvo velho do meu pai, porque o Peugeot

504 da minha mãe, ainda mais velho, não era seguro para viagens para fora de Nsukka. Quando passámos pelos postos de controlo da polícia na estrada, reparei que os meus pais estavam diferentes—era subtil, mas estavam diferentes.

O meu pai já não se lançava num monólogo, mal nos acenavam para seguirmos, sobre o analfabetismo e a corrupção da polícia. Não trazia à baila o dia em que nos tinham atrasado uma hora porque ele se tinha recusado a suborná-los, ou a forma como tinham mandado parar um autocarro em que a minha linda prima Ogechi viajava, implicando com ela, chamando-lhe puta por ter dois telemóveis e exigindo-lhe tanto dinheiro que ela se ajoelhou no chão à chuva a suplicar-lhes que a deixassem ir embora, visto que o autocarro dela já tinha sido autorizado a partir. A minha mãe não resmungou:—São sintomas de um mal-estar generalizado.—Em vez disso, os meus pais mantiveram-se em silêncio. Era como se recusarem-se a criticar a polícia como de costume de alguma forma tornasse a libertação de Nnamabia iminente. "Delicado" era a palavra que o superintendente em Nsukka tinha usado. Conseguir que Nnamabia saísse em breve seria delicado, especialmente com o comissário da polícia em Enugu a dar entrevistas na televisão, todo satisfeito e inchado de orgulho, sobre os cultistas detidos. O problema dos cultos era sério. Grandes Homens em Abuja estavam a seguir os acontecimentos.

Toda a gente queria dar a impressão de que estava a fazer alguma coisa.

Na segunda semana, eu disse aos meus pais que não íamos visitar Nnamabia. Não sabíamos quanto tempo teríamos de continuar a fazê-lo, e a gasolina era demasiado cara para andar de carro três horas todos os dias e não fazia mal nenhum a Nnamabia fazer pela vida sozinho por um dia.

O meu pai olhou para mim, surpreso, e perguntou:—O que é que queres dizer?

A minha mãe mirou-me de alto a baixo, encaminhou-se para a porta e disse que ninguém estava a pedir-me que viesse; eu podia deixar-me ficar sentada sem fazer nada enquanto o meu irmão inocente sofria. Estava a dirigir-se para o carro e eu corri atrás dela e quando cheguei lá fora não sabia o que fazer, por isso peguei numa pedra que estava perto do arbusto de ixora e atirei-a ao para-brisas do Volvo. O para-brisas estalou. Ouvei o estalido e vi as linhas minúsculas a espalharem-se como raios no vidro antes de me voltar e ir a correr para o andar de cima e me fechar à chave no quarto para me proteger da fúria da minha mãe. Ouvei-a berrar. Ouvei a voz do meu pai. Por fim, fez-se silêncio e não ouvi o motor do carro. Nesse dia, ninguém foi visitar Nnamabia. Surpreendeu-me, esta pequena vitória.

Visitámo-lo no dia seguinte. Não dissemos nada sobre o para-brisas, embora as rachadelas tivessem alastrado como ondas num ribeiro gelado. O polícia na receção, o simpático de pele escura, perguntou porque é que não tínhamos vindo no dia anterior; tinha sentido a falta do arroz jollof da minha mãe. Eu estava a contar que Nnamabia perguntasse também, até mesmo que estivesse melindrado, mas ele parecia estranhamente moderado, com uma expressão que eu nunca lhe tinha visto. Não comeu o arroz todo. Estava sempre a desviar o olhar na direção do monte de carros meio queimados na extremidade do recinto, os restos de acidentes.

— O que é que se passa?—perguntou a minha mãe, e Nnamabia começou a falar quase imediatamente, como se só estivesse à espera de que lhe perguntassem. Mantinha o mesmo tom em igbo, sem altos nem baixos na voz. Um velho tinha sido atirado para a sua cela no dia anterior, um homem talvez dos seus setenta e tal anos, de cabelo branco, pele cheia de rugas finas, com os modos antiquados de um funcionário público aposentado e incorrupto. O filho era procurado pela polícia por assalto à mão armada e quando a polícia não conseguiu encontrá-lo, decidiu prendê-lo a ele.

— O homem não fez nada—disse Nnamabia.

— Mas tu também não fizeste nada—disse a minha mãe.

Nnamabia abanou a cabeça como se ela não compreendesse. Nos dias seguintes, estava mais abatido. Falava menos, e principalmente sobre o velho: como ele não tinha dinheiro e não podia comprar

água para se lavar, como os outros homens faziam pouco dele ou o acusavam de estar a esconder o filho, como o chefe o ignorava, como parecia assustado e tão terrivelmente pequeno.

— Ele sabe onde está o filho?—perguntou a minha mãe.

— Já não o vê há quatro meses—disse Nnamabia.

O meu pai disse algo sobre o facto de ser irrelevante se o homem sabia ou não onde estava o filho.

— É claro—disse a minha mãe.—Está errado, mas é o que a polícia faz a toda a hora. Quando não encontram a pessoa de quem andam à procura, prendem-lhe o pai ou a mãe ou outro parente.

O meu pai sacudiu com a mão alguma coisa no joelho—um gesto de impaciência. Não compreendia porque é que a minha mãe estava a dizer o que era óbvio.

— O homem está doente—disse Nnamabia.—As mãos fartam-se de lhe tremer, mesmo quando está a dormir.

Os meus pais ficaram calados. Nnamabia fechou a marmitta do arroz e voltou-se para o meu pai.—Quero dar-lhe um bocado desta comida, mas se a levar para dentro da cela o General Abacha fica com ela.

O meu pai foi até ao balcão da receção e perguntou ao polícia se poderiam permitir-nos ver o velho da cela de Nnamabia por uns minutos. O polícia era o de pele clara, o mal encarado que nunca agradecia quando a minha mãe entregava o arroz e o dinheiro do suborno. Riu-se na cara do meu pai e disse que já se arriscava a perder o emprego ao deixar sair Nnamabia e ainda por cima nós estávamos a pedir-lhe que outra pessoa fosse autorizada a sair? Julgávamos que aquilo era algum colégio interno em dia de visita? Não sabíamos que estávamos num centro de detenção de alta segurança para elementos criminosos da sociedade? O meu pai voltou para junto de nós e sentou-se com um suspiro e Nnamabia pôs-se a coçar em silêncio o seu rosto cheio de inchaços.

No dia seguinte, Nnamabia mal tocou no arroz. Contou que os polícias tinham atirado água com detergente para o chão e para as paredes da cela, para fazer a limpeza como de costume, e que o velho, que não tinha posses para comprar água e que já não se lavava há uma semana, se apressara a entrar na cela, tirara a camisa e esfregara as suas costas magras no chão molhado com o detergente. Os polícias desataram a rir quando o viram e disseram-lhe que tirasse toda a roupa e desfilasse no corredor fora da cela, e quando ele o fez riram-se ainda mais alto e perguntaram-lhe se o filho dele, o ladrão, sabia que o pénis do papá estava tão mirradinho. Nnamabia fitava o arroz amarelo-alaranjado enquanto contou isto e quando olhou para cima vi os olhos do meu irmão marejados—o meu irmão, tão experiente e sofisticado - e senti uma ternura por ele que não conseguiria explicar se me pedissem para o fazer.

Dois dias depois, houve outro ataque de cultos no campus: um rapaz atacou outro com um machado mesmo em frente do Departamento de Música.

— Isso é bom—disse a minha mãe, quando ela e o meu pai se preparavam para ir mais uma vez falar com o superintendente da polícia de Nsukka.—Agora já não podem dizer que prenderam todos os rapazes dos cultos.

Não fomos a Enugu nesse dia, porque os meus pais demoraram muito tempo com o superintendente, mas voltaram com boas notícias. Nnamabia e o empregado do bar iam ser libertados imediatamente. Um dos rapazes dos cultos tornara-se informador e insistia que Nnamabia não era membro. Partimos mais cedo do que era costume, de manhã, sem arroz jollof, com o sol já tão quente que todas as janelas do carro estavam abertas. A minha mãe estava inquieta durante a viagem. Costumava dizer:—Nekwa ya!

Cuidado!—ao meu pai, como se ele não fosse capaz de ver os carros a fazerem manobras perigosas na outra faixa, mas desta vez fê-lo com tal frequência que mesmo antes de chegarmos a Ninth Mile, onde os vendedores ambulantes se apinham à volta dos carros com os seus tabuleiros de okpa e ovos cozidos e caju, o meu pai parou o carro e resmungou:—Mas afinal quem é que vai a conduzir, Uzoamaka?

Dentro do vasto complexo da polícia, dois agentes estavam a vergastar alguém que estava deitado no chão à sombra da musanga. Ao princípio pensei, com um aperto no peito, que era Nnamabia, mas não era. Eu conhecia o rapaz que estava deitado no chão, a contorcer-se e a gritar a cada vergastada do koboko de um polícia. Chamava-se Aboy e tinha o rosto sério e feio de um cão de caça e andava de Lexus pelo campus e dizia-se que era Buccaneer. Tentei não olhar para ele quando entrámos na esquadra.

O polícia de serviço, o que tinha marcas tribais nas faces e dizia sempre:—Deus vos abençoe—quando recebia o suborno, desviou os olhos quando nos viu. Senti a pele toda arrepiada. Adivinhei logo que se passava algo. Os meus pais deram-lhe o documento do superintendente. O polícia nem olhou para ele. Já sabia da ordem de libertação, disse ao meu pai, o empregado do bar já tinha sido solto, mas havia uma complicação com o rapaz. A minha mãe começou a gritar:—O rapaz? O que é que quer dizer? Onde é que está o meu filho?

O polícia levantou-se.

— Vou chamar o meu superior para lhe explicar a situação.

A minha mãe atirou-se a ele e puxou-lhe pela camisa.—Onde é que está o meu filho? Onde é que está o meu filho?

O meu pai arrancou-a à força e o polícia sacudiu a camisa, como se ela tivesse deixado alguma sujidade, antes de se virar e se afastar.

— Onde está o nosso filho?—perguntou o meu pai numa voz tão calma e dura que o polícia estacou.

— Levaram-no embora, senhor—disse ele.

— Levaram-no embora?—interrompeu a minha mãe. Ainda estava aos gritos.—O que é que você está a dizer? Mataram o meu filho? Mataram o meu filho?

— Onde é que ele está?—perguntou o meu pai mais uma vez no mesmo tom calmo de voz.—Onde está o nosso filho?

— O meu superior disse para o ir chamar quando os senhores chegassem—disse o polícia e desta vez voltou-se e apressou-se a sair por uma porta.

Foi depois de ele sair que eu me senti enregelada de medo, que quis correr atrás dele e, como a minha mãe, puxar-lhe pela camisa até ele nos trazer Nnamabia. O polícia mais graduado chegou e eu estudei-lhe o rosto completamente impassível à procura de uma expressão.

— Bom-dia, senhor—disse ele ao meu pai.

— Onde está o nosso filho?—perguntou o meu pai. A minha mãe estava ofegante. Mais tarde, apercebi-me de que naquele momento cada um de nós pensava que Nnamabia tinha sido morto por polícias que não hesitavam em puxar o gatilho por tudo e por nada e que a missão deste homem era encontrar a melhor mentira para nos contar sobre a forma como ele tinha morrido.

— Não há problema, senhor. Só o transferimos. Eu levo-o lá de imediato.

Havia uma espécie de nervosismo no polícia; o seu rosto continuava impassível, mas não olhava o meu pai nos olhos.

— Transferiram-no?

— Recebemos a ordem para o libertar hoje de manhã, mas ele já tinha sido transferido. Não temos gasolina, por isso eu estava à espera de que o senhor chegasse para irmos juntos ao sítio onde ele está.

— Onde é que ele está?

— Noutro local. Eu levo-o lá.

— Porque é que ele foi transferido?

— Eu não estava cá, senhor. Disseram que ele se tinha portado mal ontem e que o levaram para a Cela Um e que depois houve uma transferência de todas as pessoas da Cela Um para outro local.

— Ele portou-se mal? O que é que quer dizer?

— Eu não estava cá, senhor.

A minha mãe falou então numa voz alquebrada.—Levem-me ao meu filho! Levem-me ao meu filho

imediatamente!

Eu fui no banco de trás com o polícia. Ele cheirava ao tipo de cânfora velha que parecia persistir para sempre na arca da minha mãe. Não falámos, a não ser para ele indicar o caminho ao meu pai, até chegarmos, quinze minutos depois, com o meu pai a conduzir a alta velocidade, à velocidade a que o meu coração batia. O pequeno complexo parecia negligenciado, com garrafas velhas e sacos de plástico e papéis espalhados por todo o lado. O polícia mal esperou que o meu pai parasse para abrir a porta e sair a correr e, mais uma vez, eu sentime enregelada de medo. Estávamos numa parte da cidade em que as estradas não eram asfaltadas e não tínhamos visto nenhuma tabuleta a dizer Esquadra da Polícia e pairava no ar uma espécie de quietude, uma sensação estranha de abandono. Mas o polícia saiu com Nnamabia. Lá estava ele, o meu belo irmão, a caminhar na nossa direção, igual ao costume, parecia, até se aproximar o suficiente para a minha mãe o abraçar, e eu vi que estremeceu e recuou; tinha o braço esquerdo coberto de vergões que pareciam estar em carne viva. Tinha uma crosta de sangue seco à volta do nariz.

— Nna-Boy, porque é que te bateram assim?—perguntou-lhe a minha mãe. Voltou-se para o polícia. —Porque é que vocês fizeram isto ao meu filho?

O homem encolheu os ombros, numa nova atitude de insolência; era como se antes não estivesse certo do estado de Nnamabia, mas agora pudesse permitir-se falar. -

Vocês não sabem criar os vossos filhos, todos vocês que se sentem importantes porque trabalham na universidade. Quando os vossos filhos se portam mal, acham que eles não deviam ser castigados. Tem sorte, minha senhora, muita sorte por o terem libertado.

O meu pai disse:—Vamos embora.

Abriu a porta do carro e Nnamabia entrou e fomos para casa. O meu pai não parou em nenhum dos postos de controlo da polícia na estrada; num deles, um polícia fez um gesto de ameaça com a arma ao passarmos a toda a velocidade. A única coisa que a minha mãe disse na viagem que fizemos em silêncio foi se Nnamabia queria que parássemos em Ninth Mile para comprar okpa. Nnamabia disse que não. Já tínhamos chegado a Nsukka quando ele finalmente falou.

— Ontem, os polícias perguntaram ao velho se ele queria um balde de água de graça. Ele disse que sim. Então, eles disseram-lhe para tirar a roupa e desfilar no corredor.

Os colegas da cela riam-se. Mas alguns disseram que era errado tratar assim um homem de idade.—Nnamabia fez uma pausa, com um olhar distante.—Eu berrei ao polícia.

Disse que o velho estava inocente e doente e que se o mantivessem preso nunca mais iam encontrar o filho dele, porque ele nem sequer sabia onde estava o filho. Disseram-me para me calar imediatamente, se não levavam-me para a Cela Um. Eu não me importei. Não me calei. Por isso, eles puxaram-me para fora e bateram-me e levaram-me para a Cela Um.

Nnamabia parou de falar e nós não lhe perguntámos mais nada. Em vez disso, imaginei-o a erguer a voz, a chamar ao polícia idiota, estúpido, covarde e fraco, sádico, filho da puta, e imaginei o choque dos polícias, o choque do chefe, a olhar fixamente de boca aberta, os outros colegas da cela atordoados com a audácia do jovem universitário bem-parecido. E imaginei o próprio velho a assistir à cena com orgulho e surpresa e a recusar-se calmamente a despir-se. Nnamabia não disse o que lhe tinha acontecido na Cela Um nem o que lhe aconteceu no outro sítio, que me parecia ser onde punham as pessoas que mais tarde desapareceriam. Teria sido tão fácil para ele, para o meu encantador irmão, transformar a sua história num drama cheio de estilo, mas não o fez.

IMITAÇÃO

Nkem está a olhar fixamente para os olhos esbugalhados e em bico da máscara de Benim por cima da lareira da sala quando fica a saber da namorada do seu marido.

— Ela é muito nova. Vinte e um anos ou por aí—está a dizer ao telefone a sua amiga Ijemamaka.— Tem o cabelo curto e encaracolado, sabes, aqueles caracóis pequenos e apertados. Não é relaxante. É um texturizador, acho eu. Ouço dizer que agora a gente nova gosta de usar texturizador. Eu não te diria sha, eu conheço os homens e a sua maneira de ser, mas ouvi dizer que ela se mudou para a tua casa. É o que acontece quando se casa com um homem rico.

Ijemamaka faz uma pausa e Nkem ouve-a inspirar profundamente, um som deliberado e exagerado.

— Quer dizer, o Obiora é um bom homem, claro—continua Ijemamaka.—Mas trazer a namorada para a vossa casa? É uma falta de respeito. Ela anda com os carros dele por toda a cidade de Lagos. Eu mesma a vi na Awolowo Road a conduzir o Mazda.

— Obrigada por me contares—diz Nkem. Imagina a forma como a boca de Ijemamaka fica espremida, como uma laranja chupada até ficar mole, uma boca gasta de tanto falar.

— Eu tinha de te dizer. Para que são os amigos? Que outra coisa podia eu fazer?—diz Ijemamaka, e Nkem pergunta-se se é satisfação, aquele tom agudo de Ijemamaka, aquela inflexão na palavra "fazer".

Nos quinze minutos seguintes, Ijemamaka fala sobre a sua ida à Nigéria, sobre como os preços subiram desde a última vez que ela lá esteve—até o garri é tão caro agora. Diz que há muitas mais crianças a vender nas ruas, nos engarrafamentos, que a erosão destruiu parte da estrada principal para a sua cidade natal no estado do Delta. Nkem dá estalidos com a língua e suspira ruidosamente nos momentos apropriados. Não recorda a Ijemamaka que também ela esteve na Nigéria há alguns meses, no Natal. Não diz a Ijemamaka que sente os dedos dormentes, que preferia que ela não tivesse telefonado. Finalmente, antes de desligar, promete levar os filhos a visitar Ijemamaka em New Jersey num destes fins de semana—uma promessa que sabe que não cumprirá.

Vai à cozinha, enche um copo com água, e depois deixa-o sobre a mesa, sem lhe tocar. De novo na sala de estar, volta a fitar a máscara de Benim, cor de cobre, com feições abstratas e exageradas. Os seus vizinhos dizem que é "nobre"; por causa dela, o casal que vive duas casas abaixo começou a colecionar arte africana e também eles se contentam com boas imitações, embora gostem de falar de como é impossível encontrar originais.

Nkem imagina as pessoas do Benim a esculpirem as máscaras originais, quatrocentos anos antes. Obiora disse-lhe que usavam as máscaras em cerimónias reais, colocando-as de ambos os lados do seu rei para o protegerem, para afastar o Mal. Só pessoas especialmente escolhidas podiam ser guardiãs da máscara, as mesmas pessoas que eram responsáveis por trazer as cabeças humanas recentemente decapitadas que se usavam no funeral do seu rei. Nkem imagina os jovens orgulhosos, musculados, com a pele castanha a brilhar com óleo de palma e com panos graciosos à volta da cintura. Imagina—e isto é ela que imagina, porque Obiora não deu a entender que era assim que acontecia—os jovens orgulhosos a desejarem não ter de decapitar estranhos para enterrar o seu rei, a desejarem poder usar as suas máscaras para se protegerem também a si próprios, a desejarem ter uma palavra a dizer.

Ela estava grávida quando veio pela primeira vez para a América com Obiora. A casa que Obiora arrendou e mais tarde viria a comprar cheirava a fresco, como chá verde, e o acesso curto até à garagem estava atapetado com cascalho.—Vivemos num subúrbio encantador perto de Filadélfia—disse ao telefone aos seus amigos em Lagos.

Enviou-lhes fotografias dela e de Obiora perto do Sino da Liberdade com "muito importante na

"História americana" orgulhosamente escrito nas costas, e meteu também no envelope panfletos em papel brilhante em que aparecia Benjamin Franklin já a ficar careca.

Os seus vizinhos em Cherrywood Lane, todos brancos de cabelos claros e com corpos magros, foram lá a casa apresentar-se, perguntar se ela precisava de ajuda nalguma coisa—para obter a carta de condução ou uma linha telefónica, para arranjar uma pessoa para lhe tratar da casa. Ela não se importava que o seu sotaque e o seu ar estrangeiro dessem a ideia de que precisava de ajuda. Gostava deles e das suas vidas. Vidas a que Obiora muitas vezes chamava "artificiais". No entanto, ela sabia que também ele queria que os filhos fossem como os dos vizinhos, o tipo de criança que recusava comida que tivesse caído ao chão, dizendo que estava "estragada".

Na sua vida, na sua infância, pegava-se na comida a toda a pressa, fosse o que fosse, e comia-se.

Como Obiora ficou com ela nos primeiros meses, os vizinhos não começaram a perguntar por ele até mais tarde. Onde é que estava o marido dela? Passava-se alguma coisa?

Nkem dizia que estava tudo ótimo. Ele vivia na Nigéria e na América; eles tinham duas casas. Ela via a dúvida nos olhos dos vizinhos, sabia que estavam a pensar noutros casais com duas casas em lugares como a Florida e Montreal, casais que habitavam cada uma das casas ao mesmo tempo, juntos.

Obiora riu quando ela lhe disse que os vizinhos sentiam muita curiosidade em relação a eles. Disse que as pessoas oyibo eram mesmo assim. Se alguém fizesse alguma coisa de forma diferente, pensavam que era fora do normal, como se o comportamento deles fosse o único possível. E, embora Nkem conhecesse muitos casais nigerianos que viviam juntos todo o ano, não disse nada.

Nkem passa a mão pelo metal arredondado do nariz da máscara de Benim. Uma das melhores imitações, dissera Obiora quando a tinha comprado, alguns anos antes. Contou-lhe que os Britânicos tinham roubado as máscaras originais em finais do século XIX durante aquilo a que chamaram a Expedição Punitiva; falou de como os Britânicos tinham a mania de usar palavras como "expedição" e "pacificação" em vez de "matar" e de "roubar". As máscaras—milhares delas, disse Obiora—tinham sido consideradas "saque de guerra" e estavam agora expostas em museus por todo o mundo.

Nkem pega na máscara e encosta o seu rosto a ela; é fria, pesada, sem vida. No entanto, quando Obiora fala sobre ela—e sobre todos os outros objetos—faz com que pareçam respirar, possuir calor. No ano passado, quando comprou a terracota nok que está em cima da mesa na entrada, disse-lhe que o antigo povo nok usava os originais para venerar os antepassados, colocando-os em santuários e oferecendo-lhes alimentos. E os Britânicos também se tinham apoderado da maior parte, dizendo às pessoas (recentemente convertidas ao cristianismo e estupidamente cegas, disse Obiora) que as esculturas eram pagãs. Nunca damos valor ao que temos, dizia sempre por fim Obiora, antes de repetir a história do chefe de estado tonto que tinha ido ao Museu Nacional em Lagos e obrigara o curador a dar-lhe um busto com quatrocentos anos, que em seguida ofereceu à rainha britânica. Por vezes, Nkem duvida dos factos que Obiora refere, mas escuta-o por causa da sua maneira apaixonada de falar, por causa do brilho nos seus olhos, como se estivesse prestes a chorar.

Pergunta-se o que ele trará na próxima semana; passou a sentir expectativa perante a chegada das peças de arte, poder tocar-lhes, imaginar os originais, imaginar as vidas por detrás deles. Na próxima semana, quando os seus filhos disserem mais uma vez "Papá" a alguém real, não a uma voz ao telefone; quando ela acordar à noite e ouvir rressonar a seu lado; quando vir outra toalha usada no quarto de banho.

Nkem vê as horas no descodificador da televisão. Tem uma hora antes de ir buscar os filhos. Entre os cortinados que a sua empregada, Amaechi, abriu com tanto cuidado, o sol derrama um retângulo de luz amarela sobre a mesa de vidro. Senta-se na beira do sofá de couro e olha à sua volta, recorda o homem que veio fazer a entrega da Ethan Interiors, que trocou o quebra-luz no outro dia.—Tem uma bela casa, minha senhora—tinha dito, com aquele curioso sorriso americano que significava que acreditava que

também ele poderia ter algo assim um dia. É uma das coisas de que ela aprendeu a gostar na América, a abundância de esperança sem razão.

Ao princípio, quando veio para a América para ter o bebé, sentia-se orgulhosamente entusiasmada porque tinha casado com um membro de uma liga cobiçada, a Liga dos Homens Nigerianos Ricos que Mandavam as Mulheres para a América para Terem os Seus Filhos. Depois, a casa que tinham arrendado foi posta à venda. Um bom preço, disse Obiora, antes de lhe dizer que a comprariam. Ela gostava quando ele dizia "nós", como se ela, de facto, tivesse algum voto na matéria. E gostava que ele tivesse passado a pertencer a mais outra liga, a dos Homens Nigerianos Ricos que Tinham Casa na América.

Nunca chegaram a decidir que ela ficaria na América com os filhos—Okey nasceu três anos depois de Adanna. Aconteceu. Ao princípio ela ficou, depois de ter Adanna, para fazer uma série de cursos de Informática, porque Obiora disse que era uma boa ideia. Depois Obiora inscreveu Adanna na pré-primária quando Nkem estava grávida de Okey. Depois encontrou um bom colégio particular e disse-lhe que tinham sorte por ser tão perto. Eram só quinze minutos de carro para levar a Adanna. Ela nunca tinha imaginado que os seus filhos iriam frequentar a escola, com crianças brancas cujos pais tinham mansões em colinas isoladas, nunca tinha imaginado esta vida.

Por isso, não disse nada.

Obiora vinha de visita quase todos os meses nos primeiros dois anos, e ela e os filhos voltavam a casa no Natal. Depois, quando ele finalmente conseguiu o enorme contrato do governo, decidiu que só viria de visita no verão. Por dois meses. Já não podia viajar com tanta frequência, não queria arriscar-se a perder aqueles contratos do governo. E não paravam de lhe vir ter às mãos, aqueles contratos. Apareceu na Lista dos Cinquenta Homens de Negócios Influentes e enviou-lhe as páginas fotocopiadas da Newswatch e ela guardou-as, presas com um clipe, numa pasta.

Nkem suspira, passa a mão pelo cabelo. Dá a sensação de ser demasiado espesso, demasiado velho. Tinha planeado fazer um tratamento de relaxamento amanhã, fazer aquele penteado com as pontas viradas para fora à volta do pescoço como Obiora gosta. E planeou também na sexta-feira depilar os pelos púbicos e ficar só com uma linha fina, como Obiora gosta. Sai para o átrio, sobe as escadas largas e depois volta a descer e vai à cozinha. Costumava andar assim por toda a casa em Lagos, todos os dias, nas três semanas que ela e os filhos lá passavam no Natal. Cheirava o armário de Obiora, passava a mão pelos seus frascos de água de colónia e afastava as suspeitas da sua mente. Numa véspera de Natal, o telefone tocou e desligaram quando Nkem atendeu. Obiora riu e disse:—Algum miúdo na brincadeira—e Nkem disse a si própria que, provavelmente, era mesmo um miúdo na brincadeira ou, melhor ainda, um engano genuíno.

Nkem volta a subir as escadas e entra no quarto de banho, sente o cheiro pungente do desinfetante com que Amaechi acabou de limpar os azulejos. Fita o rosto no espelho; o seu olho direito parece mais pequeno do que o esquerdo. "Olhos de sereia" é o que Obiora diz. Ele acha que são as sereias, não os anjos, os seres mais belos. O

rosto dela sempre deu que falar—como é perfeitamente oval, como a sua pele escura não tem uma única marca—,mas o facto de Obiora dizer que os seus olhos eram olhos de sereia costumava fazê-la sentir-se bela de uma forma nova, como se o elogio lhe desse mais um par de olhos.

Pega na tesoura, a que usa para aparar as fitas de Adanna, e leva-a à cabeça. Pega em madeixas de cabelo e corta rente ao couro cabeludo, deixando o cabelo do comprimento de uma unha, o suficiente para fazer caracóis com um texturizador. Vê o cabelo a flutuar na sua descida, como pedaços de algodão castanho a caírem no lavatório branco.

Corta mais. Tufos de cabelo flutuam e caem como asas de traças queimadas. Avança ainda mais. Cai mais cabelo. Algum entra-lhe para os olhos e faz-lhe comichão. Espirra.

Sente o cheiro do hidratante Pink Oil que aplicou hoje de manhã e pensa na mulher nigeriana que conheceu uma vez—Ifeyinwa ou Ifeoma, não se consegue lembrar -

num casamento em Delaware, cujo marido também vivia na Nigéria, e que tinha cabelo curto, embora o usasse natural, sem relaxante nem texturizador.

A mulher tinha-se queixado, dizendo "os nossos homens" familiarmente, como se o marido de Nkem e o dela estivessem de alguma forma relacionados. Os nossos homens gostam de nos ter aqui, tinha dito a Nkem. Vêm de visita, a negócios ou de férias, deixam-nos a nós e aos nossos filhos com grandes casas e grandes carros, arranjam-nos empregadas da Nigéria a quem não temos de pagar salários americanos exorbitantes e dizem que os negócios são melhores na Nigéria e tudo isso. Mas sabe porque é que eles nunca se mudariam para cá, nem que os negócios fossem melhores? Porque a América não reconhece os Grandes Homens. Ninguém lhes diz:—Senhor! Senhor!—na América.

Ninguém se apressa a limpar o pó à cadeira antes de eles se sentarem.

Nkem tinha perguntado à mulher se planeava voltar para a Nigéria e ela virou-se, com os olhos redondos, como se Nkem tivesse acabado de a trair.—Mas como é que eu posso voltar a viver na Nigéria?—disse.—Quando uma pessoa vive aqui há este tempo todo, deixa de ser a mesma, deixa de ser como as pessoas de lá. Como é que os meus filhos poderiam integrar-se? E Nkem, embora não gostasse das sobancelhas exageradamente depiladas da mulher, tinha compreendido.

Nkem pousa a tesoura e chama Amaechi para limpar o cabelo.

— Minha senhora!—grita Amaechi.—Chim o! Porque é que cortou o cabelo? O que aconteceu?

— Tem de acontecer alguma coisa para eu cortar o cabelo? Limpa-me este cabelo!

Nkem entra no seu quarto. Fita a colcha estampada bem esticada sobre a cama grande de casal. Nem mesmo as mãos eficientes de Amaechi conseguem esconder que um dos lados da cama está liso, que só é usado dois meses por ano. O correio de Obiora está numa pilha arrumada na mesinha de cabeceira, pré-aprovações de cartões de crédito, folhetos da LensCrafters. As pessoas que interessam sabem que na realidade ele vive na Nigéria.

Sai do quarto e fica à porta do quarto de banho enquanto Amaechi limpa o cabelo, varrendo com reverência as madeixas castanhas para um apanhador, como se elas tivessem algum poder. Nkem arrepende-se de lhe ter falado grosso. A distinção entre patroa e empregada foi-se desvanecendo ao longo dos anos. É o que a América nos faz, pensa Nkem. Obriga-nos a ser igualitários. Não se tem ninguém com quem falar, na verdade, a não ser os filhos pequenos, por isso uma pessoa vira-se para a empregada. E, sem dar conta, ela passa a ser uma amiga. Uma igual.

— Tive um dia difícil—diz Nkem ao fim de algum tempo.—Desculpa.

— Eu sei, minha senhora, vejo-o na sua cara—diz Amaechi, e sorri.

O telefone toca e Nkem sabe que é Obiora. Mais ninguém telefona assim tão tarde.

— Querida, kedú?—diz ele.—Desculpa, não pude telefonar mais cedo. Acabei de chegar de Abuja, da reunião com o ministro. O meu voo teve um atraso, partimos à meia-noite. São quase duas da manhã agora. Dá para crer?

Nkem mostra-se compreensiva.

— A Adanna e o Okey kwanu?—pergunta ele.

— Estão ótimos. Estão a dormir.

— Estás doente? Estás bem?—pergunta ele.—Pareces estranha.

— Estou bem.

Sabe que deveria falar-lhe sobre o dia dos filhos, é o que costuma fazer quando ele telefona demasiado tarde para falar com eles. Mas sente a língua inchada, demasiado pesada para que as palavras lhe saiam da boca.

— Como é que esteve o tempo hoje?—pergunta ele.

— Está a aquecer.

— Espero que acabe de aquecer antes de eu chegar—diz ele, e ri.—Marquei o voo hoje. Mal posso esperar para vos ver a todos.

— Ai sim...?—ela começa a falar, mas ele interrompe-a.

— Querida, tenho de desligar. Tenho uma chamada em linha, é o secretário pessoal do ministro a telefonar a esta hora! Amo-te.

— Amo-te—diz ela, embora ela já tenha desligado. Tenta visualizar Obiora, mas não consegue, porque não tem a certeza se ele está em casa, no carro ou noutra sítio.

E depois pergunta-se se ele estará sozinho ou se estará com a rapariga de cabelo curto e encaracolado. Os seus pensamentos vagueiam até ao quarto na Nigéria, o quarto que é dela e de Obiora, que todos os natais continua a dar-lhe a sensação de ser um quarto de hotel.

Será que a rapariga se abraça à almofada a dormir? Será que os gemidos da rapariga ressoam no espelho do toucador? Será que esta rapariga vai ao quarto de banho em bicos de pés, como ela própria fez quando era solteira e o seu namorado casado a tinha levado a passar o fim de semana na sua casa quando a mulher estava fora?

Andou com homens casados antes de Obiora—que rapariga solteira em Lagos não o fazia? Ikenna, um homem de negócios, pagara a conta do hospital do pai dela quando ele fez a operação à hérnia. Tunji, um general do exército já aposentado, tinha mandado consertar o telhado da casa dos pais dela e comprara-lhes os primeiros sofás a sério que tinham tido. Teria considerado a hipótese de ser a sua quarta mulher—ele era muçulmano e podia tê-la pedido em casamento—para ele ajudar a pagar os estudos dos seus irmãos mais novos. Ela era a ada, ao fim e ao cabo, e sentia vergonha, mais ainda do que frustração, por não poder fazer nenhuma das coisas que se esperavam da Primeira Filha, por os seus pais continuarem a viver com dificuldade na quinta sem água, por os seus irmãos ainda andarem a vender pão nos parques das camionetas. Mas Tunji não a pediu em casamento. Houve outros homens depois dele, homens que elogiavam a sua pele de bebé, homens que lhe davam uma ajuda passageira, homens que não a pediram em casamento porque ela tinha frequentado uma escola de secretariado, não uma universidade. Porque, apesar do seu rosto perfeito, enganava-se nos tempos dos verbos em inglês; porque, lá no fundo, continuava a ser uma Moça do Mato.

Depois conheceu Obiora num dia de chuva quando ele entrou na zona de receção da agência publicitária e ela sorriu e disse:—Bom-dia. Posso ajudá-lo?—e ele disse:—Sim, por favor, faça parar a chuva.

Olhos de Sereia, chamou-lhe naquele primeiro dia. Não lhe propôs que se encontrassem numa pensão, como todos os outros homens, levou-a a jantar no restaurante Lagoon, o mais público possível, onde toda a gente poderia vê-los. Fez-lhe perguntas sobre a família. Mandou vir vinho, que lhe deixou um sabor amargo na língua, e disse-lhe:—Hás de vir a gostar—e por isso ela obrigou-se a gostar logo de vinho. Não era nada como as mulheres dos amigos dele, o tipo de mulheres que viajavam para o estrangeiro e se encontravam por acaso às compras no Harrods, e ela ficou à espera que Obiora se apercebesse disso e a deixasse. Mas passaram meses e ele inscreveu os irmãos dela na escola e apresentou-a aos seus amigos no clube de vela e mudou-a do anexo em Ojota para um apartamento a sério, com varanda, em Ikeja. Quando a pediu em casamento, ela pensou que era desnecessário ele fazer o pedido, teria ficado na mesma feliz se ele se tivesse limitado a dar-lhe uma ordem.

Nkem sente agora uma possessividade intensa ao imaginar a tal rapariga nos braços de Obiora, na cama deles. Pousa o telefone, diz a Amaechi que volta já e vai de carro à Walgreens comprar um frasco de texturizador. De novo no carro, acende a luz e fita a embalagem, a imagem de uma mulher com cabelo muito encaracolado.

Nkem está a ver Amaechi a descascar batatas, vê a casca fina descer numa espiral castanha translúcida.

— Tem cuidado. Estás a tirar a casca muito fina—diz.

— A minha mãe costumava esfregar-me casca de inhame na pele se eu tirasse muito inhame com a casca. Fazia comichão durante dias—diz Amaechi com uma risada.

Está a cortar as batatas aos quartos. Na Nigéria, teria usado inhames para a sopa ji akwukwo, mas aqui quase não há inhames na loja africana—verdadeiros inhames africanos, não as batatas fibrosas que os supermercados americanos vendem como inhames. Inhames de imitação, pensa Nkem, e sorri. Nunca disse a Amaechi como as infâncias de ambas tinham sido semelhantes. A mãe dela não lhe esfregava casca de inhame na pele, mas também não havia praticamente inhames. Em vez disso, havia comida improvisada.

Lembra-se de como a mãe arrancava folhas a plantas que mais ninguém comia e fazia sopa com elas, insistindo que eram comestíveis. A Nkem sabiam sempre a urina, porque ela via os garotos da vizinhança a fazer chichi para os caules dessas plantas.

— Quer que use os espinafres ou o onugbu seco, minha senhora?—pergunta Amaechi. Pergunta sempre, quando Nkem fica sentada na cozinha a vê-la cozinhar. Quer que use as cebolas vermelhas ou as brancas? Caldo de carne de vaca ou de galinha?

— Usa o que quiseres—diz Nkem. Não lhe escapa o olhar que Amaechi lhe lança. Normalmente, Nkem diz usa isto ou usa aquilo. Agora, pergunta-se por que é que continuam a jogar aquela charada, quem estão a tentar enganar; ambas sabem que Amaechi é muito melhor na cozinha do que ela.

Nkem observa Amaechi a lavar os espinafres, o vigor dos ombros dela, as suas ancas largas e robustas. Recorda-se da rapariga de dezasseis anos, tímida e ansiosa, que Obiora tinha trazido para a América, que durante meses continuou a sentir-se fascinada pela máquina de lavar louça. Obiora tinha contratado o pai de Amaechi para motorista, comprou-lhe uma motorizada e disse a Nkem que os pais de Amaechi o tinham envergonhado, ajoelhando-se no chão para lhe agradecer, agarrados às suas pernas.

Amaechi está a sacudir o coador cheio de folhas de espinafres quando Nkem diz:—O teu oga Obiora tem uma namorada que se mudou para a casa de Lagos.

Amaechi deixa cair o coador no lava-louça.—Minha senhora?

— Ouviste-me bem—diz Nkem. Ela e Amaechi falam sobre quais as personagens dos Rugrats que as crianças imitam melhor, dizem que o arroz da marca Uncle Bens é melhor do que o basmati para fazer arroz jollof, que as crianças americanas falam com os adultos como se fossem suas iguais. Mas nunca falaram sobre Obiora a não ser para decidir o que ele comerá ou como lavar as suas camisas, quando ele vem de visita.

— Como sabe, minha senhora?—pergunta finalmente Amaechi, virando-se para olhar para Nkem.

— A minha amiga Ijemamaka telefonou e disse-me. Acabou de voltar da Nigéria.

Amaechi está a olhar fixamente para Nkem, como se a desafiasse a desdizer-se.—Mas, minha senhora... tem a certeza?

— Tenho a certeza de que ela não me ia mentir sobre uma coisa dessas—diz Nkem, recostando-se na cadeira. Sente-se ridícula. Pensar que está a afirmar que a namorada do marido se mudou para a casa deles. Talvez devesse duvidar: talvez devesse lembrar-se da inveja fria de Ijemamaka, de como ela tem sempre alguma coisa a dizer para a demolir. Mas nada disto importa, porque ela sabe que é verdade: está uma estranha na sua casa. E não parece propriamente adequado referir-se à casa em Lagos, no bairro de Victoria Garden City, onde as mansões se escondem por trás de portões altos, como a sua casa. Esta é que é a sua casa, esta casa castanha nos subúrbios de Filadélfia, com um sistema de rega automática que faz arcos de água perfeitos no verão.

— Quando o oga Obiora chegar na semana que vem, minha senhora, vai discutir o assunto com ele — diz Amaechi com um ar resignado, deitando óleo vegetal para um tacho.

— Ele vai-lhe pedir para sair da casa. Não está certo, mudá-la para a casa da senhora.

— E depois, quando ele a tirar de lá, o que é que acontece?

— A senhora vai-lhe perdoar. Os homens são mesmo assim.

Nkem olha para Amaechi, para a forma como os seus pés, enfiados em chinelos azuis, são tão firmes, assentes no chão. — E se eu te dissesse que ele tem uma namorada?

Não que ela se mudou lá para casa, só que ele tem uma namorada?

— Não sei, minha senhora. — Amaechi evita o olhar da patroa. Atira as rodelas de cebola para o óleo a ferver e recua quando começam a crepitar.

— Pensas que o oga Obiora sempre teve namoradas, não pensas?

Amaechi mexe as cebolas. Nkem pressente a tremura nas suas mãos.

— Não me compete dizer, minha senhora.

— Eu não te teria contado se não quisesse falar contigo sobre o assunto, Amaechi.

— Mas, minha senhora, a senhora também sabe.

— Sei? Sei o quê?

— Sabe que o oga Obiora tem namoradas. Não faz perguntas. Mas no seu íntimo sabe.

Nkem sente uma ardência desconfortável na orelha esquerda. O que significa saber, realmente? Será de facto saber, a sua recusa em pensar concretamente sobre outras mulheres? A sua recusa em considerar sequer essa possibilidade?

— O oga Obiora é um bom homem, minha senhora, e ama-a, não a usa para jogar futebol.

Amaechi tira o tacho do lume e olha a direito para Nkem. O seu tom de voz é suave, quase adulator.

— Muitas mulheres sentiriam inveja, talvez a sua amiga Ijemamaka sinta inveja. Talvez ela não seja uma verdadeira amiga. Há coisas que ela não devia dizer-lhe. Há coisas que não têm mal se não se souberem.

Nkem passa a mão pelo seu cabelo curto e encaracolado, pegajoso por causa do texturizador e do ativador de caracóis que tinha aplicado. Depois levanta-se para passar as mãos por água. Quer concordar com Amaechi, que há coisas que é melhor não saber, mas já não tem assim tanta certeza. Talvez não seja mau que a Ijemamaka me tenha contado, pensa. Já não importa porque é que a Ijemamaka telefonou.

— Olha as batatas — diz.

Mais tarde, ao serão, depois de deitar os filhos, pega no telefone da cozinha e liga o número com catorze algarismos. Quase nunca telefona para a Nigéria. É Obiora quem telefona, porque o seu telemóvel da Worldnet tem um bom tarifário para chamadas internacionais.

— Estou? Boa-noite — é uma voz masculina. Pouco polida. Com uma pronúncia rural igbo.

— É a tua patroa da América.

— Ah, minha senhora! — a voz muda, fica mais calorosa. — Boa-noite, minha senhora.

— Quem fala?

— Uchenna, minha senhora. Sou o novo empregado.

— Quando entraste ao serviço?

— Há duas semanas, minha senhora.

— O oga Obiora está?

— Não, minha senhora. Ainda não voltou de Abuja.

— Está aí mais alguém?

— Como, minha senhora?

— Está aí mais alguém?

— O Sylvester e a Maria, minha senhora.

Nkem suspira. Sabe que o mordomo e a cozinheira estariam lá, claro, é meia-noite na Nigéria. Mas será que este novo empregado soa hesitante, este novo empregado que Obiora se esqueceu de lhe mencionar? Será que a rapariga com o cabelo aos caracóis está lá? Ou terá acompanhado Obiora na viagem de negócios a Abuja?

— Está mais alguém aí?—Nkem volta a perguntar.

Uma pausa.—Minha senhora?

— Está mais alguém em casa para além do Sylvester e da Maria?

— Não, minha senhora, não.

— Tens a certeza?

Uma pausa mais longa.—Sim, minha senhora.

— OK. Diz ao oga Obiora que eu telefonei.

Nkem desliga logo. Foi nisto que eu me tornei, pensa. Estou a espiar o meu marido através de um novo empregado que nem sequer conheço.

— Quer uma bebida?—diz Amaechi, olhando para ela, e Nkem pensa se será pena, aquele brilho líquido nos olhos ligeiramente oblíquos de Amaechi. Uma bebidazinha é a tradição das duas, dela e de Amaechi, há já alguns anos, desde o dia em que Nkem obteve a autorização de residência, o green card. Abrira uma garrafa de champanhe nesse dia e servira as duas, depois de as crianças terem ido para a cama.—À América!—tinha dito, por entre as risadas demasiado ruidosas de Amaechi. Já não voltaria a ter de requerer vistos para entrar na América, já não teria de aturar perguntas condescendentes na embaixada americana. Graças ao cartão duro de plástico com a fotografia em que ela parecia amuada. Porque agora realmente pertencia a este país, a este país de curiosidades e de grosserias, a este país onde se podia conduzir à noite sem recear ladrões armados, onde os restaurantes serviam a uma só pessoa comida suficiente para três.

Sente saudades de casa, dos amigos, da cadência do igbo e do yoruba e do inglês pidgin falado à sua volta. E quando a neve cobre a boca de incêndio amarela na rua, sente saudade do sol de Lagos, que brilha mesmo quando está a chover. Pensa por vezes em regressar a casa, mas nunca a sério, nunca concretamente. Vai a uma aula de pilates duas vezes por semana em Filadélfia com a vizinha; faz bolachas para os filhos levarem para a escola e as dela são sempre as preferidas; conta que os bancos tenham drive-in. A América entranhou-se-lhe, insinuou as suas raízes debaixo da sua pele.

— Sim, uma bebidazinha—diz a Amaechi.—Traz o vinho que está no frigorífico e dois copos.

Nkem não depilou os pelos púbicos; não há uma linha fina entre as suas pernas quando vai ao aeroporto buscar Obiora. Olha pelo espelho retrovisor para Okey e Adanna, sentados no banco de trás com o cinto posto. Estão calados hoje, como se presentissem a sua reserva, o riso ausente do seu rosto. Costumava rir-se bastante na ida ao aeroporto para ir buscar Obiora, ao abraçá-lo, ao vê-lo abraçar os filhos. Costumavam jantar fora no primeiro dia, no Chilis ou noutra restaurante, onde Obiora ficava a olhar para os filhos a colorirem os menus. Obiora distribuía os presentes quando chegavam a casa e os filhos ficavam a pé até tarde, a brincar com os novos brinquedos. E ela punha o novo perfume forte que ele tivesse trazido antes de ir para a cama e vestia uma das camisas de noite rendadas que só usava dois meses por ano.

Ele maravilhava-se sempre com aquilo que os filhos já eram capazes de fazer, com o que lhes agradava e o que não lhes agradava, embora fossem tudo coisas que ela lhe contara ao telefone. Quando Okey vinha a correr para ele com um dói-dói, Obiora dava-lhe um beijinho e depois ria-se do costume engraçado dos Americanos de beijar feridas.—Será que a saliva cura as feridas?—perguntava. Quando os seus amigos vinham de visita ou telefonavam, ele dizia aos filhos para cumprimentarem o Tio, mas

primeiro, a brincar com os amigos, dizia:—Espero que compreendas o inglês todo importante que eles falam; agora são americanah, oh!

No aeroporto, as duas crianças abraçam Obiora com o mesmo entusiasmo inocente de sempre, gritando:—Papá!

Nkem observa-as. Dentro de pouco tempo, já não se deixarão levar por brinquedos e viagens no verão, e começarão a pôr em questão um pai que veem tão poucas vezes por ano.

Depois de Obiora a beijar nos lábios, recua uns passos para olhar para ela. Ele não parece ter mudado: um homem baixo, vulgar, com pele clara, envergando um blazer caro e uma camisa púrpura.

— Querida, como estás?—pergunta ele.—Cortaste o cabelo?

Nkem encolhe os ombros, faz um sorriso que quer dizer Presta atenção aos miúdos primeiro. Adanna está a puxar a mão de Obiora, a perguntar o que trouxe o papá e se pode abrir a mala dele no carro.

Depois do jantar, Nkem senta-se na cama e examina a cabeça de Ife em bronze que Obiora lhe disse ser de facto latão. É colorida, de tamanho natural, com um turbante.

É o primeiro original que Obiora compra.

— Temos de ter muito cuidado com esta—diz ele.

— Um original—diz ela, surpreendida, passando a mão pelas incisões paralelas no rosto.

— Algumas datam do século XI—diz ele, e senta-se ao lado dela para tirar os sapatos. Está com a voz estridente, excitado.—Mas esta é do século XVIII. Incrível.

Decididamente, vale o que custou.

— Para que era usada?

— Era um objeto decorativo para o palácio do rei. A maioria era feita para recordar ou honrar os reis. Não é perfeita?

— É—diz ela.—Tenho a certeza de que também fizeram coisas terríveis com isto.

— O quê?

— Como faziam com as máscaras de Benim. Disseste-me que matavam pessoas para arranjam cabeças humanas para sepultar o rei.

O olhar de Obiora mantém-se fixo nela.

Ela toca na cabeça de latão com uma unha.—Achas que as pessoas eram felizes?—pergunta.

— Que pessoas?

— As pessoas que tinham de matar pelo seu rei. Tenho a certeza de que gostariam de poder mudar a situação, não podiam estar felizes.

A cabeça de Obiora está inclinada para o lado enquanto a fita.—Bem, talvez há novecentos anos não definissem "feliz" como nós agora.

Ela pousa a cabeça de latão; apetece-lhe perguntar a Obiora como ele define "feliz".

— Porque é que cortaste o cabelo?—pergunta Obiora.

— Não gostas?

— Eu adorava o teu cabelo comprido.

— Não gostas de cabelos curtos?

— Porque é que o cortaste? É a nova moda na América?—ele ri-se enquanto tira a camisa para se meter no chuveiro.

A barriga dele parece diferente. Mais redonda e mais flácida. Nkem pergunta-se como é que as raparigas de vinte e tal anos suportam aquele sinal evidente da autocomplacência da meia-idade. Tenta lembrar-se dos homens casados com quem tinha namorado. Tinham barrigas flácidas como Obiora? Não se recorda. Subitamente, não consegue lembrar-se de nada, não consegue recordar para onde foi a sua vida.

— Pensei que ias gostar—diz ela.

— Tudo te fica bem com a tua cara linda, querida, mas gostava mais de te ver com o cabelo comprido. Devias deixá-lo crescer. O cabelo comprido fica mais gracioso à mulher de um Grande Homem.—Faz uma careta quando diz "Grande Homem" e ri.

Está nu; espreguiça-se e ela observa a maneira como a sua barriga sobe e desce. Nos primeiros anos, ela tomava duche com ele, caía de joelhos e metia o pénis dele na boca, excitada por ele e pelo vapor que os envolvia. Mas agora as coisas são diferentes. Ela amoleceu, como a barriga dele, tornou-se maleável, resignada. Fica a vê-lo entrar no quarto de banho.

— Podemos atafulhar um ano de casamento em dois meses no verão e três semanas em dezembro?— pergunta ela.—Podemos comprimir um casamento?

Obiora puxa o autoclismo, com a porta aberta.—O quê?

— Rapuba. Nada.

— Vem tomar um duche comigo.

Ela liga a televisão e faz de conta que não o ouviu. Pensa na rapariga de cabelo curto e encaracolado, se tomará duches com Obiora. Tenta visualizar o chuveiro na casa de Lagos, mas não consegue. Muitos dourados, mas talvez esteja a confundi-lo com um quarto de banho de um hotel.

— Querida? Vem tomar um duche comigo—diz Obiora, espreitando do quarto de banho.

Já não lho pedia há uns dois anos. Ela começa a despir-se.

No duche, enquanto lhe ensaboa as costas, ela diz:—Temos de arranjar uma escola para a Adanna e para o Okey em Lagos.

Não tinha planeado dizê-lo, mas parece certo, é o que sempre quis dizer.

Obiora vira-se e fita-a.—O quê?

— Vamos voltar no fim do ano letivo. Vamos voltar para viver em Lagos. Vamos voltar.

Fala lentamente, para o convencer, para se convencer a si própria também. Obiora continua a fitá-la e ela sabe que ele nunca a ouviu falar com tanta firmeza, que nunca a viu tomar uma posição. Pergunta-se vagamente se terá sido isso que lhe terá atraído de início, o facto de ela ser deferente, de deixar que ele falasse por ambos.

— Nós podemos passar férias aqui, juntos—diz ela. Sublinha o "nós".

— O quê...? Porquê?—pergunta Obiora.

— Eu quero ficar a saber quando se contrata um novo empregado na minha casa—diz Nkem.—E as crianças precisam de ti.

— Se é isso que queres—diz Obiora por fim.—Havemos de falar sobre o assunto.

Ela fá-lo voltar-se, suavemente, e continua a ensaboar-lhe as costas. Não há nada mais de que falar, Nkem sabe; está feito.

UMA EXPERIÊNCIA PRIVADA

Chika trepa pela janela da loja primeiro e depois segura os estores enquanto a mulher trepa a seguir a ela. A loja dá a ideia de ter sido abandonada muito antes de os motins começarem; as filas de prateleiras de madeira vazias estão cobertas por uma poeira amarela, assim como os recipientes de metal a um canto. A loja é pequena, mais pequena do que o quarto de vestir de Chika em sua casa. A mulher entra e os estores da janela gemem quando Chika os larga. As mãos de Chika estão a tremer, ela tem a barriga das pernas a arder, depois da corrida trôpega do mercado com as sandálias de salto alto. Quer agradecer à mulher por a fazer parar quando ela passava a correr, por lhe dizer:—Não correr para aí!—e por a conduzir a esta loja vazia onde poderiam esconder-se. Mas antes de ter tempo de agradecer, a mulher diz, tocando no seu pescoço nu:—Perdi meu colar quando estou correndo.

— Eu deixei cair tudo—diz Chika.—Estava a comprar laranjas e deixei cair as laranjas e a minha carteira.

Não acrescenta que a carteira era uma Burberry, um modelo original que a mãe lhe tinha comprado numa ida recente a Londres.

A mulher suspira e Chika imagina que ela está a pensar no seu colar, provavelmente de contas de plástico enfiadas num pedaço de cordel. Mesmo sem ouvir a pronúncia haúça cerrada da mulher, Chika vê bem que ela é nordestina, por causa do seu rosto estreito, das maçãs do rosto estranhamente salientes; e que é muçulmana, por causa do lenço. Está agora à volta do pescoço da mulher, mas provavelmente antes trazia-o a emoldurar-lhe o rosto, a cobrir-lhe as orelhas. Um lenço comprido e fino, cor-de-rosa e preto, com a boniteza espampanante das coisas baratas. Chika pergunta-se se a mulher também estará a observá-la, se a mulher adivinha, por causa da sua pele clara e do terço de prata que a mãe insiste que ela use, que ela é igbo e cristã. Mais tarde, Chika ficará a saber que enquanto ela e a mulher estão a conversar, muçulmanos haúças estão a matar cristãos igbos com machetes e a apedrejá-los. Mas agora diz:—Obrigada por me ter chamado. Aconteceu tudo tão depressa, e toda a gente se pôs a correr e eu vi-me subitamente sozinha e não sabia o que fazer. Obrigada.

— Este sítio seguro—diz a mulher numa voz tão baixa que soa como um murmúrio.—Eles vão não a loja pequena-pequena, só a loja grande-grande e a mercado.

— Pois é—diz Chika. Mas não tem qualquer motivo para concordar ou discordar, não sabe nada de motins: o mais perto que já esteve deles foi no comício pró-democracia na universidade, algumas semanas antes, onde tinha empunhado um ramo verde-vivo e se juntara ao coro de "Os militares têm de ir embora! Abacha tem de ir! Democracia agora!" Aliás, nem sequer teria participado nesse comício se a sua irmã Nnedi não fosse uma das pessoas da organização que tinham ido de residência em residência a entregar panfletos e a falar aos estudantes sobre a importância de "fazermos ouvir a nossa voz".

As mãos de Chika ainda estão a tremer. Nem há meia hora, estava no mercado com Nnedi. Estava a comprar laranjas e Nnedi tinha continuado a andar para ir comprar amendoins e depois ouviram-se gritos em inglês, em pidgin, em haúça, em igbo. "Motim! Vem aí confusão, oh! Mataram um homem!" Depois, as pessoas à sua volta desataram a correr, a empurrarem-se umas às outras, a derrubarem carrinhos de mão cheios de inhames, a deixarem por terra legumes pisados cujo preço estavam a regatear instantes antes. Chika sentiu o cheiro a suor e a medo e correu ela também, atravessando ruas largas até chegar a esta rua estreita, que receava—sentia—ser perigosa, até ver esta mulher.

Ela e a mulher ficam de pé em silêncio na loja por algum tempo, olhando pela janela por onde entraram, com os seus estores de madeira rangentes a balouçar-se no ar. A rua está calma ao princípio, mas depois ouvem o som de pés a correr. Afastam-se ambas da janela, instintivamente, embora Chika consiga ver ainda um homem e uma mulher a passarem, a mulher a segurar os panos acima dos joelhos e

com um bebé atado às costas. O homem está a falar rapidamente em igbo e Chika só ouve:—Ela é capaz de ter fugido para casa do Tio.

— Fechar janela—diz a mulher.

Chika fecha as janelas e, sem o ar da rua a entrar, a poeira naquele espaço fica subitamente tão espessa que ela consegue vê-la a erguer-se acima da sua cabeça.

A loja está abafada e não cheira como nas ruas, àquele fumo da cor do céu que anda no ar por altura do Natal, quando as pessoas atiram com carcaças de cabra para as fogueiras para queimar os pelos da pele. As ruas por onde ela correu às cegas, sem saber ao certo em que direção Nnedi tinha fugido, sem saber ao certo se o homem que corria ao seu lado era amigo ou inimigo, sem saber ao certo se deveria parar e agarrar numa daquelas crianças com um ar perplexo que se tinham perdido da mãe na debandada, sem saber sequer ao certo quem era quem ou quem estava a matar quem.

Mais tarde, verá os cascós dos carros queimados, buracos irregulares no lugar das janelas e do para-brisas, e imaginará os carros a arder, espalhados pela cidade como fogueiras de piquenique, testemunhas silenciosas de tanta coisa. Descobrirá que tudo tinha começado no parque das camionetas, quando um homem passou com o carro por cima de um exemplar do Corão que estava na berma da estrada, um homem que por acaso era igbo e cristão. Os homens que estavam por perto, homens que ficavam por ali sentados todo o dia a jogar damas, homens que por acaso eram muçulmanos, arrancaram-no da sua camioneta de caixa aberta, decapitaram-no com um golpe de machete e levaram a cabeça para o mercado, pedindo a outros que se lhes juntassem; o infiel tinha profanado o Livro Sagrado. Chika imaginará a cabeça do homem, com a pele cinzenta na morte, engasgar-se-á e vomitará até lhe doer o estômago. Mas agora pergunta à mulher:—Ainda sente o cheiro a fumo?

— Sinto—diz a mulher. Desaperta o seu pano verde e estende-o no chão sujo de pó. Só traz uma blusa e uma combinação preta de um tecido brilhante, rasgada nas costuras.

— Vem sentar.

Chika olha para o pano esfiapado no chão; provavelmente é um dos únicos dois que a mulher tem. Olha para a sua saia de ganga e T-shirt vermelha com a Estátua da Liberdade estampada, que comprou quando ela e Nnedi passaram algumas semanas no verão com parentes em Nova Iorque.

— Não, o seu pano vai ficar sujo—diz.

— Senta—diz a mulher.—Nós esperar aqui muito tempo.

— Sabe quanto tempo...?

— Esta noite ou amanhã de manhã.

Chika põe a mão na testa, como se estivesse a ver se tem febre por causa da malária. O toque da palma fria da sua mão costuma acalmá-la, mas agora tem a mão húmida e transpirada.—Eu deixei a minha irmã a comprar amendoins. Não sei onde ela está.

— Ela foi em lugar seguro.

— Nnedi.

— Eh?

— A minha irmã. Chama-se Nnedi.

— Nnedi—repete a mulher, e a sua pronúncia haúça envolve o nome igbo numa doçura leve como uma pena.

Mais tarde, Chika percorrerá as morgues dos hospitais à procura de Nnedi; irá a escritórios de jornais com a fotografia dela e de Nnedi tirada num casamento na semana anterior, aquela fotografia em que tinha um sorriso estúpido no rosto, porque Nnedi lhe tinha dado um beliscão mesmo antes de lhes tirarem a fotografia, as duas de vestidos cai-cai com um estampado tradicional africano a condizer. Afixará cópias da fotografia nas paredes do mercado e nas lojas das redondezas. Não encontrará Nnedi. Nunca encontrará Nnedi. Mas agora diz à mulher:—A Nnedi e eu viemos cá acima na semana passada para visitar a nossa tia. Estamos de férias.

— Onde tu vai na escola?—pergunta a mulher.

— Andamos na Universidade de Lagos. Eu estou a estudar Medicina. A Nnedi estuda Ciência Política.

Chika pergunta-se se a mulher saberá sequer o que quer dizer andar na universidade. E pergunta-se também se terá mencionado a universidade só para recordar a si própria a realidade de que precisa agora—que Nnedi não está perdida num motim, que Nnedi está em segurança algures, provavelmente a rir daquela maneira descontraída, de boca toda aberta, provavelmente a expor um dos seus argumentos políticos. Como por exemplo que o governo do general Abacha estava a usar a sua política externa para se legitimar aos olhos de outros países africanos. Ou como a enorme popularidade de extensões de cabelo louro era um resultado direto do colonialismo britânico.

— Só passámos uma semana aqui com a nossa tia, nunca tínhamos vindo a Kano—diz Chika, e apercebe-se de que o que sente é isto: ela e a irmã não deveriam ser afetadas pelo motim. Motins como estes eram algo sobre o qual ela lia nos jornais. Motins como este eram o que acontecia a outras pessoas.

— Vossa tia no mercado?—pergunta a mulher.

— Não, está a trabalhar. É diretora num ministério.

Chika leva outra vez a mão à testa. Baixa-se e senta-se, muito mais perto da mulher do que seria normal, para ficar com todo o corpo em cima do pano. Sente um cheiro qualquer na mulher, algo acre como a barra de sabão que a criada lá de casa usa para lavar a roupa de cama.

— Vossa tia estar em lugar seguro.

— Está—diz Chika. A conversa parece surreal; sente-se como se estivesse a observar-se a si própria.—Ainda não consigo acreditar que isto está a acontecer, este motim.

A mulher está a olhar fixamente em frente. Tudo nela é longo e delgado, as pernas estendidas, os dedos das mãos com unhas tingidas com hena, os pés.—É obra do Mal—diz por fim.

Chika pergunta-se se é tudo o que a mulher pensa dos motins, se é só assim que os vê, como Mal. Queria que Nnedi estivesse aqui. Imagina os olhos de Nnedi, da cor de chocolate, a iluminarem-se, os seus lábios a mexerem-se rapidamente, a explicar que os motins não acontecem num vácuo, que a religião e a etnicidade são frequentemente politizadas, porque o governante está em segurança se os governados com fome andarem a matar-se uns aos outros. Chika sente uma ponta de culpa por se ter perguntado se a mente desta mulher será suficientemente evoluída para apreender algo disso.

— Na escola ver gente doente agora?—pergunta a mulher.

Chika desvia o olhar rapidamente para que a mulher não veja a surpresa nele.—A parte clínica? Sim, começámos no ano passado. Vemos doentes no hospital universitário—diz. Não acrescenta que muitas vezes sente ataques de incerteza, que se deixa ficar para trás no grupo de seis ou sete alunos, evitando os olhos do professor na esperança de que não lhe seja pedido que examine um paciente e faça o seu diagnóstico diferencial.

— Eu sou vendedeira—diz a mulher.—Vender cebolas.

Chika tenta detetar sarcasmo ou repreensão no tom de voz, mas não consegue. A voz continua firme e baixa, a voz de uma mulher a dizer simplesmente o que faz.

— Espero que não destruam as bancas do mercado—responde Chika; não sabe que outra coisa dizer.

— Cada vez que há motins, estragar o mercado—diz a mulher.

Chika quer perguntar à mulher a quantos motins já assistiu, mas não diz nada. Leu notícias sobre motins anteriores: fanáticos muçulmanos haúças a atacarem cristãos igbos, e por vezes cristãos igbos em missões assassinas de vingança. Não quer ter uma conversa em que se identifiquem culpados.

— Meu mamilo arde como pimenta—diz a mulher.

— O quê?

— Meu mamilo arde como pimenta.

Antes de Chika ter tempo de reprimir a surpresa na garganta e de falar, a mulher puxa a blusa para cima e desaperda o fecho à frente do seu soutien preto e gasto.

Tira o dinheiro, notas de dez e de vinte nairas dobradas dentro do soutien, antes de libertar os seus seios fartos.

— Arde como pimenta—diz, com os seios nas mãos e inclinando-se para Chika, como que numa oferenda. Chika mexe-se. Lembra-se da consulta de pediatria, apenas uma semana antes: o professor, o Dr. Olunloyo, queria que todos os estudantes sentissem o sopro cardíaco de estádio quatro de um rapazinho, que os fitava com um olhar de curiosidade. O médico disse-lhe para ser ela a primeira e ela começou a transpirar, a cabeça subitamente vazia, já sem ter a certeza de onde ficava o coração.

Por fim, tinha posto a mão trémula à esquerda do mamilo do rapazinho e a vibração do sangue a fluir, a circular para o lado errado, brr-brr-brr, a pulsar contra os seus dedos, fê-la gaguejar e dizer:— Desculpa, desculpa—ao rapazinho, embora ele estivesse a sorrir-lhe.

Os mamilos da mulher não são nada como os do rapazinho. Estão gretados, com a pele retesada e castanho-escura, as aréolas num tom mais claro. Chika olha com atenção para eles, estende a mão e toca-os.—Tem um bebé?—pergunta.

— Tenho. Um ano.

— Tem os mamilos secos, mas não parecem estar infetados. Depois de dar de mamar ao bebé, tem de aplicar uma loção. E quando lhe der de mamar, tem de se assegurar de que o mamilo e também esta parte, a aréola, ficam dentro da boca do bebé.

A mulher olha longamente para Chika.—Primeira vez disto. Tenho cinco filhos.

— Aconteceu o mesmo à minha mãe. Os mamilos dela ficaram gretados quando teve o sexto filho e não sabia o que o tinha causado, até uma amiga lhe dizer que tinha de os hidratar—diz Chika. É raro mentir, mas das poucas vezes que o faz há sempre um objetivo por detrás da mentira. Pergunta-se que objetivo servirá esta mentira, esta necessidade de recorrer a um passado ficcional semelhante ao da mulher; ela e Nnedi são as únicas filhas da sua mãe. Além disso, a mãe dela tinha o Dr. Igbokwe, com a sua formação britânica e a sua afetação, a um telefonema de distância.

— O que sua mãe esfrega no mamilo?—pergunta a mulher.

— Manteiga de cacau. As gretas sararam depressa.

— Eh?—A mulher olha para Chika durante algum tempo, como se esta revelação tivesse criado um laço entre elas.—Está bem, eu arranjo e uso—diz e mexe no lenço durante um momento.—Procurar minha filha. Nós no mercado hoje de manhã. Ela vender amendoim perto da paragem do autocarro, porque há muitos clientes. Depois motim começa e eu procurar ela no mercado para cima e para baixo.

— A bebé?—pergunta Chika, sabendo como a pergunta soa estúpida logo que a faz.

A mulher abana a cabeça e há um clarão de impaciência, até de fúria, nos seus olhos.—Tem problema no ouvido? Não ouvir o que eu digo?

— Desculpe—diz Chika.

— Bebé está na casa! Esta minha primeira filha. Halima—diz a mulher e começa a chorar. Chora baixinho, com os ombros sacudidos por estremeções, não o tipo de choro alto a que as mulheres que Chika conhece se entregam, do tipo que grita Abraça-me e reconforta-me, porque não posso lidar com isto sozinha. O choro desta mulher é privado, como se ela estivesse a cumprir um ritual necessário que não envolvesse mais ninguém.

Mais tarde, quando Chika deseja que ela e Nnedi não tivessem apanhado um táxi para o mercado só para ver um pouco da zona antiga de Kano fora do bairro onde vive a tia delas, desejará também que a filha da mulher, Halima, tivesse estado doente ou cansada ou a sentir preguiça naquela manhã, para não ter ido vender amendoins nesse dia.

A mulher limpa os olhos a uma ponta da blusa.—Que Alá mantém sua irmã e Halima em lugar seguro—diz. E como Chika não tem a certeza do que dizem os muçulmanos para mostrar que concordam

—não deve ser "amém"—limita-se a assentir com a cabeça.

A mulher descobriu uma torneira enferrujada num canto da loja, perto dos recipientes de metal. Talvez onde o lojista ou a lojista lavava as mãos, diz, explicando a Chika que as lojas nesta rua foram abandonadas há meses, depois de o governo as declarar estruturas ilegais a serem demolidas. A mulher abre a torneira e ambas veem—surpreendidas—que sai água. Acastanhada, e tão metálica que Chika já lhe sente o cheiro. De qualquer modo, sai água.

— Eu lavar e rezar—diz a mulher, falando agora mais alto, e ri pela primeira vez, mostrando dentes harmoniosos, os da frente manchados de castanho. As covinhas com que fica ao sorrir são fundas, o suficiente para nelas caber meio dedo, e pouco habituais num rosto tão magro. A mulher lava atabalhoadamente as mãos e a cara, depois tira o lenço do pescoço e estende-o no chão. Chika desvia o olhar. Sabe que a mulher está de joelhos, virada para Meca, mas não olha. É como as lágrimas da mulher, uma experiência privada, e Chika gostaria de poder sair da loja. Ou que também ela conseguisse rezar, também ela conseguisse acreditar num deus, ver uma presença onisciente no ar abafado da loja. Não consegue lembrar-se de uma época em que a sua ideia de Deus não fosse vaga, como o reflexo de um espelho toldado pelo vapor num quarto de banho, e não consegue lembrar-se de alguma vez tentar limpar o espelho.

Toca no terço que ainda usa para fazer a vontade à mãe, às vezes no dedo mínimo e outras vezes no indicador. Nnedi já não usa o dela, disse uma vez com o seu riso rouco:—Os terços são na realidade poções mágicas e dessas eu não preciso, muito obrigada.

Mais tarde, a família mandará rezar missas sem conta para que Nnedi seja encontrada sã e salva, mas nunca pelo descanso da sua alma. E Chika pensará nesta mulher, rezando com a cabeça inclinada para o chão cheio de pó, e mudará de ideias quanto a dizer à mãe que mandar rezar missas é um desperdício de dinheiro, que é só uma maneira de a igreja obter fundos.

Quando a mulher se levanta, Chika sente-se estranhamente cheia de energia. Passaram mais de três horas e ela imagina que o motim já acalmou, que os rebeldes foram dispersando. Tem de ir embora, tem de voltar para ver se Nnedi e a Tia estão bem.

— Tenho de ir—diz Chika.

De novo a expressão de impaciência no rosto da mulher.—Lá fora é perigoso.

— Acho que já se foram embora. Já nem consigo sentir o cheiro a fumo.

A mulher não diz nada, volta a sentar-se em cima do pano. Chika fica a olhar para ela durante uns instantes, decepcionada sem saber porquê. Talvez queira uma bênção da mulher, algo.—A que distância fica a sua casa?—pergunta.

— Longe. Tenho ir dois autocarros.

— Então eu volto com o motorista da minha tia e levo-a a casa—diz Chika.

A mulher desvia o olhar. Chika dirige-se lentamente à janela e abre-a. Espera ouvir a mulher a pedir-lhe que pare, que volte para trás, que não seja precipitada.

Mas a mulher não diz nada e Chika sente o seu olhar calmo nas costas quando salta pela janela para a rua.

As ruas estão em silêncio. O sol está a pôr-se e no lusco-fusco Chika olha à sua volta, sem saber para onde ir. Reza para que apareça um táxi, por magia, por sorte, pela mão de Deus. Depois reza para que Nnedi esteja dentro do táxi, a perguntar-lhe onde raio é que se tinha metido, têm estado todos tão preocupados com ela. Chika ainda não chegou ao fundo da segunda rua, na direção do mercado, quando vê o corpo. Quase não o vê, passa tão próximo que lhe sente o calor. O corpo deve ter sido queimado há muito pouco tempo. O cheiro é nauseante, a carne queimada, diferente de qualquer outro cheiro que ela já

alguma vez tivesse sentido.

Mais tarde, quando Chika e a sua tia vão à procura por toda a cidade de Kano, com um polícia no lugar da frente do carro com ar condicionado da sua tia, ela verá outros corpos, muitos deles queimados, estendidos ao comprido ao longo das ruas, como se alguém os tivesse empurrado cuidadosamente para ali, endireitando-os. Olhará apenas para um dos cadáveres, nu, hirto, com o rosto para baixo, e chamar-lhe-á a atenção o facto de não perceber, olhando só para a carne queimada, se o homem parcialmente queimado é igbo ou haúça, cristão ou muçulmano. Escutará a BBC e ouvirá os relatos das mortes e dos motins—"religiosos, com implicações de tensões étnicas", dirá a voz do locutor. E atirará com o rádio contra a parede e uma raiva feroz e rubra irá percorrê-la ao ver que tudo foi definido e neutralizado e encaixado em tão poucas palavras, todos aqueles corpos. Mas agora o calor do corpo queimado está tão perto dela, tão presente e tão quente, que ela se vira e corre de novo para a loja. Sente uma dor aguda na perna enquanto corre. Chega à loja e bate à janela e continua a bater até a mulher a vir abrir.

Chika senta-se no chão e olha de perto, na penumbra, para o fio de sangue que lhe escorre pela perna. Não consegue focar o olhar. Parece estranho, o sangue, como se alguém lhe tivesse esguichado pasta de tomate para a perna.

— Sua perna. Tem sangue—diz a mulher, num tom de voz um pouco cansado. Molha uma ponta do seu lenço na água da torneira e limpa o corte na perna de Chika e depois ata-lhe o lenço e dá um nó na barriga da perna.

— Obrigada—diz Chika.

— Quer retrete?

— Retrete? Não.

— Os recipientes ali, usar para retrete—diz a mulher. Leva um dos recipientes para as traseiras da loja e pouco depois o fedor enche as narinas de Chika, mistura-se com os cheiros do pó e da água metálica, fá-la sentir-se estonteada e enjoada. Fecha os olhos.

— Desculpa, oh! Meu estômago está mal. Tudo acontecer hoje—diz a mulher atrás dela. Depois, a mulher abre a janela e põe o recipiente lá fora e a seguir lava as mãos na torneira. Volta para junto de Chika e ficam sentadas lado a lado em silêncio; ao fim de algum tempo, ouvem palavras de ordem berradas à distância, palavras que Chika não consegue distinguir. A loja está quase às escuras quando a mulher se estende no chão, com a parte de cima do corpo no pano.

Mais tarde, Chika lerá no jornal *The Guardian* que "os muçulmanos reacionários falantes de haúça do Norte têm um passado de violência contra não muçulmanos" e no meio da sua dor parará para se recordar de que examinou os mamilos e conheceu a delicadeza de uma mulher que era haúça e muçulmana.

Chika mal dorme toda a noite. A janela está bem fechada; o ar está abafado, e o pó, espesso e arenoso, entra-lhe pelo nariz. Não para de ver o cadáver enegrecido a flutuar num halo junto à janela, apontando acusadoramente para ela. Por fim, ouve a mulher levantar-se e abrir a janela, deixando entrar a luz do amanhecer, de um azul mortiço. A mulher fica ali de pé por uns momentos antes de saltar para fora. Chika ouve passos, pessoas a passarem. Ouve a mulher a chamar, com a voz mais alta por reconhecer alguém, e em seguida uma conversa num haúça rápido que Chika não compreende.

A mulher volta a trepar para dentro da loja.—O perigo passou. É Abu. Vender provisões. Vai ver loja dele. Por toda a parte, polícia com gás lacrimogéneo. Homem soldado vir. Eu vou agora, antes que homem soldado fazer problemas.

Chika levanta-se devagar e espreguiça-se; doem-lhe as articulações. Irá a pé todo o caminho até à casa da sua tia no condomínio fechado porque não há táxis na rua, só jipes do exército e carros da polícia em mau estado. Encontrará a sua tia a vaguear de um quarto para o outro com um copo com água na mão,

a repetir sem parar num murmúrio em igbo:—Porque é que eu te convidei a ti e à Nnedi para me visitarem? Porque é que o meu chi me enganou assim?

E Chika vai agarrar com força os ombros da sua tia e vai levá-la até ao sofá.

Agora, Chika desata o lenço da perna, sacode-o, como se assim sacudisse as manchas de sangue e entrega-o à mulher.—Obrigada—diz.

— Lave sua perna bem-bem. Cumprimentos à sua irmã, à sua gente—diz a mulher, apertando o pano à volta da cintura.

— Cumprimentos também à sua gente. Cumprimentos ao seu bebé e a Halima—diz Chika. Mais tarde, ao ir para casa a pé, pegará numa pedra manchada com o acobreado de sangue seco e apertará a recordação infernal contra o peito. E suspeitará nesse momento, numa estranha revelação enquanto agarra a pedra, que nunca encontrará Nnedi, que a sua irmã se foi. Mas agora volta-se para a mulher e diz:— Posso ficar com o seu lenço? Para o caso de voltar a sangrar.

Por um momento, a mulher parece não entender; depois acena a dizer que sim. Talvez haja o princípio de uma futura dor no seu rosto, mas esboça um leve sorriso distraído antes de devolver o lenço a Chika e se voltar para saltar pela janela.

FANTASMAS

Hoje vi Ikenna Okoro, um homem que julgava morto há muito. Talvez devesse ter-me baixado, agarrado numa mancheia de areia e atirado com ela a Okoro, como faz o meu povo para se assegurar de que alguém não é um fantasma. Mas eu sou um homem com uma educação ocidental, um professor universitário jubilado de Matemática com setenta e um anos e supostamente munido de suficiente ciência para rir com indulgência das superstições do meu povo. Não lhe atirei areia. De qualquer modo, não poderia tê-lo feito nem que quisesse, já que nos encontramos no espaço exterior cimentado da tesouraria da universidade.

Eu ia lá para saber da minha pensão, mais uma vez.—Bom-dia, Profe—disse o funcionário com um ar ressequido, Ugwoke.—Desculpe, o dinheiro ainda não chegou.

O outro funcionário, cujo nome já esqueci, baixou a cabeça e também pediu desculpa, enquanto roía um pedaço cor-de-rosa de noz de cola. Estavam habituados a isto.

Eu estava habituado a isto. Assim como os homens maltrapilhos que se juntavam à sombra da acácia-rubra, falando em voz alta entre si, a gesticular. O ministro da Educação tinha roubado o dinheiro das reformas, disse um sujeito. Outro disse que tinha sido o vice-reitor que tinha depositado o dinheiro em contas pessoais com taxas de juro elevadas. Amaldiçoavam o vice-reitor. O seu pénis mirrará. Os seus filhos não terão filhos. Morrerá de diarreia. Quando me aproximei deles, cumprimentaram-me e abanaram a cabeça em jeito de desculpa, como se a minha pensão de professor universitário fosse de algum modo mais importante do que as suas pensões de contínuos ou de motoristas. Chamavam-me Profe, como a maior parte das pessoas, como os vendedores ambulantes sentados ao lado dos seus tabuleiros à sombra das árvores.—Profe!

Profe! Venha comprar boa banana!

Troquei umas palavras com Vincent, que tinha sido o nosso motorista quando eu fui reitor da faculdade nos anos oitenta.—Nenhuma pensão de reforma em três anos, Profe—disse ele.—É por isso que quando as pessoas se reformam, morrem.

— Ojoka—disse eu, embora ele, claro, não precisasse que eu lhe dissesse como era terrível.

— Como está a Nkiru, Profe? Suponho que esteja bem, na América?

Pergunta-me sempre pela nossa filha. Levava-nos muitas vezes, à minha mulher, Ebere, e a mim a visitá-la à Faculdade de Medicina em Enugu. Lembro-me que quando Ebere faleceu ele veio com a família ao mgbalu e fez um discurso comovente, embora um pouco longo, sobre como Ebere sempre o tinha tratado bem quando ele era nosso motorista, como lhe dava as roupas velhas da nossa filha para as filhas dele.

— A Nkiru está bem—disse eu.

— Por favor, dê-lhe os meus cumprimentos quando ela telefonar, Profe.

— Serão entregues.

Falou um pouco mais sobre o facto de o nosso país ainda não ter aprendido a agradecer, sobre os estudantes das residências não lhe pagarem a tempo e horas por lhes consertar os sapatos. Mas era a sua maçã de Adão que me prendia a atenção: movia-se de um modo alarmante, como se estivesse prestes a furar a pele engelhada do seu pescoço e a saltar cá para fora. Vincent é mais novo do que eu, anda pelos sessenta e muitos, mas parece mais velho. Já tem pouco cabelo. Lembro-me bem da sua tagarelice incessante quando me levava à faculdade nos velhos tempos; lembro-me, também, de que ele gostava de ler os meus jornais, uma prática que eu não encorajava.

— Profe, não nos compra umas bananas? A fome está a matar-nos—disse um dos homens reunidos à sombra da acácia. O seu rosto era-me familiar. Acho que era o jardineiro do meu vizinho, o professor

Ijere. Falou num tom meio a brincar meio a sério, mas compreí-lhes amendoins e um cacho de bananas, embora aquilo de que aqueles homens realmente precisassem era de um creme hidratante. Os seus rostos e os seus braços pareciam cinza. Estamos quase em março, mas a época do harmatão ainda por cá está: os ventos secos, a eletricidade estática nas minhas roupas, a poeira fina nas pestanas. Hoje apliquei mais loção hidratante do que o habitual, e vaselina nos lábios, mas mesmo assim a secura fazia-me sentir a pele das mãos e da cara repuxada.

Ebere costumava ralhar-me por eu não hidratar convenientemente a pele, especialmente durante o harmatão, e, por vezes, depois de eu tomar o meu banho matinal, ela esfregava-me lentamente Nivea nos braços, nas pernas, nas costas. Temos de cuidar desta bela pele, dizia, com aquele riso brincalhão dela. Sempre dissera que a minha pele fora o traço que a convencera, já que eu não tinha dinheiro como todos aqueles outros pretendentes que lhe rondavam o apartamento na Elias Avenue em 1961. "Sem marcas", dizia ela da minha pele. Eu não via nada especialmente distintivo no meu tom castanho-escuro, mas acabei por ir ficando um bocado convencido com o passar dos anos, com as massagens das mãos da Ebere.

— Obrigado, Profe!—disseram os homens, e depois começaram a pegar uns com os outros para ver quem repartiria a comida.

Eu deixei-me ficar por ali a ouvir a conversa deles. Sabia que falavam de um modo mais respeitoso por eu estar presente: a carpintaria que não ia nada bem, os filhos que estavam doentes, os problemas com os prestamistas. Riam-se com frequência. É claro que nutrem ressentimentos, é natural, mas de algum modo não lhes afetou a integridade de espírito. Pergunto-me muitas vezes se seria como eles se não tivesse poupado dinheiro do que ganhei com os destacamentos no Gabinete Federal de Estatística e se Nkiru não insistisse em mandar-me dólares de que eu não preciso. Duvido; provavelmente, ter-me-ia encolhido como uma tartaruga na sua concha e teria deixado que a minha dignidade se fosse desvanecendo.

Por fim, despedi-me deles e dirigi-me para o meu carro, que estava estacionado perto dos pinheiros sibilantes que escondem a Faculdade de Educação da Tesouraria.

Foi então que vi Ikenna Okoro.

Ele chamou-me primeiro.—James? James Nwoye, és tu?—disse, e ficou ali com a boca aberta e eu vi que ainda tem os dentes todos. Eu perdi um no ano passado. Recusei submeter-me àquilo a que Nkiru chama "trabalho dentário", mas mesmo assim senti um certo azedume ao ver a dentição sem falhas de Ikenna.

— Ikenna? Ikenna Okoro?—perguntei, daquele modo hesitante com que se sugere algo que não é possível: o regresso à vida de um homem que morreu há trinta e sete anos.

— Sim, sim—Ikenna aproximou-se com um andar hesitante. Demos um aperto de mãos e depois um abraço breve.

Não tínhamos sido grandes amigos, o Ikenna e eu; eu conhecia-o bastante bem naqueles tempos só porque toda a gente o conhecia bastante bem. Quando o novo vice-reitor, um homem nigeriano educado em Inglaterra, anunciou que todos os professores tinham de dar aulas de gravata, foi ele que, numa atitude de desafio, continuou a usar as suas túnicas de cores vivas. Foi ele quem subiu ao palco no Clube dos Professores e falou até ficar rouco de apresentar uma petição ao governo, de apoiar a introdução de melhores condições para os não-docentes. Estava em Sociologia e, embora muitos de nós nas ciências propriamente ditas achássemos que o pessoal das ciências sociais não passava de uns fala-baratos com demasiado tempo livre que escreviam resmas de livros ilegíveis, encarávamos Ikenna de modo diferente. Perdoávamos-lhe o seu estilo perentório, não púnhamos de lado os seus panfletos e admirávamos bastante a aspereza erudita com que ele passava pelos assuntos a correr; o facto de ele ser destemido convencia-nos. Continua a ser um homem mirrado com olhos de sapo e pele clara, que está agora descolorida, salpicada de manchas castanhas próprias da idade. Ouvia-se falar dele, naqueles tempos, e

depois, ao vê-lo pela primeira vez, tentava-se esconder a enorme decepção, porque a profundidade da sua retórica de algum modo exigia bom aspeto físico. Mas é como o meu povo diz, um animal famoso nem sempre enche o alforge do caçador.

— Estás vivo?—perguntei. Sentia-me bastante abalado. A minha família e eu vimo-lo no dia em que ele morreu, a 6 de julho de 1967, no dia em que fomos evacuados de Nsukka a toda a pressa, com o sol de um estranho vermelho-fogo no céu e ali perto o bum-bum-bum dos tiros à medida que os soldados federais avançavam. Estávamos no meu Impala. A milícia acenou-nos, fazendo-nos sinal para sairmos pelos portões do campus, e gritou que não nos preocupássemos, que os vândalos—como nós chamávamos aos soldados federais—seriam derrotados numa questão de dias e nós poderíamos regressar. Os habitantes locais, os mesmos que vasculhavam os caixotes do lixo dos professores à procura de comida depois da guerra, caminhavam às centenas, mulheres com caixotes à cabeça e bebês atados às costas, crianças descalças a carregarem trouxas, homens a arrastarem bicicletas, a levarem inhames. Lembro-me que Ebere estava a consolar a nossa filha, Zik, por termos deixado a boneca dela para trás na pressa de fugir, quando vimos o Kadett verde de Ikenna. Ia em sentido contrário, de volta ao campus. Buzinei e parei.—Não podes voltar!—gritei. Mas ele acenou e disse:—Tenho de ir buscar uns manuscritos. Ou talvez tenha dito:—Tenho de ir buscar uns materiais. Pensei que era temerário da parte dele voltar, já que o fogo parecia perto e as nossas tropas fariam recuar os vândalos em não mais de uma ou duas semanas, de qualquer modo. Mas eu estava também imbuído de um sentido de invencibilidade coletiva, da justeza da causa do Biafra, e por isso não pensei muito mais no assunto até ouvirmos dizer que Nsukka tinha caído no próprio dia em que fomos evacuados e que o campus tinha sido ocupado. O portador da notícia, um parente do professor Ezike, também nos disse que dois professores tinham sido mortos. Um deles tinha discutido com os soldados federais antes de eles dispararem sobre ele. Não precisávamos que nos dissessem que se tratava de Ikenna.

Ikenna riu-se ao ouvir a minha pergunta.—Estou, estou vivo!—disse, e pareceu achar a sua resposta ainda mais cómica, porque se riu outra vez. Até mesmo o seu riso, agora que penso nele, parecia descolorido, oco, nada como as gargalhadas agressivas que reverberavam por todo o Clube dos Professores noutros tempos, quando ele troçava das pessoas que não concordavam consigo.

— Mas nós vimos-te—disse eu.—Não te lembras? Naquele dia em que fomos evacuados.

— Sim—disse ele.

— Disseram que tu não tinhas voltado a sair.

— Mas saí.—Acenou com a cabeça.—Saí. Parti do Biafra no mês seguinte.

— Partiste?

É incrível que eu tenha sentido hoje uma aguilhoada momentânea daquele nojo profundo que sentíamos quando ouvíamos falar de sabotadores—chamávamos-lhes "sabos"

— que traíam os nossos soldados, a nossa justa causa, a nossa nação nascente, em troca de uma passagem segura para a Nigéria, para o sal e a carne e a água fria a que o bloqueio nos impedia de ter acesso.

— Não, não, não foi assim, não o que tu pensas—disse Ikenna, e depois fez uma pausa e eu reparei que a camisa cinzenta que trazia lhe ficava folgada nos ombros.

— Fui para o estrangeiro num avião da Cruz Vermelha. Fui para a Suécia.

Havia nele um ar de incerteza, uma reserva que parecia estranha, nada típica do homem que tão facilmente levava as pessoas a agir. Lembro-me de como ele organizou o primeiro comício depois de o Biafra ter sido declarado um estado independente, todos nós apinhados na Freedom Square enquanto Ikenna falava e nós dávamos vivas e gritávamos:—Feliz Independência!

— Foste para a Suécia?

— Fui.

Ele não disse mais nada e eu apercebi-me de que não me diria mais nada, de que não me diria como

é que tinha saído do campus com vida ou como conseguira entrar nesse avião; sei de crianças que foram transportadas numa ponte aérea para o Gabão mais tarde, durante a guerra, mas de modo nenhum de pessoas que tenham sido levadas em aviões da Cruz Vermelha, e tão cedo, ainda por cima. O silêncio entre nós era tenso.

— Tens estado na Suécia desde então?—perguntei.

— Tenho. Toda a minha família estava em Orlu quando a bombardearam. Não ficou ninguém, por isso não havia razão para eu voltar—disse, parando de falar e emitindo um som que, supostamente, era uma gargalhada, mas soou mais como uma série de tossidelas.—Mantive-me em contacto com o Dr. Anya durante algum tempo. Falou-me da reconstrução do nosso campus e acho que me disse que tinhas ido para a América depois da guerra.

Na verdade, Ebere e eu regressámos a Nsukka logo depois de a guerra terminar, em 1970, mas só por alguns dias. Era demasiado para nós. Os nossos livros jaziam num monte carbonizado no jardim da frente, à sombra da musanga. Entre os montes de fezes calcificadas na banheira estavam as páginas dos meus *Mathematical Annals*, usadas como papel higiénico, com manchas incrustadas a esborratarem as fórmulas que eu havia estudado e ensinado. O nosso piano—o piano de Ebere—tinha desaparecido.

O meu traje académico, que eu tinha envergado na cerimónia de licenciatura em Ibadan, tinha sido usado para limpar qualquer coisa e estava agora no chão, repleto de formigas, atarefadas e alheias ao meu olhar. As nossas fotografias estavam rasgadas, as molduras partidas. Por isso, fomos para a América e só regressámos em 1976. Foi-nos atribuída uma casa diferente, na Ezenweze Street, e durante muito tempo evitámos passar de carro pela Imoke Street, porque não queríamos ver a nossa antiga casa; viemos a saber que os novos inquilinos tinham cortado a musanga. Conteí tudo isto a Ikenna, embora não tenha dito nada sobre o tempo que passámos em Berkeley, onde o meu amigo afro-americano Chuck Bell me tinha arranjado um lugar de professor. Ikenna ficou em silêncio durante algum tempo e depois disse:— Como está a tua pequenita, a Zik? Deve ser uma mulher crescida agora.

Ele insistira sempre em pagar a Fanta de Zik quando a levávamos ao Clube dos Professores no Dia da Família, porque, dizia, era a criança mais bonita. Suspeito que a verdadeira razão era o facto de lhe termos dado o nome do nosso presidente, de quem Ikenna era um dos apoiantes no início, antes de declarar que o movimento era demasiado moderado e o abandonar.

— A guerra levou-nos a Zik—disse eu em igbo. Falar da morte em inglês sempre teve para mim um inquietante carácter de finalidade.

Ikenna inspirou profundamente, mas só disse:—Ndo.—Nada mais do que "Lamento". Fiquei aliviado por ele não ter perguntado como (não há muitos "como" de qualquer modo) e por não ficar demasiado chocado, como se as mortes na guerra fossem sempre na realidade acidentais.

— Tivemos outra filha depois da guerra, outra menina—disse eu.

Mas Ikenna falava muito depressa.—Eu fiz o que podia—disse.—Fiz mesmo. Abandonei a Cruz Vermelha. Estava cheia de cobardes que não eram capazes de defender seres humanos. Recuaram depois de aquele avião ser abatido em Eket, como se não soubessem que era exatamente o que Gowon queria. Mas o Conselho Mundial de Igrejas continuou a enviar aviões de assistência humanitária por Uli. À noite! Eu estava em Uppsala quando eles se reuniram. Foi a maior operação que tinham levado a cabo desde a Segunda Guerra Mundial. Organizei a recolha de fundos. Organizei as manifestações a favor do Biafra em todas as capitais europeias. Ouviste falar na grande manifestação em Trafalgar Square? Eu estava na liderança dessa. Fiz o que podia.

Eu não tinha a certeza se Ikenna estaria a falar comigo. Parecia-me que estava a dizer o que já tinha dito muitas vezes a muitas pessoas. Olhei na direção da acácia-rubra.

Os homens ainda ali estavam em grupo, mas não consegui ver se já tinham acabado as bananas e os amendoins. Talvez tenha sido nesse momento que comecei a sentir-me submergido numa nostalgia difusa, uma sensação que ainda não me abandonou.

— Chris Okigbo morreu, não foi?—perguntou Ikenna, o que me fez concentrar de novo. Por um momento, perguntei-me se ele queria que eu negasse esse facto, para fazer também de Okigbo um fantasma que volta. Mas Okigbo morreu, o nosso génio, a nossa estrela, o homem cuja poesia nos comovia a todos, mesmo aos das ciências, que nem sempre a compreendiam.

— Sim, a guerra levou Okigbo.

— Perdemos um colosso em potência.

— É verdade, mas pelo menos ele teve a coragem de lutar.

Mal disse isto, arrependi-me. A minha intenção era prestar um tributo a Chris Okigbo, que poderia ter trabalhado num dos diretórios como todos nós, o pessoal universitário, mas em vez disso pegou em armas para defender Nsukka. Eu não queria que Ikenna interpretasse mal a minha intenção e perguntei-me se deveria pedir-lhe desculpa. Um redemoinho de poeira estava a levantar-se do outro lado da estrada. Os pinheiros sibilantes acima de nós balouçavam e o vento soltava as folhas secas das árvores mais distantes. Talvez por me sentir pouco à vontade, comecei a falar a Ikenna sobre o dia em que Ebere e eu voltámos a Nsukka depois de a guerra acabar, sobre a paisagem de ruínas, os telhados que tinham ido pelos ares, as casas cravejadas de buracos que Ebere disse que se pareciam bastante com queijo suíço. Quando chegámos à estrada que atravessa Aguleri, soldados do Biafra mandaram-nos parar e enfiaram um colega ferido dentro do nosso carro: o sangue dele pingava para o assento traseiro e, como o tecido tinha um rasgão, embebeu o estofa, misturou-se com as próprias entranhas do nosso carro. O sangue de um estranho. Não sei bem porque é que escolhi esta história em particular para contar a Ikenna, mas para que parecesse fazer sentido contá-la acrescentei que o cheiro metálico do sangue do soldado me tinha feito pensar nele, Ikenna, porque sempre imaginara que os soldados federais tinham disparado sobre ele e o tinham deixado a morrer, tinham deixado o seu sangue manchar a terra. Isto não é verdade. Nem imaginei tal coisa nem o soldado ferido me recordou Ikenna. Se ele achou a minha história estranha, não o disse. Acenou com a cabeça e disse:—Já ouvi tantas histórias, tantas.

— Como é a vida na Suécia?—perguntei.

Ele encolheu os ombros.—Aposentei-me no ano passado. Decidi voltar para ver.—Disse "ver" como se significasse algo mais do que aquilo que se faz com os olhos.

— E a tua família?—perguntei.

— Nunca voltei a casar.

— Oh—disse eu.

— E como vai a tua mulher? Nnenna, não é?—perguntou Ikenna.

— Ebere.

— Oh, sim, claro, Ebere. Uma mulher encantadora.

— A Ebere já não está entre nós; foi-se há três anos—disse eu em igbo. Fiquei surpreendido ao ver as lágrimas marejarem os olhos de Ikenna. Ele tinha esquecido o nome dela, mas, no entanto, conseguia de alguma forma lamentar a sua morte, ou talvez estivesse a lamentar a passagem de um tempo imerso em possibilidades. Ikenna, acabei por compreender, é um homem que carrega o peso do que poderia ter sido.

— Lamento muito—disse ele.—Lamento muito.

— Não tem mal—disse eu.—Ela visita-me.

— O quê?—perguntou ele com uma expressão perplexa, embora, claro, me tenha ouvido bem.

— Ela visita-me. A mim.

— Estou a ver—disse Ikenna naquele tom de voz que se reserva para os loucos.

— Quero dizer, ela visitou a América várias vezes; a nossa filha é médica lá.

— Ah, ai sim?—perguntou Ikenna com demasiado entusiasmo. Parecia aliviado. Não o censuro. Nós somos os que estudaram, os que foram ensinados a manter estanques e rígidas as nossas fronteiras do que é considerado real. Eu era como ele até à primeira visita de Ebere, três semanas depois do seu funeral. Nkiru e o filho dela tinham acabado de regressar à América. Eu estava sozinho. Quando ouvi a porta lá

em baixo a fechar-se, a abrir-se e a fechar-se de novo, não dei importância ao caso.

Os ventos do fim da tarde faziam sempre isso. Mas não havia nem um restolhar de folhas do lado de fora da janela do meu quarto, nem o sussurrar das árvores de nim e de caju. Não havia vento lá fora. No entanto, a porta lá em baixo estava a abrir-se e a fechar-se. Duvido que na altura estivesse com tanto medo como deveria estar.

Ouvi os passos nas escadas, seguindo o mesmo ritmo dos passos de Ebere, mais pesados na terceira passada. Fiquei deitado, imóvel, na escuridão do nosso quarto. Depois senti que a coberta da cama era puxada para trás, senti as massagens suaves nos braços e nas pernas e no peito, a suavidade reconfortante da loção, e uma agradável sonolência apoderou-se de mim—uma sonolência que continuo a não conseguir combater sempre que ela me visita. Acordei, como ainda acordo depois das suas visitas, com a pele macia e a cheirar a Nivea.

Muitas vezes, apetece-me dizer a Nkiru que a sua mãe me visita semanalmente durante o harmatão e com menos frequência durante a época das chuvas, mas se o fizesse ela teria finalmente uma razão para vir cá e me despachar com ela para a América e eu seria obrigado a viver uma vida tão apapricada que é estéril. Uma vida cheia daquilo a que chamamos "oportunidades". Uma vida que não é para mim. Pergunto-me o que teria acontecido se tivéssemos vencido a guerra em 1967. Talvez não fôssemos à procura dessas oportunidades no estrangeiro e talvez eu não precisasse de me preocupar com o nosso neto, que não fala igbo e que, na última vez que veio de visita, não compreendeu porque é que se esperava que dissesse "Boa-tarde" a estranhos, porque no seu mundo têm de se justificar simples atos de cortesia como esse. Mas quem sabe? Talvez nada tivesse sido diferente mesmo que tivéssemos vencido a guerra.

— A tua filha gosta da América?—perguntou Ikenna.

— Está a dar-se muito bem.

— E disseste que ela é médica?

— É—disse eu. Senti que Ikenna merecia que eu contasse mais, ou que talvez a tensão criada pelo meu comentário anterior ainda não se tivesse desvanecido por completo, por isso acrescentei:—Vive numa cidade pequena no Connecticut, perto de Rhode Island. A administração do hospital tinha aberto concurso para uma vaga de médico e quando ela concorreu eles olharam para o diploma dela da Nigéria e disseram que não queriam uma estrangeira. Mas ela nasceu na América, estás a ver, tivemos-la enquanto estávamos a viver em Berkeley, dei lá aulas quando fomos para a América depois da guerra, e por isso eles tiveram de lhe dar o lugar.

Soltei uma risada, na esperança de que o Ikenna risse comigo. Mas ele não o fez. Olhou na direção dos homens à sombra da acácia-rubra com uma expressão solene.

— Ah, pois. Pelo menos não é tão mau agora como foi para nós. Lembraste de como era estudar no estrangeiro em finais dos anos cinquenta?—perguntou ele.

Acenei com a cabeça para mostrar que me lembrava, embora o Ikenna e eu não devamos ter tido a mesma experiência como estudantes no estrangeiro; ele estudou em Oxford, ao passo que eu fui um dos que conseguiram uma bolsa do United Negro College Fund para estudar na América.

— O Clube dos Professores é uma pálida amostra do que era dantes—disse o Ikenna.—Fui lá hoje de manhã.

— Já não vou lá há muito tempo. Mesmo antes de me aposentar, chegou uma altura em que achei que era demasiado velho e me sentia deslocado lá. Estes novatos são uns incapazes. Ninguém ensina. Ninguém tem ideias novas. É política, política universitária, enquanto os estudantes pagam as notas com dinheiro ou com o corpo.

— Ai sim?

— Oh, sim. As coisas descambaram. As reuniões do senado tornaram-se batalhas de culto de personalidade. É terrível. Lembraste do Josephat Udeana?

— O grande dançarino.

Fiquei momentaneamente surpreendido, porque já há muito tempo que não pensava em Josephat como ele era, naqueles tempos antes da guerra, de longe o melhor dançarino de danças de salão que tínhamos no campus.—Sim, sim, sim—disse eu, e sentime grato por as recordações de Ikenna terem cristalizado num tempo em que eu ainda considerava Josephat um homem íntegro.—Josephat foi vice-reitor durante seis anos e dirigiu esta universidade como o galinheiro do pai dele. Desapareciam fundos e depois víamos carros novos com o nome de fundações estrangeiras que não existiam. Algumas pessoas levaram o caso a tribunal, mas não deu em nada. Ele é que ditava quem era promovido e quem ficava estagnado na carreira. Em suma, o homem agia como se fosse um conselho universitário por si só. Este vice-reitor atual está a seguir-lhe fielmente o exemplo. Não me pagam a pensão desde que me aposentei. Venho agora da tesouraria.

— E porque é que ninguém faz nada em relação a tudo isso? Porquê?—perguntou Ikenna e, por brevíssimos momentos, o velho Ikenna reapareceu, na voz, na indignação, e eu recordei de novo que ele era um homem intrépido. Talvez atravessasse a rua e fosse dar um murro na árvore mais próxima.

— Bem—disse eu, e encolhi os ombros—,muitos dos professores estão a alterar a sua data oficial de nascimento. Vão aos serviços administrativos e subornam alguém para acrescentar cinco anos à data. Ninguém quer aposentar-se.

— Não é justo. Não é nada justo.

— Acontece por todo o país, na realidade, não só aqui—disse eu, e abanei a cabeça naquele movimento lento de um lado para o outro que o meu povo aperfeiçoou para se referir a coisas deste tipo, como se a dizer que a situação, infelizmente, é inelutável.

— Sim, os padrões estão a baixar por todo o lado. Acabei de ler no jornal uma notícia sobre medicamentos falsificados—disse Ikenna, e eu achei imediatamente que era uma coincidência bastante conveniente, ele trazer à baila a questão dos medicamentos falsificados. Vender remédios fora do prazo é a mais recente praga do nosso país, e se Ebere não tivesse morrido como morreu, eu poderia ter achado que era o seguimento normal da conversa. Mas fiquei com suspeitas. Talvez Ikenna tivesse ouvido dizer que Ebere tinha ficado cada vez mais fraca no hospital, que o médico tinha ficado intrigado por ela não estar a recuperar depois de tomar a medicação, que eu tinha ficado fora de mim, que nenhum de nós soube até ser demasiado tarde que os medicamentos não valiam de nada. Talvez Ikenna quisesse levar-me a falar sobre tudo isto, a exhibir um pouco mais da loucura que já vislumbrara em mim.

— Os medicamentos falsificados são terríveis—disse eu num tom grave, decidido a não dizer mais nada.

Mas talvez me tenha enganado quanto às intenções de Ikenna, porque ele não insistiu no assunto. Voltou a deitar um olhar aos homens à sombra da acácia-rubra e perguntou-me:—Então, o que é que tu fazes agora?

Parecia curioso, como se estivesse a perguntar-se que tipo de vida eu levo aqui, sozinho, num campus universitário que é agora uma pálida imitação do que era antes, à espera de uma pensão que não vem. Sorri e disse que estou a repousar. Não é o que uma pessoa faz quando se aposenta? Não chamamos à aposentação em igbo "o descanso da velhice"?

Por vezes vou visitar o meu amigo professor Maduwe. Dou passeios no campo desbotado da Freedom Square, com o seu renque de mangueiras. Ou ao longo da Ikejiani Avenue, onde as motorizadas passam a toda a velocidade, com estudantes encavalitados nelas, muitas vezes demasiado perto umas das outras na sua tentativa de evitar os buracos na estrada. Na época das chuvas, quando descubro uma nova vala onde as chuvas desbastaram a terra, sinto-me realizado. Leio os jornais. Como bem; o meu empregado, Harrison, vem cinco dias por semana e a sua sopa onugbu não tem rival. Falo frequentemente com a nossa filha, e quando o telefone avaria, a cada duas semanas, corro à NITEL para subornar alguém e mo virem arranjar. Dou com velhas publicações no meu escritório cheio de pó e de tralha. Aspiro

profundamente o perfume das árvores de nim que separam a minha casa da do professor Ijere—um aroma que supostamente é medicinal, embora eu já não saiba ao certo o que se diz que cura. Não vou à igreja; deixei de ir depois da primeira visita de Ebere, porque já não tinha incertezas. São as nossas dúvidas em relação à vida depois da morte que nos levam à religião.

Por isso, aos domingos sento-me no alpendre e vejo os abutres a andar no meu telhado e imagino que deitam um olhar divertido cá para baixo.

— É uma vida boa, papá?—pergunta-me agora às vezes Nkiru ao telefone, com aquele ligeiro sotaque americano, vagamente perturbante. Não é boa nem má, digo-lhe, é simplesmente a minha. E é isso que importa.

Mais outro redemoinho de poeira, e nós os dois a pestanejar para proteger os olhos, fez-me convidar Ikenna para vir comigo até à minha casa para que pudéssemos sentar-nos e conversar em condições, mas ele disse que estava a caminho de Enugu e quando lhe perguntei se voltaria a passar por cá ele fez um gesto vago que sugeria uma resposta afirmativa. Mas eu sei que ele não virá. Não voltarei a vê-lo. Fiquei a observá-lo a afastar-se, a este homem seco como uma noz, e fui para casa a pensar nas vidas que poderíamos ter tido e nas vidas que tivemos, todos nós os que íamos ao Clube dos Professores naqueles belos tempos antes da guerra. Conduzi devagar, por causa dos motociclistas que não respeitam o código da estrada e porque já não vejo tão bem como dantes.

Fiz um arranhão no Mercedes quando o tirei em marcha-atrás na semana passada, por isso hoje tive cuidado ao metê-lo na garagem. Tem vinte e três anos, mas ainda anda bastante bem. Ainda me lembro de como Nkiru ficou toda entusiasmada quando ele chegou da Alemanha, onde o comprei quando fui receber o prémio da Academia de Ciências. Era o modelo mais recente. Eu não o sabia, mas os amigos adolescentes dela sim, e vieram todos espreitar o conta-quilómetros, pedir autorização para tocar no painel do tablier. Agora, claro, toda a gente anda de Mercedes; compram-nos em segunda mão, sem espelho retrovisor ou sem faróis, em Cotonou. Ebere costumava fazer pouco deles, dizia que o nosso carro podia ser velho, mas era muito melhor do que todos aqueles tuk-tuks que as pessoas conduziam sem cinto de segurança. Ainda mantém esse sentido de humor. Às vezes, quando me visita, faz-me cócegas nos testículos, passando-lhes os dedos levemente. Sabe muito bem que a medicação que tomo para o problema da próstata amorteceu as coisas lá para baixo, e só o faz para pegar comigo, para dar as suas risadas docemente trocistas. No funeral dela, quando o nosso neto leu o seu poema, "Continua a rir, Vovó", achei o título perfeito, e aquelas palavras infantis quase me levaram às lágrimas, apesar de suspeitar que Nkiru escreveu a maior parte do texto.

Olhei à volta do pátio ao entrar em casa. Harrison trata do jardim, nesta estação quase só o rega. As roseiras não passam de talos, mas pelo menos os arbustos de cerejeira são de um verde empoeirado. Liguei a televisão. Ainda havia "chuva" no ecrã, embora o filho do Dr. Otagbu, o jovem inteligente que está a estudar Engenharia Eletrónica, tenha vindo na semana passada consertar o televisor. Deixei de ter os canais de satélite depois da última trovoadas, mas ainda não chamei ninguém para ver o que se passa. Ainda se aguenta umas semanas sem a BBC e a CNN, de qualquer modo, e os programas na NTA são bastante bons. Foi a NTA que há alguns dias transmitiu mais uma entrevista com outro homem acusado de importar medicamentos falsificados, neste caso, remédios para a febre tifoide.—Os meus remédios não matam pessoas—disse solicitamente, fitando a câmara com um olhar franco, como se estivesse a apelar às massas.—Só não curam a doença. Desliguei a televisão porque já não suportava ver os lábios grossos do homem. Mas não me senti ofendido, não tão notoriamente como me sentiria se Ebere não viesse visitar-me. Só esperava que não o libertassem para ele poder voltar a ir à China ou à Índia ou lá onde eles vão importar medicamentos que não matam efetivamente as pessoas, só garantem que a doença as matará.

Pergunto-me como é que nunca veio à baila, ao longo dos anos do pós-guerra, que Ikenna Okoro não tinha morrido. É verdade que ouvíamos por vezes contar histórias de homens que tinham sido dados

como mortos e que apareciam nas suas casas meses, até mesmo anos depois de janeiro de 1970; imagino a quantidade de areia atirada a homens alquebrados, por parentes hesitando entre a descrença e a esperança. Mas praticamente não falávamos sobre a guerra. Quando o fazíamos, era de uma forma implacavelmente vaga, como se o que importasse não fosse o facto de nos termos agachado em bunkers enlameados durante os ataques aéreos, após o que enterrávamos os cadáveres com partes cor-de-rosa nos seus corpos carbonizados, de termos comido cascas de mandioca e de termos visto a barriga dos nossos filhos inchar por causa da malnutrição, mas que tivéssemos sobrevivido. Era um acordo tácito entre todos nós, os sobreviventes do Biafra. Até eu e Ebere, que passáramos meses a discutir o nome da nossa primeira filha, Zik, concordámos muito rapidamente quanto ao de Nkiruka: o que vem aí é melhor.

Estou agora sentado no meu escritório, onde corriji os testes dos meus alunos e ajudei Nkiru com os trabalhos de casa de Matemática. O cadeirão de couro está gasto.

A tinta pastel por cima das estantes está a descascar. O telefone está na secretária, em cima de uma lista telefónica grossa. Talvez toque e Nkiru me diga alguma coisa sobre o nosso neto, como se saiu bem hoje na escola, o que me fará sorrir, embora acredite que os professores americanos não são suficientemente circunspectos e dão com demasiada facilidade a nota máxima. Se o telefone não tocar em breve, tomarei um banho e irei para a cama e, na escuridão tranquila do meu quarto, ficarei à escuta de portas a abrirem-se e a fecharem-se.

Desde segunda-feira da semana passada, Kamara tinha começado a pôr-se em frente ao espelho. Voltava-se de um lado e do outro, examinando a sua barriga saliente e imaginando-a plana como a capa de um livro, e depois fechava os olhos e imaginava que Tracy a acariciava com aqueles dedos manchados de tinta. Foi o que fez então em frente ao espelho do quarto de banho depois de puxar o autoclismo.

Josh estava junto à porta quando ela saiu. O filho de sete anos de Tracy. Tinha as sobrancelhas grossas e a direito da mãe, como linhas traçadas por cima dos olhos.

— Chichi ou cocó?—perguntou na sua voz de bebé fingida.

— Chichi—disse ela. Foi para a cozinha, cujos estores cinzentos lançavam tiras de sombra sobre a bancada, onde tinham passado toda a tarde a praticar para o concurso de leitura.—Acabaste o sumo de espinafres?—perguntou.

— Acabei.

Ele estava a observá-la. Sabia—tinha de saber—que a única razão pela qual ela ia ao quarto de banho de cada vez que lhe preparava o copo de sumo verde era para lhe dar uma oportunidade para o esvaziar pelo lava-louça abaixo. Tinha começado no primeiro dia que Josh o provou, fez uma careta e disse:—Uh! Detesto isto.

— O teu papá diz que vais ter de o beber todos os dias antes do jantar—dissera Kamara.—É só meio copo, levava um instante a deitá-lo fora—acrescentou, e depois virou-se e foi para o quarto de banho. Foi tudo. Quando saiu, o copo estava vazio, como agora, pousado ao lado do lava-louça.

— Faço-te o jantar para estares a postos para a Zany Brainy1 quando o teu papá chegar, OK?—disse ela. Algumas expressões americanas ainda lhe pareciam um bocado esquisitas, mas usava-as com Josh.

— OK—disse ele.

— Queres um filete de peixe ou de frango com o pilaf de arroz?

— Frango.

Abriu o frigorífico. A prateleira de cima estava cheia de garrafas de plástico de sumo de espinafres biológico. Latas de chás de plantas tinham preenchido aquele espaço duas semanas antes, quando Neil andava a ler Herbal Drinks for Children2, e antes disso tinham sido bebidas de soja, e antes disso batidos de proteína para ossos em crescimento. O sumo de espinafres não tardaria a ir-se, Kamara sabia, porque quando ela chegou hoje à tarde a primeira coisa em que reparou foi que A Complete Guide to Juicing Vegetables3 já não estava na bancada; Neil devia tê-lo posto na gaveta durante o fim de semana.

Kamara tirou do frigorífico uma embalagem de tiras de frango do campo.—Porque é que não te deitas um bocado e vêes um filme, Josh?—disse ela. Ele gostava de ficar sentado na cozinha a vê-la cozinhar, mas parecia tão cansado. Provavelmente, os outros quatro finalistas da Maratona de Leitura estavam tão cansados como ele, com as bocas a doer de tanto pronunciarem palavras compridas e desconhecidas, com o corpo tenso com a perspetiva do concurso amanhã.

Kamara viu Josh meter um DVD dos Rugrats no leitor e deitar-se no sofá, uma criança frágil com pele cor de azeitona e caracóis emaranhados. "Mestiço" era o que chamavam a crianças como ele na Nigéria, e a palavra implicava automaticamente bom aspeto, pele clara, viagens ao estrangeiro para visitar avós brancos. Kamara sempre sentira algum ressentimento relativamente ao glamour dos mestiços. Mas na América "mestiço" era uma palavra inconveniente. Kamara ficou a sabê-lo quando telefonou da primeira vez por causa do emprego de ama anunciado no Philadelphia City Paper: bom ordenado, perto de transportes públicos, carro não necessário. Neil parecera surpreendido por ela ser nigeriana.

— Fala tão bem inglês—disse, e a surpresa dele irritou-a, a sua pressuposição de que a língua inglesa era de algum modo sua propriedade pessoal. E por causa disto, embora Tobechi a tivesse avisado de que não devia mencionar as suas habilitações académicas, Kamara disse a Neil que tinha um mestrado, que chegara recentemente à América para vir ter com o marido e que queria ganhar algum dinheiro a tomar conta de crianças enquanto esperava que o seu pedido de autorização de residência fosse processado para poder trabalhar legalmente.

— Bem, eu preciso de alguém que possa comprometer-se a ficar até ao fim do ano letivo do Josh—disse Neil.

— Não há problema—apressou-se a dizer Kamara. Realmente não devia ter dito que tinha um mestrado.

— Talvez pudesse ensinar ao Josh uma língua da Nigéria? Ele já tem aulas de Francês duas vezes por semana depois das aulas. Frequenta um programa avançado no Temple Beth Hillel, onde fazem exames de admissão para as crianças de quatro anos. Ele é muito sossegado, muito carinhoso, um rapazinho fantástico, mas preocupa-me que não haja outros miúdos birraciais na escola nem na vizinhança.

— Birraciais?—perguntou Kamara.

Neil tossiu delicadamente.—A minha mulher é afro-americana e eu sou branco, judeu.

— Ah, ele é mestiço.

Fez-se uma pausa e a voz de Neil voltou a ouvir-se, mais grossa.—Por favor, não diga essa palavra.

O seu tom de voz levou Kamara a dizer:—Desculpe—,embora não tivesse a certeza da razão pela qual estava a pedir desculpa. O tom da voz dele fê-la também ter a certeza de que tinha perdido aquela oportunidade de emprego, e por isso ficou surpreendida quando ele lhe deu o endereço e lhe perguntou se poderiam encontrar-se no dia seguinte. Era alto e tinha o queixo comprido. Falava de uma maneira suave, quase calmante, o que, Kamara supunha, se devia ao facto de ser advogado. Entrevistou-a na cozinha, encostado à bancada, perguntando-lhe se podia dar referências e sobre a sua vida na Nigéria, dizendo-lhe que Josh estava a ser educado de forma a conhecer as suas duas origens, a judaica e a afro-americana, enquanto alisava o autocolante prateado no telefone, que dizia NÃO ÀS ARMAS. Kamara perguntou-se onde estaria a mãe da criança. Talvez Neil a tivesse matado e tivesse metido o seu corpo numa mala; Kamara passara os últimos meses a ver programas sobre crime na televisão e ficara a saber como estes Americanos eram loucos. Mas quanto mais ouvia Neil falar mais ficava com a certeza de que ele não era capaz de matar sequer uma formiga.

Pressentia nele uma certa fragilidade, uma série de ansiedades. Ele disse-lhe que o preocupava que Josh pudesse estar a passar um mau bocado por ser diferente das outras crianças na escola, que Josh pudesse sentir-se infeliz, que Josh não o visse tanto quanto deveria, que Josh fosse filho único, que Josh tivesse traumas de infância quando fosse mais velho, que Josh ficasse deprimido. A meio, Kamara sentiu vontade de o interromper e de lhe perguntar:—Porque é que está a preocupar-se com coisas que não aconteceram?—,mas não o fez porque não tinha a certeza de que ficaria com o emprego. E quando ele lhe ofereceu o lugar—depois das aulas, até às seis e meia, doze dólares por hora pagos em dinheiro—mesmo assim ela não disse nada, porque do que ele parecia precisar, precisar desesperadamente, era que ela o escutasse, e não lhe custava nada escutá-lo.

Neil disse-lhe que o seu método de disciplina se baseava na razão. Nunca batia ao Josh, porque não acreditava na agressão como meio de disciplina.—Se fizer ver ao Josh porque é que um comportamento específico está errado, ele deixará de o ter—disse Neil.

Dar umas palmadas é disciplina, quis dizer Kamara, e agressão é uma coisa diferente. Agressão era o tipo de coisas que os Americanos de que ela ouvia falar nas notícias faziam, apagar cigarros na pele dos filhos. Mas disse o que Tobechi lhe tinha pedido que dissesse:—Eu sinto o mesmo em relação a bater nas crianças. E é claro que só usarei o método de disciplina que o senhor aprova.

— O Josh tem uma alimentação saudável—prosseguiu Neil.—Usamos muito pouco melaço de milho com alto conteúdo de frutose, farinha branca ou gorduras transgênicas.

Eu ponho-lhe tudo por escrito.

— OK—disse ela. Não sabia ao certo o que eram as coisas que ele tinha mencionado.

Antes de se ir embora, perguntou:—E a mãe dele?

— A Tracy é artista. Ultimamente, tem passado muito tempo na cave. Está a trabalhar numa grande obra, uma encomenda. Tem um prazo a cumprir...—disse, e ficou a meio da frase.

— Oh!—Kamara olhou para ele, perplexa, pensando se haveria alguma coisa distintamente americana que ela deveria depreender do que ele dissera, algo que explicasse porque é que a mãe da criança não estava ali para a conhecer.

— O Josh não tem autorização para ir à cave por agora, por isso a Kamara também não pode lá ir. Telefone-me se surgir algum problema. Os meus números estão no frigorífico.

A Tracy só sobe ao fim da tarde. Vêm-lhe entregar sopa e uma sanduíche todos os dias e ela é bastante autossuficiente lá em baixo.—Neil fez uma pausa.—Tem de se assegurar de que não a incomoda seja para o que for.

— Eu não vim cá para incomodar ninguém—disse Kamara, um pouco friamente, porque de súbito ele parecia estar a falar com ela como as pessoas falavam com as criadas na Nigéria. Não devia ter permitido que Tobechi a convencesse a aceitar este trabalho subalterno de limpar o rabo ao filho de outros, não devia tê-lo escutado quando ele lhe disse que aqueles brancos na Main Line não sabiam o que fazer ao dinheiro. Mas mesmo a caminho da estação, a cuidar da sua dignidade ferida, sabia que não tinha realmente precisado de que ele a convencesse. Queria o emprego, qualquer emprego; queria uma razão para sair do apartamento todos os dias.

E agora já tinham passado três meses. Três meses a tomar conta de Josh. Três meses a escutar as preocupações de Neil, a cumprir as instruções ditadas pela ansiedade de Neil, a desenvolver uma afeição compadecida por Neil. Três meses a não ver Tracy. Ao princípio, Kamara sentiu curiosidade relativamente àquela mulher com rastas compridas e pele da cor de manteiga de amendoim que aparecia descalça na fotografia do casamento na prateleira da salinha. Kamara perguntava-se se e quando Tracy saía da cave. Por vezes, ouvia sons vindos lá de baixo, uma porta a fechar-se com estrondo ou notas vagas de música clássica. Perguntava-se se Tracy alguma vez veria o filho. Quando tentava levar Josh a falar da mãe, ele dizia:—A mamã está muito ocupada com o trabalho dela. Fica zangada se a formos incomodar—e, como ele mantinha uma expressão cuidadosamente neutra, ela continha-se e não lhe fazia mais perguntas. Ajudava-o nos trabalhos de casa, jogava cartas e via DVD com ele, falava-lhe dos grilos que costumava apanhar quando era pequena e deleitava-se com o prazer atento com que ele a escutava. A existência de Tracy tinha-se tornado pouco importante, uma realidade no pano de fundo do dia a dia, como o zunido na linha telefónica quando Kamara telefonava para a Nigéria para a mãe. Até segunda-feira da semana anterior.

Nesse dia, Josh estava no quarto de banho e Kamara estava sentada à mesa da cozinha a passar em revista o trabalho de casa dele quando ouviu um som atrás de si.

Voltou-se, pensando que era Josh, mas Tracy apareceu, uma mulher bem feita, de leggings e com uma camisola justa, a sorrir, a piscar os olhos, afastando rastas compridas do rosto com os dedos manchados de tinta. Foi um momento estranho. Olharam-se nos olhos e subitamente Kamara quis perder peso e usar maquilhagem outra vez. Uma mulher que tem a mesma coisa que tu? Era o que lhe diria a sua amiga Chinwe se ela alguma vez lhe contasse. Tufia! Que loucura era essa? Kamara andava a dizê-lo a si mesma também, desde segunda-feira da semana anterior. Dizia-o, embora tivesse deixado de comer bananas-da-terra fritas e tivesse ido entrançar o cabelo ao salão senegalês na South Street e tivesse começado a remexer em pilhas de rímel na perfumaria. Dizer estas palavras a si mesma não mudava nada, porque o que tinha acontecido na cozinha naquela tarde fora o desabrochar de uma esperança

desmedida, porque o que agora impulsionava a sua vida era a perspetiva de Tracy voltar a vir cá a cima.

Kamara pôs as tiras de frango no forno. Neil pagava-lhe mais três dólares por cada hora extra nos dias em que não chegava a casa a tempo e ela tinha de fazer o jantar de Josh. Divertia-a o facto de "fazer o jantar" soar como uma tarefa difícil, quando na realidade não passava de uma série de ações inócuas: abrir embalagens e sacos e pôr coisas no forno e no micro-ondas. Neil havia de ter visto o fogão a querosene que ela usava na Nigéria, com as suas lufadas de fumo espesso. O forno apitou.

Ela pôs as tiras de frango à volta do montinho de arroz no prato de Josh.

— Josh—chamou.—O jantar está pronto. Queres gelado de iogurte para a sobremesa?

— Quero—disse Josh. Sorriu e ocorreu-lhe que a curva dos seus lábios era exatamente como a dos lábios de Tracy. Bateu com o dedo do pé na beira da bancada. Tinha começado a tropeçar em coisas muito mais desde segunda-feira da semana anterior.

— Magoaste-te?—perguntou Josh.

Kamara massajou o dedo.—Não foi nada.

— Espera, Kamara—disse Josh, e ajoelhou-se e beijou-lhe o pé.—Pronto. Isto vai tirar-te a dor.

Ela olhou para baixo, para a cabecinha inclinada à sua frente, para os seus cabelos em caracóis vulneráveis e teve vontade de o abraçar muito.—Obrigada, Josh.

O telefone tocou. Ela sabia que era Neil.

— Olá, Kamara. Está tudo bem?

— Está tudo ótimo.

— Como é que está o Josh? Está com medo de amanhã? Está nervoso?

— Está ótimo. Acabámos agora mesmo de praticar.

— Fantástico.—Uma pausa.—Posso dizer-lhe um olá rápido?

— Ele está no quarto de banho—disse Kamara baixando a voz e olhando para Josh, que estava a desligar o leitor de DVD na salinha.

— OK. Vejo-vos daqui a pouco. Acabei literalmente de empurrar a minha última cliente para fora do gabinete. Conseguimos que o marido acesse a chegar a acordo sem ir a tribunal e ela estava sem vontade de se ir embora.—Neil soltou uma risada curta.

— OK, então.—Kamara ia pousar o telefone quando se apercebeu de que Neil ainda estava em linha.

— Kamara?

— Sim?

— Estou um bocadinho preocupado com o dia de amanhã. Sabe, na realidade não tenho a certeza de que aquele tipo de competição seja saudável na idade dele.

Kamara abriu a torneira e enxaguou os últimos vestígios do líquido verde-escuro.—Vai correr tudo bem.

— Espero que ir ao Zainy Brainy o faça esquecer-se do concurso durante um bocado.

— Vai correr tudo bem—repetiu Kamara.

— Quer vir connosco ao Zainy Brainy? Eu deixo-a em casa depois.

Kamara disse que preferia ir para casa. Não sabia porque é que tinha dito que Josh estava no quarto de banho; saíra-lhe aquela mentira muito facilmente. Dantes, teria ficado à conversa com Neil, e provavelmente teria ido com eles ao Zainy Brainy; mas já não lhe apetecia manter aquela relação de convivência com Neil.

Ainda segurava o telefone na mão; ele tinha começado a zunir alto. Tocou no autocolante PROTEJA OS NOSSOS ANJOS, que Neil tinha recentemente posto no telefone, um dia depois de ter telefonado, fora de si, porque tinha acabado de ver uma fotografia na Internet de um pedófilo que se mudara recentemente para a vizinhança e que parecia a cara chapada do homem da UPS.—Onde é que está o Josh? Onde é que está o Josh?—tinha perguntado, como se Josh pudesse estar noutra sítio a não ser

algures na casa. Kamara tinha desligado com pena dele. Acabara por compreender que ser pai ou mãe na América era uma espécie de malabarismo de ansiedades, que se devia ao facto de terem demasiada comida: a barriga cheia dava aos Americanos tempo para se preocuparem com a possibilidade de os filhos padecerem de uma doença rara sobre a qual tinham acabado de ler, fazia-os pensar que tinham o direito de proteger os filhos de deceções, de carências e de fracassos. A barriga cheia proporcionava aos Americanos o luxo de se elogiarem por serem bons pais, como se tomar conta dos próprios filhos fosse a exceção e não a regra. Costumava diverti-la, ver mulheres na televisão a falar do quanto amavam os seu filhos, dos sacrifícios que faziam por eles. Agora irritava-a. Agora que os seus períodos insistiam em vir mês após mês, sentia ressentimento contra aquelas mulheres todas bem arrançadas com os seus bebês que tinham concebido com toda a facilidade e as suas expressões confiantes, tais como "parentalidade saudável".

Pousou o auscultador e puxou o autocolante preto para ver se saíria facilmente. Quando Neil a entrevistara para o emprego, o autocolante NÃO ÀS ARMAS era prateado, e foi a primeira coisa de que falou a Tobechi, de como era estranho ver Neil a alisá-lo uma e outra vez, como se fosse um ritual. Mas Tobechi não estava interessado no autocolante. Fez-lhe perguntas sobre a casa, pormenores que ela não tinha maneira de saber. Era de estilo colonial? Quantos anos tinha? E durante todo o tempo os seus olhos brilhavam com sonhos aguados.—Havemos de viver numa casa como essa em Ardmore, ou noutra sítio na Main Line—disse ele.

Ela não disse nada, porque não era o sítio onde viviam que lhe importava, era aquilo em que se tinham tornado.

*

Tinham-se conhecido na universidade em Nsukka quando estavam ambos no último ano, ele em Engenharia e ela em Química. Ele era sossegado, dado à leitura, a atirar para o baixo, o tipo de rapaz sobre o qual os pais diziam que tinha "belas perspetivas". Mas o que a atraiu foi a maneira como ele a fitava com um olhar de admiração, um olhar que a fazia gostar de si própria. Ao fim de um mês, ela mudou-se para o quarto dele na residência masculina, numa avenida do campus ladeada por árvores, e iam para todo o lado juntos, na mesma okada, com Kamara enfiada entre Tobechi e o motociclista. Tomavam banhos de balde juntos no quarto de banho com paredes viscosas, cozinhavam no seu pequeno fogareiro cá fora, e quando os amigos dele começaram a chamar-lhe "agarrado à mulher", ele sorria como se eles não soubessem o que estavam a perder. O casamento, que se realizou pouco depois de ambos acabarem o Serviço Nacional da Juventude, foi à pressa, porque um tio de Tobechi, que era pastor protestante, tinha-se oferecido para o ajudar a arranjar um visto americano, incluindo o seu nome num grupo que ia assistir a uma conferência da Missão de Fé Evangélica. A América significava trabalhar no duro, ambos o sabiam, e uma pessoa tinha o êxito assegurado se estivesse disposta a fazer isso mesmo. Tobechi chegaria à América, arranjaría emprego, trabalharia durante dois anos e obtería autorização de residência e depois mandá-la-ia chamar. Mas passaram dois anos, depois quatro, e ela continuava em Enugu a dar aulas numa escola secundária e a fazer um mestrado em part-time e a assistir aos batizados dos filhos dos seus amigos, enquanto Tobechi conduzia um táxi em Filadélfia, trabalhando para um nigeriano que explorava todos os seus motoristas porque nenhum deles estava em situação legal. Passou mais um ano. Tobechi não conseguia mandar tanto dinheiro quanto queria, porque a maior parte ia-se naquilo a que ele chamava "regularizar os papéis". Os murmúrios das tias de Kamara tornaram-se cada vez mais altos: Do que é que o rapaz está à espera? Se não se consegue organizar e mandar ir a mulher, devia dizer-nos, porque o tempo de uma mulher passa depressa!

Durante as conversas ao telefone, ela detetava a tensão na voz dele e consolava-o e ansiava por ele e chorava quando estava sozinha, até finalmente chegar o dia: Tobechi telefonou a dizer que tinha a autorização de residência, o green card em cima da mesa à sua frente e que nem sequer era verde.

Kamara nunca mais se esqueceria do ambiente bafiento, provocado pelo ar condicionado, quando chegou ao aeroporto de Filadélfia. Ainda tinha o passaporte na mão, ligeiramente dobrado na página que tinha o visto de visitante com o nome de Tobechi como proponente, quando saiu nas Chegadas, e ali estava ele, com a pele mais clara, gorducho, a rir. Tinham passado seis anos. Abraçaram-se. No carro, ele disse que tinha regularizado os seus documentos como solteiro e que por isso teriam de casar outra vez na América e ele requeria o green card dela. Ele tirou os sapatos quando chegaram ao apartamento e ela olhou-lhe para os dedos dos pés, escuros contra o linóleo cor de leite do chão da cozinha, e reparou que tinham pelos. Não se lembrava de os dedos dos pés dele terem pelos. Fitou-o enquanto ele falava, em igbo com um inglês à mistura que tinha um sotaque americano deselegante. "Amah go" em vez de "I will go". Ele não falava assim ao telefone. Ou será que sim, e ela não tinha reparado? Ou seria simplesmente porque estar a vê-lo tornava tudo diferente e era o Tobechi da universidade que ela esperara encontrar? Ele vasculhou recordações e exprimiu-as, encantado com elas: Lembraste da noite em que comprámos suya à chuva? Ela lembrava-se. Lembrava-se que tinha havido uma grande trovoadas, que as lâmpadas tremeluziam, e que eles tinham comido a carne grelhada ensopada com cebolas cruas que lhes fizeram vir as lágrimas aos olhos. Lembrava-se de terem acordado na manhã seguinte com um hálito forte a cebolas. Lembrava-se também de como na relação deles havia um à-vontade que não era forçado. Agora, os silêncios eram constrangedores, mas ela dizia a si própria que as coisas iam melhorar, afinal tinham estado separados muito tempo. Na cama, não sentia nada a não ser a fricção escorregadia de pele contra pele, e lembrava-se claramente de como costumava ser entre eles, ele silencioso e delicado e firme, ela a gemer, a agarrar-se a ele, a contorcer-se. Agora, perguntava-se se seria sequer o mesmo Tobechi; esta pessoa que parecia tão ávida, tão teatral, e que, o mais preocupante de tudo, tinha começado a falar naquele sotaque falso que lhe dava vontade de o esbofetear. Eu quero-te foder. Eu vou-te foder. No primeiro fim de semana ele levou-a a sair para ver a cidade de Filadélfia e andaram a passear pelo centro histórico até ela ficar exausta e ele lhe dizer que se sentasse num banco enquanto ele ia comprar-lhe uma garrafa de água. Quando voltou, a dirigir-se para ela com os seus jeans um pouco largos e uma T-shirt, com o sol cor de tangerina por trás dele, Kamara pensou por um momento que Tobechi era alguém que ela não conhecia de todo. Voltava para casa do seu novo emprego de gerente do Burger King com um pequeno presente: o último número da revista Essence, Maltina da loja africana, uma tablete de chocolate. No dia em que foram à conservatória trocar votos perante uma mulher com um ar impaciente, ele assobiou todo feliz enquanto dava o nó na gravata e ela observou-o com uma espécie de tristeza desesperada, desejando muito poder sentir a sua alegria. Havia emoções que ela queria ter na palma da mão, mas que simplesmente já não existiam.

Enquanto ele estava no trabalho, ela andava de um lado para o outro no apartamento e via televisão e comia tudo o que encontrava no frigorífico, até colheradas de margarina depois de acabar o pão. As roupas começavam a ficar-lhe apertadas na cintura e debaixo dos braços e deu-lhe para começar a andar só com o seu pano abada a envolver-lhe o corpo, com um nó debaixo do braço. Estava finalmente com Tobechi na América, estava finalmente com o seu bom homem, e a sensação que tinha era de monotonia. Era só com Chinwe que sentia que podia realmente falar. Chinwe era a amiga que nunca lhe tinha dito que era tola por esperar por Tobechi, e se ela dissesse a Chinwe que não gostava da sua cama, mas não lhe apetecia levantar-se de manhã, ela compreenderia o seu desconcerto.

Telefonou a Chinwe e ela começou a chorar depois do primeiro olá e kedú. Outra mulher estava grávida do marido de Chinwe e ele ia pagar o seu preço de noiva, porque Chinwe tinha duas filhas e a mulher era de uma família em que havia muitos rapazes. Kamara tentou consolar Chinwe, censurou asperamente o inútil do marido dela e depois desligou sem dizer uma palavra sobre a sua nova vida; não podia queixar-se por não ter sapatos quando a pessoa com quem estava a falar não tinha pernas.

À mãe, ao telefone, dizia que estava tudo ótimo.—Não tarda nada, vem aí a criançada—disse a mãe—,e ela disse:—Ise!—para mostrar que secundava o desejo dela. E era verdade. Tinha começado a fechar os olhos enquanto Tobechi estava em cima dela, a desejar fervorosamente ficar grávida, porque se isso não a tirasse do seu desânimo, pelo menos dar-lhe-ia algo com que se ocupar. Tobechi tinha-lhe trazido a pílula anticoncepcional, porque queria um ano só para os dois, para recuperar o tempo perdido, para desfrutarem da companhia um do outro, mas ela deitava um comprimido na sanita todos os dias e perguntava-se como é que ele não via o cinzento que ensombrava os dias dela, as coisas duras que se tinham metido entre os dois. Na segunda-feira da semana anterior, no entanto, ele tinha notado a mudança nela.

— Estás toda animada hoje, Kamara—disse, ao abraçá-la nessa noite. Parecia feliz por ela estar assim. Kamara ficou ao mesmo tempo encantada e triste, por saber esta coisa que não podia partilhar com ele, por subitamente acreditar de novo, de maneiras que nada tinham a ver com ele. Não lhe podia contar como Tracy tinha ido lá acima, à cozinha, e como ela tinha ficado surpreendida, porque já tinha desistido de se perguntar que tipo de mãe era aquela.

— Olá, Kamara—dissera Tracy, encaminhando-se para ela.—Eu sou a Tracy. Tinha uma voz grave, o seu corpo de mulher era fluido e tinha a camisola e as mãos manchadas de tinta.

— Oh, olá—disse Kamara, sorrindo.—Prazer em conhecê-la finalmente, Tracy. Kamara estendeu a mão, mas Tracy aproximou-se e tocou-lhe no queixo.—Alguma vez usou aparelho nos dentes?

— Aparelho nos dentes?

— Sim.

— Não, não.

— Tem uns dentes lindos.

A mão de Tracy ainda estava no seu queixo, inclinando-lhe ligeiramente a cabeça para cima, e Kamara sentiu-se primeiro como uma menina pequenina adorada e depois como uma noiva. Voltou a sorrir. Estava muito consciente do seu corpo, dos olhos de Tracy, de o espaço entre ambas ser tão pequeno, tão, tão pequeno.

— Já alguma vez foi modelo de algum artista?—perguntou Tracy.

— Não... não.

Josh entrou na cozinha e correu para Tracy, com o rosto iluminado.—Mamã!—disse, e Tracy abraçou-o, beijou-o e despenteou-lhe o cabelo.—Já acabaste o trabalho, mamã?—perguntou, e continuou agarrado à mão dela.

— Ainda não, doçura—disse ela. Parecia estar familiarizada com a cozinha. Kamara contava que ela nem soubesse onde estavam os copos ou como usar o filtro da água.

— Estou encravada, por isso pensei em vir até cá acima um bocado—disse. Estava a alisar com a mão o cabelo de Josh. Voltou-se para Kamara.—Está-me aqui preso na garganta, sabe?

— Sei—disse Kamara, embora não soubesse. Tracy estava a fitá-la nos olhos de uma maneira que fazia com que a língua de Kamara parecesse borracha.

— O Neil diz que tem um mestrado—disse Tracy.

— Tenho.

— Isso é maravilhoso. Eu detestei a faculdade, mal via a hora de acabar o curso!—Riu. Kamara riu. Josh riu. Tracy folheou o correio em cima da mesa, pegou num envelope, abriu-o e voltou a pousá-lo em cima da mesa. Kamara e Josh observavam-na em silêncio. Depois ela virou-se.—OK, acho que é melhor voltar para o trabalho.

Vejo-vos mais tarde.

— Porque é que não mostra ao Josh aquilo em que está a trabalhar?—perguntou Kamara, porque não

conseguia suportar a ideia de Tracy ir embora.

Por um instante, Tracy pareceu desconcertada pela sugestão, mas depois olhou para Josh e disse:—
Queres vê-la, pequenote?

— Siim!

Na cave, uma pintura grande estava encostada à parede.

— É bonito—disse Josh.—Não é, Kamara?

Pareciam-lhe borrões aleatórios de tintas de cores fortes.—Sim. É muito bonito.

Sentia mais curiosidade pela cave propriamente dita, onde Tracy praticamente vivia, pelo sofá com covas e as mesas atravancadas e as canecas com manchas de café.

Tracy estava a fazer cócegas a Josh e ele estava a rir-se. Tracy virou-se para ela.—Desculpe a desarrumação.

— Não, está ótimo.—Kamara queria oferecer-se para fazer a limpeza, qualquer coisa para poder ficar ali.

— O Neil diz que a Kamara acabou de se mudar para os Estados Unidos? Adorava ouvi-la falar da Nigéria. Estive no Gana há uns dois anos.

— Oh!—Kamara encolheu a barriga.—Gostou do Gana?

— Muito. A terra-mãe influencia todo o meu trabalho—disse Tracy. Estava a fazer cócegas a Josh, mas tinha os olhos pregados em Kamara.—É ioruba?

— Não. Igbo.

— O que quer dizer o seu nome? Estou a pronunciar-lo bem? Ka-mara?

— Está. É uma forma abreviada de Kamarachizuoroanyi. "Que a Graça de Deus Seja Suficiente para Nós."

—É lindo, é como música. Kamara, Kamara, Kamara.

Kamara imaginou Tracy a dizer o seu nome de novo, desta vez ao seu ouvido, num murmúrio. Kamara, Kamara, Kamara, diria, enquanto os seus corpos se balouçavam ao ritmo da música do seu nome.

Josh andava a correr com um pincel na mão e Tracy corria atrás dele; aproximaram-se de Kamara. Tracy parou.—Gosta deste trabalho, Kamara?

— Gosto—disse Kamara. Ficou surpreendida.—O Josh é um menino muito bom.

Tracy acenou com a cabeça. Estendeu a mão e, mais uma vez, tocou levemente o rosto de Kamara. Os seus olhos brilhavam à luz das lâmpadas de halogéneo.

— Seria capaz de tirar as roupas para mim?—perguntou, num tom tão suave que Kamara não teve a certeza de ter ouvido bem.—Eu pintá-la-ia. Mas não se pareceria muito consigo.

Kamara sabia que já não estava a respirar como devia.—Oh, não sei—disse.

— Pense nisso—disse Tracy, antes de se virar para Josh e lhe dizer que tinha de voltar ao trabalho.

— É a hora do teu sumo de espinafres, Josh—disse Kamara, demasiado alto, e foi para o andar de cima, desejando ter dito alguma coisa mais ousada, desejando que Tracy voltasse a subir.

Neil tinha voltado a deixar Josh comer pepitas de chocolate depois de ler num livro novo que os adoçantes eram carcinogéneos, e por isso Josh estava comer a sua sobremesa de gelado de iogurte biológico com pepitas de chocolate quando a porta da garagem se abriu. Neil estava com um elegante fato escuro. Pousou a pasta de couro na bancada, disse olá a Kamara e depois atirou-se para cima de Josh.—Olá, compincha!

— Olá, papá!—Josh deu-lhe um beijo e riu-se quando Neil lhe esfregou o nariz no pescoço.

— Como é que correu o teu treino de leitura com a Kamara?

— Bem.

— Estás nervoso, compincha? Vais-te sair muito bem, aposto que vais ganhar. Mas se não ganhares não faz mal, porque continuas a ser um campeão para o papá. Estás a postos para o Zainy Brainy? Deve ser divertido. É a primeira visita do Chum the Cheeseball!

— Sim—disse Josh. Empurrou o prato para o lado e começou a remexer na mochila da escola.

— Eu dou uma vista de olhos aos teus trabalhos da escola depois—disse Neil.

— Não consigo encontrar os atacadores dos ténis. Tirei-os no recreio—disse Josh. Tirou um pedaço de papel da mochila. Os atacadores imundos estavam emaranhados à volta do papel e Josh desembaraçou-os.—Oh! Olha! Lembraste dos postais especiais do Sabat para a família que a minha turma andava a fazer, papá?

— É isso?

— É!—Josh levantou o papel colorido a lápis de cores, agitando-o para um lado e para o outro. Na sua letra precocemente bem desenhada estavam as palavras: Kamara, sinto-me feliz por sermos da mesma família. Shabbat shalom.

— Esqueci-me de to dar na sexta-feira passada, Kamara. Por isso, vou ter de esperar até amanhã para to dar, OK?—disse Josh com uma expressão solene.

— OK, Josh—disse Kamara. Estava a passar o prato por água para o pôr na máquina.

Neil tirou o postal a Josh.—Sabes, Josh—disse, devolvendo-lho—,é muito simpático da tua parte dares isto à Kamara, mas a Kamara é tua ama e tua amiga, e o postal era para a família.

— Miss Leah disse que eu podia.

Neil olhou para Kamara, como que a pedir que ela o apoiasse, mas Kamara desviou o olhar e concentrou-se em abrir a máquina de lavar louça.

— Podemos ir, papá?—perguntou Josh.

— Claro.

Antes de saírem, Kamara disse:—Boa sorte para amanhã, Josh.

Kamara ficou a vê-los afastarem-se no Jaguar de Neil. Estava ansiosa por descer as escadas, bater à porta de Tracy e oferecer-lhe alguma coisa: café, um copo de água, uma sanduíche, ela própria. No quarto de banho, passou a mão pelo seu cabelo recentemente entrançado, retocou o brilho dos lábios e o rímel e depois começou a descer as escadas que davam para a cave. Parou muitas vezes e voltou atrás. Finalmente, desceu as escadas a correr e bateu à porta. Bateu e voltou a bater.

Tracy abriu a porta.—Pensei que já tinha ido embora—disse, com uma expressão distante. Trazia uma T-shirt desbotada e jeans com manchas de tinta e as suas sobancelhas eram tão grossas e tão a direito que pareciam postilhas.

— Não—disse Kamara e sentiu-se embaraçada. Porque é que não voltaste cá acima desde a segunda-feira da semana passada? Porque é que os teus olhos não se iluminaram ao ver-me?—O Neil e o Josh acabaram de sair para ir ao Zainy Brainy. Estou a fazer figas pelo Josh amanhã.

— Pois—disse Tracy. Havia algo na sua atitude que Kamara receava que fosse uma impaciência irritada.

— Tenho a certeza de que o Josh vai ganhar—disse Kamara.

— Pode ser que sim.

Tracy parecia estar a recuar, como se estivesse prestes a fechar a porta.

— Precisa de alguma coisa?—perguntou Kamara.

Lentamente, Tracy sorriu. Aproximou-se, cada vez mais perto de Kamara, demasiado perto, o seu rosto contra o rosto de Kamara.—Vai mesmo tirar a roupa para mim—disse.

— Vou—disse Kamara, e manteve a barriga encolhida até Tracy dizer:—Ótimo. Mas hoje não. Hoje não é um bom dia—e desapareceu para dentro da cave.

Ainda antes de Kamara olhar para Josh na tarde seguinte, soube que ele não ganhara. Estava sentado com um prato de bolachas à frente, a beber um copo de leite, com Neil de pé ao seu lado. Uma mulher loura e bonita, com jeans que não lhe assentavam bem, estava a olhar para as fotografias de Josh coladas na porta do frigorífico.

— Olá, Kamara. Acabámos de chegar—disse Neil.—O Josh foi fantástico. Realmente merecia ganhar. Era claramente o miúdo que se tinha esforçado mais.

Kamara fez uma festa na cabeça de Josh.—Olá, Joshy.

— Olá, Kamara—disse Josh, e meteu uma bolacha à boca.

— Esta é a Maren—disse Neil.—É a professora de Francês do Josh.

A mulher disse olá e apertou a mão de Kamara e depois foi para a salinha. Os jeans enfiavam-se-lhe entre as pernas e tinha as maçãs do rosto manchadas com uma cor demasiado viva de blush e não era nada como Kamara imaginava que fosse uma professora de Francês.

— A Maratona da Leitura ocupou-lhe o tempo das aulas, por isso eu pensei que poderiam ter a aula aqui e a Maren teve a gentileza de dizer que sim. Está bem, Kamara?

— perguntou Neil.

— Claro—disse Kamara, e, de repente, já gostava outra vez de Neil e gostava da maneira como os estores cortavam às tiras a luz do sol que entrava na cozinha e gostava do facto de a professora de Francês estar aqui, porque, quando a aula começasse, ela iria descer à cave e perguntar a Tracy se era o momento certo para tirar a roupa. Trazia um soutien novo, decotado.

— Estou preocupado—disse Neil. Acho que estou a consolá-lo com um excesso de açúcar. Já comeu dois chupa-chupas. E parámos na Baskin-Robbins à vinda—Neil estava a segredar, embora Josh pudesse ouvi-lo. Era o mesmo tom desnecessariamente baixo que Neil tinha usado para lhe falar dos livros que dera à sala da pré-primária em Temple Beth Hillel, livros sobre judeus etíopes, ilustrados com imagens de pessoas cuja pele era da cor de terra lustrosa, mas Josh disse que a professora nunca tinha lido os livros à turma. Kamara recordava-se da maneira como Neil lhe agarrara a mão, agradecido, depois de ela ter dito:—O Josh vai ficar bem—, como se tudo aquilo de que Neil precisasse fosse de que alguém lhe dissesse isso mesmo.

Agora, Kamara disse:—Ele vai superar isso.

Neil acenou lentamente com a cabeça.—Não sei.

Ela estendeu a mão e apertou a de Neil. Sentia-se cheia de generosidade de espírito.

— Obrigada, Kamara—disse Neil, e fez uma pausa.—É melhor eu ir indo. Hoje vou chegar tarde. Não se importa de fazer o jantar?

— É claro que não—disse Kamara, e sorriu outra vez. Talvez houvesse tempo para voltar lá abaixo à cave enquanto Josh jantava, talvez Tracy lhe pedisse que ficasse e ela telefonaria a Tobechi e dir-lhe-ia que tinha havido uma emergência e que tinha de ficar a tomar conta de Josh durante a noite. A porta que dava para a cave abriu-se. A excitação de Kamara provocou-lhe um latejar surdo nas têmporas, que se intensificou quando Tracy apareceu com as suas leggings e a sua camisola manchada de tinta. Abraçou Josh e beijou-o.—Hei, tu és o meu campeão, compincha, o meu campeão especial.

Kamara gostou do facto de Tracy não beijar Neil, que dissessem um ao outro um olá como se fossem irmãos.

— Olá, Kamara—disse Tracy, e Kamara disse a si própria que a razão porque Tracy parecia normal, e não absolutamente encantada por a ver, era porque não queria que Neil soubesse de nada.

Tracy abriu o frigorífico, pegou numa maçã e suspirou.—Estou tão encravada. Tão encravada—disse.

— Vai correr tudo bem—murmurou Neil. E depois, erguendo a voz para que Maren, que estava na salinha, o ouvisse, acrescentou:—Ainda não conheces a Maren, pois não?

Neil apresentou-as. Maren estendeu a mão e Tracy apertou-lha.

— Usa lentes de contacto?—perguntou Tracy.

— Lentes? Não.

— Tem uns olhos muito fora do comum. Violeta—disse Tracy. Continuava com a mão de Maren entre as suas.

— Oh! Obrigada—disse Maren, e soltou uma risadinha nervosa.

— São realmente violeta.

— Oh... sim, acho que sim.

— Já alguma vez foi modelo de um artista?

— Oh... não...—mais risadinhas.

— Devia pensar nisso—disse Tracy.

Levou a maçã à boca e mordeu-a lentamente, sem desviar o olhar do rosto de Maren. Neil estava a observá-las com um sorriso indulgente e Kamara desviou os olhos.

Sentou-se ao lado de Josh e pegou numa bolacha do prato dele.

1 Cadeia de lojas de brinquedos pedagógicos. (N. do E.)

2 Bebidas à Base de Plantas para Crianças. (N. da T.)

3 Um Guia Completo para Fazer Sumos de Vegetais. (N. da T.)

JUMPING MONKEY HILL4

As cabanas tinham todos telhados de colmo. Nomes como Baboon Lodge e Porcupine Place⁵ estavam pintados à mão ao lado das portas de madeira que davam para caminhos empedrados, e as janelas eram deixadas abertas para os hóspedes acordarem com o restolhar das folhas dos jacarandás e a rebentação ritmada e calmante das ondas do mar. No tabuleiro de verguinha havia uma seleção de chás especiais. A meio da manhã, empregadas negras discretas faziam a cama, limpavam a elegante banheira, aspiravam a alcatifa e deixavam flores silvestres em jarras artesanais. Ujunwa achava estranho que a Oficina de Escrita Criativa de Escritores Africanos se realizasse aqui, em Jumping Monkey Hill, nos arredores da Cidade do Cabo. O próprio nome era incongruente, e a estância turística tinha algo da complacência dos bem alimentados, era o tipo de lugar onde ela imaginava turistas estrangeiros abastados a andarem de um lado para o outro a tirar fotografias de lagartos e depois a regressarem aos seus países ainda em grande medida sem a noção de que havia mais pessoas negras do que lagartos de cabeça vermelha em África do Sul. Mais tarde, ficaria a saber que tinha sido Edward Campbell a escolher aquela estância turística; passara ali fins de semana quando dava aulas na Universidade da Cidade do Cabo, anos antes.

Mas ela não sabia nada disto na tarde em que Edward—um homem velho com um chapéu de verão, que, ao sorrir, mostrou dois dentes da frente da cor do mofo—a foi buscar ao aeroporto. Ele deu-lhe dois beijos. Perguntou-lhe se tinha tido algum problema com o seu bilhete pré-pago em Lagos, se não se importava de esperar pelo ugandês cujo voo chegaria daí a pouco, se tinha fome. Disse-lhe que a sua mulher, Isabel, já tinha vindo buscar a maior parte dos outros participantes da oficina de escrita criativa e que os seus amigos Simon e Hermione, que tinham vindo com eles de Londres como pessoal contratado, estavam a organizar um almoço de boas-vindas na estância. Ele e Ujunwa sentaram-se num banco nas Chegadas. Ele equilibrou o cartaz com o nome do ugandês no ombro e disse-lhe que a Cidade do Cabo era muito húmida nesta altura do ano e que estava muito satisfeito com a organização da oficina. Prolongava as palavras. Tinha o tipo de pronúncia a que os britânicos chamavam "posh", fina, aquele tipo de pronúncia que alguns nigerianos ricos tentavam imitar, acabando por soar cómicos sem querer. Ujunwa pensou se teria sido Edward quem a tinha selecionado para a oficina de escrita criativa. Provavelmente não; tinha sido o British Council a solicitar candidaturas e a selecionar posteriormente as melhores.

Edward deslocara-se um pouco e estava agora sentado mais perto dela. Estava a perguntar-lhe o que é que ela fazia na Nigéria. Ujunwa forçou um grande bocejo, desejando que ele parasse de falar. Ele repetiu a pergunta e quis saber se ela tinha pedido dispensa do emprego para participar na oficina. Observava-a atentamente. Ele podia ter qualquer idade entre os sessenta e cinco e os noventa anos. Ujunwa não conseguia adivinhar-lhe a idade pela cara; era agradável, mas sem forma, como se Deus, depois de o criar, o tivesse atirado contra a parede e lhe esborrachasse as feições pela cara toda. Ujunwa sorriu vagamente e disse que tinha perdido o emprego mesmo antes de vir de Lagos—um emprego num banco—e que, por isso, não tinha tido necessidade de pedir dispensa do serviço. Voltou a bocejar. Ele parecia interessado em saber mais e ela não queria contar-lhe mais nada e por isso, quando olhou para cima e viu o ugandês a encaminhar-se para eles, sentiu-se aliviada.

O ugandês parecia sonolento. Tinha trinta e poucos anos, um rosto quadrado e de pele escura, cabelo despenteado que se tinha emaranhado em tufos crespos. Inclinou-se ao apertar a mão de Edward entre as suas e depois virou-se e murmurou um olá a Ujunwa. Sentou-se no lugar da frente no Renault. A viagem até à estância turística foi longa, por estradas rasgadas ao acaso em colinas íngremes, e Ujunwa sentiu-se preocupada, porque achava que Edward era demasiado velho para conduzir tão depressa.

Foi com o coração nas mãos até avistarem o grupo de telhados de colmo e as veredas bem arranjadas. Uma mulher loura toda sorridente conduziu-a até à sua cabana, Zebra Lair6, que tinha uma cama com dossel e lençóis que cheiravam a alfazema. Ujunwa deixou-se ficar sentada na cama por uns momentos e depois levantou-se para desfazer a mala, olhando pela janela de vez em quando para procurar macacos à espreita entre a abóbada das árvores.

Não havia nenhuns, infelizmente, disse Edward aos participantes mais tarde, quando estavam a almoçar à sombra de guarda-sóis cor-de-rosa no terraço, com as mesas junto do gradeamento para poderem olhar lá para baixo para o mar turquesa. Apontou para cada pessoa e fez as apresentações. A mulher branca sul-africana era de Durban e o homem negro viera de Joanesburgo. O tanzaniano era de Arusha, a zimbabueana de Bulawayo, o queniano de Nairobi e a senegalesa, a mais jovem, com vinte e três anos, tinha vindo de avião de Paris, onde frequentava a universidade.

Edward apresentou Ujunwa por último:—Ujunwa Ogundu é a nossa participante nigeriana e vive em Lagos.

Ujunwa olhou à volta da mesa e perguntou-se com quem é que se daria bem. A senegalesa era a mais prometedora, com um brilho irreverente nos olhos, um sotaque francófono e fios brancos nas suas rastas grossas. A zimbabueana tinha rastas mais compridas e mais finas e as conchas entretecidas nelas tilintavam quando ela mexia a cabeça de um lado para o outro. Parecia frenética, hiperativa, e Ujunwa pensou que talvez viesse a gostar dela, mas só como gostava de álcool—em pequenas quantidades.

O queniano e o tanzaniano pareciam vulgares, quase indistinguíveis—homens altos com testas largas, barbas pouco cuidadas e camisas estampadas de manga curta. Ujunwa pensou que gostaria deles daquela forma pouco interessada que se gosta de pessoas que não são ameaçadoras. Não tinha a certeza quanto aos sul-africanos: a mulher branca tinha uma expressão demasiado empenhada, sem humor nem maquilhagem, e o homem negro parecia paciente, devoto, como uma testemunha de Jeová a ir de porta em porta e a sorrir de cada vez que lhe fechavam a porta na cara. Quando ao ugandês, Ujunwa não tinha gostado dele logo no aeroporto, e cada vez gostava menos dele agora, por causa das suas respostas bajuladoras às perguntas de Edward, da maneira como se inclinava para a frente para falar só com Edward e ignorava os outros participantes. Eles, por sua vez, pouco lhe dirigiam a palavra. Todos sabiam que ele era o vencedor do último Prémio Lipton para Escritores Africanos, no valor de quinze mil libras. Não o incluíram na conversa de circunstância sobre os respetivos voos.

Depois de comerem o frango com um molho de natas enfeitado com ervas aromáticas, depois de beberem a água com gás que vinha em garrafas cintilantes, Edward levantou-se para fazer o discurso de boas-vindas. Piscava os olhos enquanto falava e o seu cabelo fino esvoaçava na brisa, que cheirava a maresia. Começou por lhes dizer o que já sabiam—que a oficina teria a duração de duas semanas; que era uma ideia sua, mas, é claro, subsidiada pela generosidade da Chamberlain Arts Foundation, assim como o Prémio Lipton para Escritores Africanos tinha sido ideia sua e também subsidiado pela boa gente da fundação; que se esperava que todos produzissem um conto para possível publicação na *Orationary*; que seriam disponibilizados computadores portáteis nas cabanas; que escreveriam durante a primeira semana e passariam em revista o trabalho de cada participante durante a segunda semana; e que o ugandês seria o orientador da oficina de escrita criativa. Depois falou sobre si próprio, sobre como a literatura africana tinha sido a sua causa ao longo de quarenta anos, uma paixão de uma vida inteira que tinha começado em Oxford. Deitava olhares frequentes ao ugandês. O ugandês acenava com a cabeça entusiasticamente em reconhecimento de cada olhar. Finalmente, Edward apresentou a mulher, Isabel, embora já todos a conhecessem.

Disselhes que ela era ativista dos direitos dos animais, uma "africana honorária", que passara a adolescência no Botsuana. Parecia orgulhoso quando ela se levantou, como se a sua graciosidade alta e delgada compensasse o que lhe faltava a ele de bom aspeto físico. O cabelo dela era de um ruivo discreto, com um corte que lhe emoldurava o rosto com madeixas. Passou a mão pelo cabelo enquanto

dizia:—Edward, francamente, uma apresentação...—No entanto, Ujunwa imaginou que Isabel quisera ser apresentada, que talvez até tivesse lembrado a Edward, dizendo:—Ora bem, querido, lembra-te de me apresentar em condições ao almoço—num tom delicado.

No dia seguinte, ao pequeno-almoço, Isabel usou esse mesmo tom quando se sentou ao lado de Ujunwa e disse que, com certeza, com aquela estrutura óssea maravilhosa, Ujunwa devia estar ligada à realeza nigeriana. A primeira coisa que passou pela cabeça de Ujunwa foi perguntar se Isabel precisava de recorrer à ideia de sangue real para explicar o bom aspeto dos seus amigos de Londres. Não fez essa pergunta, dizendo antes—porque não conseguiu resistir à tentação—que era de facto uma princesa, de linhagem antiga, e que um dos seus antepassados tinha capturado um mercador português no século XVII e o tinha mantido, bem tratado, numa jaula real.

Parou para beberricar o sumo de arando e sorrir para dentro do copo. Isabel disse, toda animada, que era sempre capaz de detetar sangue real e que esperava que Ujunwa apoiasse a sua campanha contra a caça furtiva e que era simplesmente horrível, horrível, a quantidade de espécies ameaçadas de símios que as pessoas andavam a matar e nem sequer os comiam, apesar daquela conversa toda da carne do mato, só usavam os genitais para fazer amuletos.

Depois do pequeno-almoço, Ujunwa telefonou à mãe e falou-lhe da estância turística e de Isabel e ficou satisfeita quando a mãe se riu. Depois de desligar, sentou-se em frente do portátil e pensou há quanto tempo a sua mãe não se ria. Ficou ali sentada durante muito tempo, a deslocar o rato de um lado para o outro, tentando decidir se daria à sua personagem um nome vulgar, como Chioma, ou algo exótico, como Ibari.

Chioma vive com a sua mãe em Lagos. Tem uma licenciatura em Economia pela Universidade de Nsukka, terminou recentemente o seu Serviço Nacional da Juventude, e todas as quintas-feiras compra o The Guardian e esquadrinha a secção de empregos e envia o seu currículo em envelopes de papel pardo. Passam-se semanas sem ter resposta.

Finalmente, recebe um telefonema a convidá-la para uma entrevista. Depois das primeiras perguntas, o homem diz que vai contratá-la e depois encaminha-se para ela, põe-se por trás dela e passa-lhe as mãos por cima dos ombros para lhe apalpar os seios. Ela bufa:—Estúpido! Nem sabe respeitar-se a si próprio!—e vai-se embora.

Seguem-se semanas de silêncio. Ela ajuda na boutique da mãe. Envia mais envelopes. Na entrevista seguinte, a entrevistadora, falando com a pronúncia mais tonta e mais postiça que Chioma já alguma vez ouviu, diz-lhe que prefere alguém que tenha estudado no estrangeiro, e Chioma quase desata a rir ao sair. Mais semanas de silêncio.

Chioma não vê o pai há meses, mas decide ir ao seu novo escritório em Victoria Island pedir se ele pode ajudá-la a arranjar emprego. O encontro é tenso.—Porque é que não vieste antes, eh?—pergunta ele, fazendo de conta que está zangado, porque ela sabe que é mais fácil para ele parecer que está zangado, é mais fácil ficar zangado com as pessoas depois de as magoar. Ele faz uns telefonemas. Dá-lhe um rolo fino de notas de duzentos nairas. Não lhe pergunta pela mãe. Ela repara que ele tem uma fotografia da Mulher Amarela em cima da secretária. A mãe de Chioma tinha-a descrito bem:—Tem a pele muito clara, parece mestiça, e o facto é que nem sequer é bonita, tem uma cara que parece um mamão amarelo demasiado maduro.

O lustre na sala de jantar principal de Jumping Monkey Hill está pendurado tão baixo que Ujunwa podia estender a mão e tocar-lhe. Edward estava sentado numa das pontas da mesa comprida, coberta por uma toalha branca, Isabel na outra, e os participantes entre os dois. Os sapatos dos empregados matraqueiam o soalho de madeira enquanto eles circulam a distribuir os menus. Medalhões de avestruz.

Salmão fumado. Frango em molho de laranja. Edward recomendou a todos que escolhessem a avestruz.

Era simplesmente ma-ra-vi-lho-sa. A Ujunwa não agradava a ideia de comer avestruz, nem sequer fazia ideia de que se comia avestruz, e quando o disse Edward riu com benevolência e disse que é claro que avestruz era um prato típico africano. Todos os outros escolheram avestruz e quando chegou o frango de Ujunwa, demasiado cítrico, ela pensou que talvez devesse ter mandado vir avestruz. Parecia carne de vaca, de qualquer maneira. Bebeu mais álcool do que alguma vez tinha bebido na sua vida, dois copos de vinho, e sentiu-se relaxada e falou com a senegalesa sobre as melhores maneiras de cuidar de cabelo preto natural: nada de produtos de silicone, muita manteiga de karité, pentear só quando estivesse molhado. Ouviu pedaços de conversas, Edward a falar de vinhos: o Chardonnay era horrivelmente desinteressante.

Depois do almoço, os participantes juntaram-se no mirante—exceto o ugandês, que se sentou à parte com Edward e Isabel. Enxotavam insetos voadores, bebiam vinho e riam e troçavam amigavelmente uns dos outros: Vocês os Quenianos são demasiado submissos! Vocês os Nigerianos são demasiado agressivos! Vocês os Tanzanianos não se sabem vestir! Vocês os Senegaleses são demasiado influenciados pelos Franceses! Falaram sobre a guerra no Sudão, sobre o declínio da African Writers Series, sobre livros e escritores. Concordaram que Dambudzo Marechera era incrível, que Alan Paton era condescendente, que Isak Dinesen era imperdoável. O queniano adotou uma pronúncia europeia genérica e entre passas do seu cigarro recitou o que Isak Dinesen tinha dito sobre todas as crianças kikuyu se tornarem atrasadas mentais aos nove anos. Riram-se. A zimbabueana disse que Achebe era um tédio e que não fazia nada com estilo, e o queniano disse que isso era um sacrilégio e agarrou no copo da zimbabueana até ela se retratar, a rir, dizendo que, evidentemente, Achebe era sublime. A senegalesa disse que quase tinha vomitado quando um professor na Sorbonne lhe disse que Conrad estava na realidade do lado dela, como se ela não tivesse capacidade de decidir por si só quem estava do seu lado. Ujunwa desatou aos saltos, a balbuciar tolices para imitar os africanos de Conrad, sentindo a doce leveza do vinho na cabeça. A zimbabueana vacilou e caiu na fonte e saltou para fora a cuspir água, com as rastas molhadas, e a dizer que tinha sentido um peixe às voltas lá dentro. O queniano disse que ia usar isso na sua história—um peixe na fonte toda chique da estância turística—já que não fazia realmente ideia nenhuma sobre o que é que ia escrever. A senegalesa disse que a história dela era verdadeiramente a sua história, de como sentira a morte da sua namorada e de como isso a fizera atrever-se a revelar a sua orientação sexual aos pais, embora eles agora tratassem o facto de ela ser lésbica como uma piada ligeira e continuassem a falar das famílias de rapazes casadouros. O sul-africano negro pareceu alarmado quando ouviu a palavra "lésbica". Levantou-se e afastou-se. O queniano disse que o sul-africano negro lhe lembrava o seu pai, que frequentava uma igreja do Renascimento do Espírito Santo e não falava com os vizinhos porque eles não tinham sido salvos. A zimbabueana, o tanzaniano, a sul-africana branca e a senegalesa falaram todos dos seus pais.

Olharam para Ujunwa e ela apercebeu-se de que era a única que não tinha dito nada e, por um momento, o vinho já não lhe toldava a mente. Encolheu os ombros e murmurou que tinha realmente pouco a dizer sobre o seu pai. Era uma pessoa normal.

— Faz parte da tua vida?—perguntou a senegalesa num tom de voz suave que significava que ela estava a partir do princípio de que não fazia, e pela primeira vez a sua pronúncia francófona irritou Ujunwa.—Ele faz parte da minha vida—disse Ujunwa com uma firmeza calma.—Foi ele que me comprou livros quando eu era pequena e era ele que me lia poemas e histórias.—Fez uma pausa, toda a gente estava a olhar para ela.—Fez algo que me surpreendeu. Também me magoou, mas principalmente surpreendeu-me—acrescentou. A senegalesa parecia querer fazer mais perguntas, mas mudou de ideias e disse que queria mais vinho.—Vais escrever sobre o teu pai?

— perguntou o queniano, e Ujunwa respondeu com um NÃO enfático, porque nunca tinha acreditado na ficção comoterapia. O tanzaniano disse-lhe que toda a ficção era terapia, algum tipo de terapia,

dissessem o que dissessem.

Nessa noite, Ujunwa tentou escrever, mas não conseguia focar os olhos e estava com uma dor de cabeça, por isso foi para a cama. Depois do pequeno-almoço, sentou-se em frente ao portátil com uma chávena de chá nas mãos.

Chioma recebe um telefonema do banco Merchant Trust, um dos lugares que o seu pai contactou. Ele conhece o presidente do conselho de administração. Ela fica com esperanças: todas as pessoas do banco que ela conhece andam em bons Jettas em segunda mão e têm bons apartamentos em Gbagada. É entrevistada pelo vice-gerente. Ele é escuro e bem-parecido e os seus óculos têm o logótipo elegante de um estilista na armação e, enquanto fala com Chioma, ela quer desesperadamente que ele repare nela. Mas não. Ele diz-lhe que gostariam de a contratar para a secção de marketing, o que significa andar por fora a tentar angariar novos clientes. Ela trabalhará com Yinka. Se conseguir trazer dez milhões de nairas em contas durante o período em que estiver à experiência, terá um lugar permanente garantido. Ela vai assentindo com a cabeça enquanto ele fala. Está habituada à atenção dos homens e sente-se amuada por ele não olhar para ela como um homem olha para uma mulher, e não compreende lá muito bem o que ele quer dizer com andar por fora a angariar novos clientes até começar a trabalhar daí a duas semanas. Um motorista de uniforme leva-a e a Yinka num jipe oficial com ar condicionado—Chioma passa a mão pelo assento de pele suave, sente relutância em sair—à casa de um alhaji em Ikoyi. O alhaji é paternal e tem o sorriso, os gestos, o riso expansivos. Yinka já veio visitá-lo algumas vezes e ele abraça-a e diz qualquer coisa que a faz rir. Ele olha para Chioma.—Esta é demasiado fina—diz. Um mordomo serve um cocktail chapman em copos gelados. O alhaji fala com Yinka, mas olha frequentemente para Chioma. A seguir pede a Yinka que se aproxime e que lhe explique a conta poupança com juros elevados e depois pede-lhe que se sente ao colo dele e pergunta se ela julga que ele não tem força para aguentar o peso dela. Yinka diz que é claro que ele tem força e senta-se ao colo dele, com um sorriso sereno. Yinka é pequena e tem a pele clara, faz lembrar a Chioma a Mulher Amarela.

O que Chioma sabe sobre a Mulher Amarela é o que a mãe lhe contou. Numa tarde com pouco movimento, a Mulher Amarela tinha entrado na boutique da mãe de Chioma, na Adeniram Ogunsanya Street. A sua mãe sabia quem era a Mulher Amarela, sabia que a relação dela com o seu marido já durava há um ano, sabia que ele tinha pagado o Honda Accord da Mulher Amarela e o apartamento em Ilupeju. Mas o que enfureceu a sua mãe foi o insulto: que a Mulher Amarela viesse à sua boutique para ver sapatos e que planeasse pagá-los com dinheiro que na verdade era do seu marido. Por isso, a mãe de Chioma puxou as extensões da Mulher Amarela que lhe caíam pelas costas e gritou:—Ladra de maridos!—e a empregada da boutique meteu-se ao barulho, às estaladas e ao murro à Mulher Amarela até ela fugir a correr para o carro. Quando o pai de Chioma soube disto, berrou com a mulher e disse que ela se tinha comportado como uma daquelas mulheres descontroladas da rua, que o tinha envergonhado a ele, a si própria e a uma mulher inocente por nada. Depois saiu de casa. Chioma voltou do Serviço Nacional da Juventude e reparou que o guarda-fatos do pai estava vazio. A Titi Elohor, a Titi Rose e a Titi Uche tinham vindo as três e tinham dito à sua mãe:—Estamos dispostas a ir contigo e a suplicar-lhe que volte para casa ou a irmos nós pedir por ti. A mãe de Chioma disse:—Nunca, nem pensar. Não vou suplicar-lhe. Basta.

A Titi Funmi veio e disse que a Mulher Amarela o tinha amarrado com feitiçarias e que ela conhecia um bom babalawo que conseguiria desamarrá-lo. A mãe de Chioma disse:—Não, não vou.

A boutique estava a perder negócio, porque o pai de Chioma sempre tinha ajudado a mãe a importar sapatos do Dubai. Por isso, ela baixou os preços, pôs anúncios nas revistas Joy e City People e passou a vender sapatos fabricados em Aba. Chioma está com um desses pares de sapatos na manhã em que, sentada na sala do alhaji, observa Yinka, empoleirada no seu regaço amplo, a falar sobre as vantagens de

uma conta poupança no banco Merchant Trust.

* * *

Ao princípio, Ujunwa tentou não reparar que muitas vezes Edward fitava o seu corpo, que os seus olhos nunca se dirigiam para o seu rosto, mas sempre mais para baixo.

Tinha-se adotado uma rotina de pequeno-almoço às oito, almoço à uma e jantar às seis na sala de jantar grandiosa. Ao sexto dia, um dia incrivelmente quente, Edward distribuiu exemplares da primeira história a ser avaliada, escrita pela zimbabueana. Os participantes estavam todos sentados no terraço e, depois de ele distribuir os papéis, Ujunwa viu que todos os lugares à sombra dos guarda-sóis estavam ocupados.

— Eu não me importo de me sentar ao sol—disse ela, já a levantar-se.—Quer que eu me levante para si, Edward?

— Preferia que se deitasse para mim—disse ele. Era um momento húmido, espesso; uma ave crocitava ao longe. Edward estava a sorrir. Só o ugandês e o tanzaniano o tinham ouvido. E então o ugandês riu-se. E Ujunwa riu, porque era engraçado e espirituoso, disse a si própria, pensando bem. A seguir ao almoço, foi dar um passeio com a zimbabueana e quando pararam para apanhar conchas junto ao mar, Ujunwa quis contar-lhe o que Edward tinha dito. Mas a zimbabueana parecia preocupada, menos faladora do que o habitual; provavelmente estava ansiosa por causa da sua história. Ujunwa leu-a nessa noite. Achou que o estilo tinha demasiados floreios, mas gostou da história e escreveu comentários e sugestões ponderadas nas margens. Era uma história familiar e cómica, sobre um professor do ensino secundário de Harare a quem o seu ministro da igreja pentecostal diz que ele e a mulher não terão filhos enquanto não conseguirem obter uma confissão das bruxas que amarraram o útero da sua mulher. Convencem-se de que as bruxas são as vizinhas do lado e todas as manhãs rezam em voz muito alta, atirando bombas verbais do Espírito Santo por cima da vedação.

Depois de a zimbabueana ler um excerto no dia seguinte, fez-se um breve silêncio à volta da mesa de jantar. Em seguida, o ugandês falou e disse que havia muita energia na prosa. A sul-africana branca acenou com a cabeça com entusiasmo. O queniano discordou. Algumas das frases esforçavam-se tanto por serem literárias que não faziam sentido, disse ele, e leu uma dessas frases. O tanzaniano disse que uma história tinha de ser vista no seu todo e não por partes. Sim, concordou o queniano, mas cada parte tinha de fazer sentido para formar um todo que fizesse sentido. Por fim, Edward falou. A peça era certamente ambiciosa, mas a história em si levava a perguntar: "E depois?" Havia algo terrivelmente ultrapassado nela, quando se pensava em todas as outras coisas que estavam a acontecer no Zimbabué sob o horrível Mugabe. Ujunwa fitou Edward. O que é que ele queria dizer com "ultrapassado"? Como podia uma história tão verdadeira ser ultrapassada? Mas não perguntou o que é que Edward queria dizer e o queniano também não perguntou, nem o ugandês, e a zimbabueana apenas afastou as rastas da cara, com as conchas a tilintarem. Toda a gente ficou em silêncio. Daí a pouco começaram todos a bocejar, disseram boa-noite e dirigiram-se para as suas cabanas.

No dia seguinte, não falaram sobre a noite anterior. Falaram sobre como os ovos mexidos estavam fofos e como as folhas dos jacarandás que roçavam na janelas das suas cabanas à noite criavam uma sensação sinistra. Depois do jantar, a senegalesa leu um excerto da sua história. Estava uma noite ventosa e fecharam a porta para atenuar o som das árvores que se balouçavam. O fumo do cachimbo de Edward pairava no ar. A senegalesa leu duas páginas de uma cena de um funeral, parando frequentemente para beber água, com a pronúncia mais cerrada à medida que ia ficando mais comovida, com cada t a soar a z. No fim, toda a gente se virou para Edward, até o ugandês, que parecia ter esquecido que era o orientador da oficina de escrita criativa. Edward trincou o cachimbo pensativamente antes de dizer que histórias homossexuais deste tipo não refletiam a África, na realidade.

— Que África?—disse Ujunwa impulsivamente.

O sul-africano negro mexeu-se no assento. Edward continuou a mastigar o seu cachimbo. Depois, olhou para Ujunwa como se olharia para uma criança que se recusava a estar sossegada na igreja e disse que não falava como africanista de Oxford, mas como alguém muito interessado na África real e não na imposição de ideias ocidentais em locais africanos. A zimbabueana, o tanzaniano e a sul-africana branca começaram a abanar a cabeça enquanto Edward falava.

— Podemos estar no ano 2000, mas quão africano é uma pessoa dizer à sua família que é homossexual?—perguntou Edward.

A senegalesa desatou a falar num francês incompreensível e depois de uns minutos de discurso fluente, disse:—Eu sou senegalesa. Eu sou senegalesa.

Edward respondeu num francês igualmente fluente e depois disse em inglês, com um sorriso suave:—Acho que ela bebeu demasiado daquele excelente Bordéus—e alguns dos participantes soltaram risadinhas.

Ujunwa foi a primeira a retirar-se. Estava perto da sua cabana quando ouviu alguém chamá-la e parou. Era o queniano. A zimbabueana e a sul-africana branca estavam com ele.—Vamos até ao bar—disse o queniano. Ujunwa perguntou-se onde estaria a senegalesa. No bar, bebeu um copo de vinho e ouviu-os falar sobre como os outros hóspedes de Jumping Monkey Hill—que eram todos brancos—olhavam para os participantes com um ar desconfiado. O queniano disse que um casal mais ou menos novo tinha parado e recuado um pouco quando ele se aproximou deles no caminho da piscina no dia anterior. A sul-africana branca disse que também lhe deitavam olhares de desconfiança, talvez porque só usava cafetãs com estampados kente. Sentada ali, fitando a noite negra, escutando as vozes suavizadas pela bebida à sua volta, Ujunwa sentiu uma intensa insatisfação consigo própria a rebentar-lhe no fundo do estômago. Não devia ter rido quando Edward dissera "Preferia que se deitasse para mim". Não tivera piada. Não tivera piada nenhuma. Detestara ouvi-lo, detestara o sorrisinho dele e o vislumbre de dentes esverdeados e a maneira como ele lhe olhava sempre para o peito e não para a cara, a maneira como os olhos dele trepavam por ela toda, e no entanto ela obrigara-se a rir como uma hiena demente. Pousou o copo de vinho meio acabado.—O Edward está sempre a olhar para o meu corpo—disse. O queniano e a sul-africana branca e a zimbabueana fitaram-na.—O Edward está sempre a olhar para o meu corpo—repetiu Ujunwa. O queniano disse que era óbvio desde o primeiro dia que o homem se punha em cima daquela tábua rasa da mulher a desejar que fosse Ujunwa; a zimbabueana disse que o olhar de Edward era sempre lascivo quando ele olhava para Ujunwa; a sul-africana branca disse que Edward nunca olharia assim para uma mulher branca, porque o que sentia por Ujunwa era uma atração sem respeito.

— Vocês repararam?—perguntou Ujunwa.—Todos repararam?

Sentia-se estranhamente traída. Levantou-se e foi para a sua cabana. Telefonou à mãe, mas a voz metálica dizia sempre "O número que ligou não está disponível neste momento, por favor ligue mais tarde", e ela acabou por desistir. Não conseguia escrever. Ficou deitada na cama, acordada durante tanto tempo que quando finalmente adormeceu já era de madrugada.

Nessa noite, o tanzaniano leu um excerto da sua história sobre as matanças no Congo, do ponto de vista de um soldado das milícias, um homem cheio de violência lasciva.

Edward disse que seria a principal história no Oratory, que era urgente e relevante, que trazia notícias. Ujunwa achou que parecia um artigo da revista *The Economist*, com personagens de caricatura. Mas não o disse. Voltou para a sua cabana e, embora estivesse com dores de estômago, ligou o portátil.

Sentada a fitar Yinka, que está instalada ao colo do alhaji, Chioma sente que está a atuar numa peça. Ela escreveu peças de teatro na escola secundária. A sua turma levou uma dessas peças à cena durante as comemorações do aniversário da escola e no fim foram brindados com uma ovação de pé e o diretor

disse:—A Chioma é a nossa futura estrela!—O pai de Chioma estava lá, sentado ao lado da mãe, a bater palmas e a sorrir. Mas quando ela disse que queria estudar Literatura na universidade, ele disse-lhe que não era viável. Foi a palavra que usou, "viável". Disse que ela tinha de estudar outra coisa e que podia escrever nos tempos livres. O alhaji está a passar um dedo ao de leve pelo braço de Yinka e a dizer:—Mas, sabe, o banco Savanna Union mandou-me cá gente na semana passada.—Yinka ainda está a sorrir e Chioma pergunta-se se não lhe doerá a cara. Pensa nas histórias numa caixa de metal debaixo da sua cama. O seu pai leu-as todas e por vezes escrevia nas margens Excelente! Cliché! Muito bom! Pouco claro! Era ele quem lhe comprava romances; a mãe achava que os romances eram uma perda de tempo e que Chioma só precisava de livros de estudo.

Yinka diz:—Chioma!—e ela olha para cima.—O alhaji está a falar com ela. Parece quase tímido e não a olha nos olhos. Há um acanhamento em relação a ela que não mostra para com Yinka.—Estou a dizer que você é demasiado fina. Porque é que um Grande Homem não casou consigo?—diz. Chioma sorri e não diz nada. O alhaji diz:—Concordei em ser cliente do Merchant Trust, mas você será o meu contacto pessoal. Chioma não sabe bem o que dizer.—É claro—diz Yinka.—Ela será o seu contacto. Tomaremos bem conta dos seus interesses. Ah, obrigada, senhor!

O alhaji levanta-se.—Venham, venham, tenho uns perfumes bons da minha última viagem a Londres. Deixem-me dar-vos alguma coisa para levarem para casa—diz. Começa a dirigir-se para dentro de casa e depois volta-se.—Venham, venham vocês as duas—diz. Yinka segue-o. Chioma levanta-se. O alhaji volta-se de novo na direção dela, à espera que ela o siga. Mas ela não o segue. Vira-se para a porta, abre-a e sai para a luz brilhante do sol e passa pelo jipe, onde o condutor está sentado com a porta aberta a ouvir rádio.—Titi? Titi, aconteceu alguma coisa?—diz. Ela não responde. Continua a andar, sai pelo portão alto para a rua, onde se mete num táxi e vai ao escritório recolher as suas coisas da secretária quase vazia.

Ujunwa acordou com a rebentação do mar e um aperto no estômago, de nervos. Não queria ler a sua história hoje à noite. Também não queria ir ao pequeno-almoço, mas foi e disse um bom-dia geral com um sorriso geral. Sentou-se ao lado do queniano e ele inclinou-se para ela e segredou-lhe que Edward tinha acabado de dizer à senegalesa que tinha sonhado com o seu umbigo nu. Umbigo nu. Ujunwa olhou para a senegalesa, que levava delicadamente a chávena de chá aos lábios, imperturbável, contemplando o mar. Ujunwa invejava a sua autoconfiança calma. Sentia-se incomodada, também, por saber que Edward andava a fazer comentários sugestivos a outra, e perguntou-se o que significaria o seu ressentimento. Será que acabara por considerar que os olhares lascivos de Edward lhe eram devidos? Sentiu desconforto com este pensamento, com a perspectiva de ler nessa noite, e por isso, à tarde, ainda à mesa depois do almoço, perguntou à senegalesa o que ela tinha dito quando Edward falou do seu umbigo nu.

A senegalesa encolheu os ombros e disse que por mais sonhos que o velho tivesse ela continuaria a ser uma lésbica feliz e não havia necessidade de lhe dizer fosse o que fosse.

— Mas porque é que nós não dizemos nada?—perguntou Ujunwa. Ergueu a voz e olhou para os outros.—Porque é que nunca dizemos nada?

Olharam uns para os outros. O queniano disse ao empregado de mesa que a água estava a ficar morna e pediu-lhe que trouxesse mais gelo. O tanzaniano perguntou ao empregado de que parte do Malawi era. O queniano perguntou se os cozinheiros também eram do Malawi, já que todos os funcionários da estância pareciam ser de lá.

Em seguida, a zimbabueana disse que não lhe importava de onde eram os cozinheiros, porque a comida em Jumping Monkey Hill era simplesmente um nojo, aquela carne toda e aquelas natas. Outras palavras saíram em catadupa e Ujunwa não tinha a certeza de quem dizia o quê. Imagine-se um grupo de africanos sem arroz e porque é que se havia de banir a cerveja da mesa, só porque o Edward achava que

o vinho era mais apropriado, e o pequeno-almoço às oito era demasiado cedo, pouco importava que o Edward dissesse que era a hora "correta", e o cheiro do seu cachimbo era nauseabundo e ele tinha de decidir o que é que preferia fumar, de qualquer maneira, e deixar de enrolar cigarros a meio de um cachimbo.

Só o sul-africano negro se mantinha em silêncio. Parecia desolado, com as mãos unidas no regaço, e depois disse que Edward não passava de um velho e que não fazia por mal. Ujunwa berrou-lhe:—Este tipo de atitude é a razão pela qual vos podiam matar e atirar para guetos e exigir-vos passes para vocês poderem andar na vossa própria terra!—e depois parou de falar e pediu-lhe desculpa. Não devia ter dito o que disse. Não tivera a intenção de erguer a voz. O sul-africano negro encolheu os ombros, como se compreendesse que o que tinha de ser tinha muita força. O queniano estava a observar Ujunwa. Disse-lhe, em voz baixa, que ela estava zangada por algo mais para além de Edward, e ela desviou o olhar e perguntou-se se "zangada" seria a palavra certa.

Mais tarde, foi à loja de recordações com o queniano e a senegalesa e o tanzaniano e experimentou joias de marfim de imitação. Brincaram com o tanzaniano por causa do seu interesse por joias—talvez também ele fosse gay? Ele riu-se e disse que as suas possibilidades eram ilimitadas. Depois, mais sério, disse que Edward tinha contactos e que podia arranjar-lhes um agente literário em Londres; não havia necessidade de antagonizar o homem, não havia necessidade de fechar portas a uma oportunidade.

Ele, pelo menos, não queria acabar os seus dias no emprego monótono de professor em Arusha. Era como se estivesse a falar para todos, mas tinha os olhos postos em Ujunwa.

Ujunwa comprou um colar, pô-lo e gostou do efeito do pingente branco em forma de dente contra o seu pescoço. Nesse fim de tarde, Isabel sorriu quando o viu.—Quem me dera que as pessoas se apercebessem de que o marfim de imitação parece verdadeiro e deixassem os animais em paz—disse. Ujunwa sorriu e disse que na realidade era marfim verdadeiro e chegou a pensar em dizer que tinha matado ela própria o elefante durante uma caçada real. Isabel pareceu sobressaltada, depois magoada. Ujunwa tocou no plástico. Precisava de se sentir descontraída, e disse-o a si própria uma e outra vez quando começou a ler um excerto da sua história. A seguir, o ugandês falou primeiro, dizendo que era uma história muito forte, muito verosímil, num tom confiante que surpreendeu Ujunwa ainda mais do que as suas palavras. O tanzaniano disse que ela tinha captado bem Lagos, os cheiros e os sons, e que era incrível o quão semelhantes eram as cidades do Terceiro Mundo. A sul-africana branca disse que detestava essa expressão, Terceiro Mundo, mas que tinha adorado o retrato realista daquilo por que estavam a passar as mulheres na Nigéria. Edward recostou-se e disse:—Nunca é exatamente assim na vida real, pois não? As mulheres nunca são vítimas dessa maneira tão boçal e certamente não na Nigéria. A Nigéria tem mulheres em altos cargos. O ministro com mais poder no governo atual é uma mulher.

O queniano interrompeu e disse que gostava da história, mas que não acreditava que Chioma desistiria do emprego; ao fim e ao cabo, era uma mulher sem outras hipóteses e, por isso, ele achava que o fim era implausível.

— Toda a história é implausível—disse Edward.—É um tipo de literatura programática, não é uma história real com pessoas reais.

Dentro de Ujunwa algo se contraiu. Edward continuava a falar. É claro que tinha de se admirar o estilo em si, que era realmente ma-ra-vi-lho-so. Estava a olhar para ela e foi o triunfo nos seus olhos que a fez levantar-se e desatar a rir. Os participantes fitaram-na. Ela riu e riu e eles continuavam a fitá-la e depois ela pegou nos seus papéis.—Uma história real sobre pessoas reais?—disse, com os olhos postos no rosto de Edward.—A única coisa que não acrescentei à história foi que depois de deixar a minha colega e sair da casa do alhaji, me meti no Jeep e insisti que o motorista me levasse a casa, porque sabia que era a última vez que andaria nele.

Havia outras coisas que Ujunwa queria dizer, mas não as disse. Tinha os olhos cheios de lágrimas, mas não as deixou correr. Queria muito ir telefonar à mãe e, ao voltar para a sua cabana, perguntou-se se

este final, numa história, seria considerado plausível.

4 O título do conto e nome da estância turística pode traduzir-se como Colina do Macaco Saltitante. (N. da T.)

5 Abrigo do Babuíno e Lugar do Porco-Espinho, respetivamente. (N. da T.)

6 Covil da Zebra. (N. da T.)

A COISA À VOLTA DO TEU PESCOÇO

Pensavas que toda a gente na América tinha um carro e uma arma; os teus tios e as tuas tias e os teus primos e as tuas primas também pensavam o mesmo. Logo depois de ganhares a lotaria dos vistos americanos, disseram-te:—Dentro de um mês, vais ter um grande carro. Em breve, uma grande casa. Mas não compres uma arma como todos aqueles americanos.

Entraram todos pelo quarto em Lagos onde vivias com o teu pai, a tua mãe e os teus três irmãos, encostando-se às paredes por pintar porque não havia cadeiras suficientes para todos, para se despedirem de ti em voz alta e te dizerem em voz baixa o que queriam que lhes mandasses. Em comparação com o grande carro e a grande casa (e, possivelmente, a arma), as coisas que eles queriam eram menores—malas de mão e sapatos e perfumes e roupas. Tu disseste OK, não há problema.

O teu tio na América, que tinha inscrito o nome de todos os membros da tua família na lotaria dos vistos americanos, disse que podias viver com ele até te orientares.

Foi-te buscar ao aeroporto e comprou-te um grande cachorro-quente com mostarda amarela que te provocou náuseas. Uma introdução à América, disse ele com uma gargalhada.

Vivia numa pequena cidade de brancos no Maine, numa casa com trinta anos junto a um lago. Disseste que a empresa em que trabalhava lhe oferecera mais uns milhares acima do salário médio, para além da opção de compra de ações, porque estavam a tentar desesperadamente aparentar uma diversidade étnica. Incluía uma fotografia dele em todas as brochuras, mesmo nas que não tinham nada a ver com o seu setor. Ele riu-se e disse que o emprego era bom, que valia a pena viver numa terra só de brancos, embora a mulher dele tivesse de se deslocar uma hora de carro para encontrar um salão de cabeleireiro que tratasse do cabelo de africanas. O truque era compreender a América, saber que a América era dar-e-receber. Dava-se muito, mas também se ganhava muito.

Mostrou-te como concorrer a um lugar de caixa da estação de serviço da Main Street e inscreveu-te num instituto público, onde as raparigas tinham coxas grossas e usavam verniz de um vermelho vivo e autobronzeador que as punha cor de laranja. Elas perguntaram-te onde é que tinhas aprendido a falar inglês e se havia casas a sério em África e se alguma vez tinhas visto um carro antes de vires para a América. Olhavam embasbacadas para o teu cabelo. Fica em pé ou tombado quando desfazes as tranças? Queriam saber. Fica todo de pé? Como? Porquê? Usas pente? Tu sorrias de lábios fechados quando te faziam aquelas perguntas. O teu tio disseste que contasses com aquilo, uma mistura de ignorância e arrogância, foi o que ele lhe chamou. Depois contou-te que os vizinhos tinham dito, uns meses depois de ele se ter mudado para aquela casa, que os esquilos tinham começado a desaparecer. Tinham ouvido dizer que os Africanos comiam todo o tipo de animais selvagens.

Riste-te com o teu tio e sentiste-te à vontade na casa dele; a mulher dele chamava-te nwanne, irmã, e os seus dois filhos, em idade escolar, chamavam-te Titi. Falavam igbo e comiam garri ao almoço e era como em casa. Até o teu tio vir à cave atravancada onde dormias com caixotes velhos e embalagens e te apertar à força contra si, apertando-te as nádegas e gemendo. Ele não era verdadeiramente teu tio; na realidade, era irmão do marido da irmã do teu pai; não havia laços de sangue. Depois de o empurrares, ele sentou-se na tua cama—ao fim e ao cabo, a casa era dele—e sorriu e disse que aos vinte e dois anos já não eras propriamente uma criança.

Se tu deixasses, ele faria muitas coisas por ti. As mulheres espertas era o que faziam. Como é que julgavas que aquelas mulheres em Lagos com empregos bem pagos chegavam lá? Até mesmo as mulheres na cidade de Nova Iorque?

Fechaste-te à chave no quarto de banho até ele voltar lá para cima e na manhã seguinte foste embora, a pé pela longa estrada sinuosa, sentindo o cheiro a peixe que vinha do lago. Viste-o passar por ti de

carro—ele costumava dar-te boleia até à Main Street—e ele nem sequer buzinou. Pensaste o que é que ele diria à mulher, que razão daria para te teres ido embora. E recordaste o que ele te tinha dito, que a América era dar-e-receber.

Acabaste no Connecticut, noutra pequena cidade, porque era a última paragem do autocarro Greyhound que tinhas apanhado. Entraste no restaurante com o toldo limpo e de cores vivas e disseste que trabalharias por dois dólares menos do que as outras empregadas de mesa. O gerente, Juan, tinha cabelo preto asa de corvo e ao sorrir mostrou um dente de ouro. Disse que nunca tinha tido uma empregada nigeriana, mas que todos os imigrantes trabalhavam no duro. Ele sabia, já por lá tinha passado.

Pagar-te-ia menos um dólar, mas sem recibos; não lhe agradavam todos os impostos que andavam a obrigá-lo a pagar.

Não tinhas posses para frequentar uma escola, porque agora pagavas renda por um quartinho minúsculo com uma alcatifa manchada. Além disso, aquela pequena cidade do Connecticut não tinha um instituto público e as propinas na universidade estatal eram demasiado caras. Por isso, foste à biblioteca pública, procuraste os programas de cursos nos sites de algumas escolas e foste lendo alguns dos livros. Por vezes, ficavas sentada no colchão aos altos da tua cama de solteiro e pensavas na tua terra—nas tuas tias que vendiam peixe seco e bananas-da-terra, aliciando clientes para que lhos comprassem e berrando insultos quando eles não compravam nada; nos teus tios, que bebiam gin de produção local e atafulhavam a família e a vida num único quarto; nos teus amigos, que tinham vindo despedir-se de ti antes de partires, para se regozijarem por teres ganhado a lotaria dos vistos americanos, para confessar a sua inveja; nos teus pais, que muitas vezes iam de mãos dadas para a igreja ao domingo de manhã, com os vizinhos do quarto ao lado a rirem e a troçarem deles; no teu pai, que trazia do emprego os jornais velhos do patrão e obrigava os teus irmãos a lê-los; na tua mãe, cujo salário mal chegava para pagar as propinas dos teus irmãos na escola secundária, onde os professores davam a nota máxima quando lhes passavam por baixo da mesa um envelope de papel pardo.

Nunca precisaste de pagar para ter as notas máximas, nunca passaste discretamente por baixo da mesa um envelope de papel pardo a nenhum professor na escola secundária.

Mesmo assim, escolheste envelopes de papel pardo para enviar metade do que ganhavas por mês aos teus pais, para o endereço da empresa paraestatal onde a tua mãe fazia limpezas; usavas sempre as notas que Juan te dava, porque eram novas, ao contrário das gorjetas. Todos os meses. Envolvias cuidadosamente o dinheiro em papel branco, mas não escrevias uma carta a acompanhar. Não havia nada sobre o que escrever.

No entanto, semanas depois, apetecia-te escrever, porque tinhas histórias para contar. Apetecia-te escrever sobre a franqueza surpreendente das pessoas na América, sobre como te falavam impulsivamente sobre a mãe que estava a lutar contra um cancro, sobre o bebé prematuro da cunhada, o tipo de coisas que se deveriam esconder ou revelar só a pessoas da família que nos queriam bem. Apetecia-te escrever sobre como as pessoas deixavam tanta comida no prato e umas notas de dólar amarfanhadas, como se fossem uma oferenda, uma expiação pela comida desperdiçada. Apetecia-te escrever sobre a criança que começou aos berros e a puxar pelo seu cabelo louro e a varrer os menus das mesas para o chão e cujos pais, em vez de a obrigarem a calar-se, lhe imploraram que parasse, a ela, uma criança de talvez cinco anos, e depois levantaram-se todos e foram-se embora. Apetecia-te escrever sobre as pessoas ricas que usavam roupas desleixadas e ténis gastos, que pareciam os guardas-noturnos dos grandes condomínios em Lagos. Apetecia-te escrever que os americanos ricos eram magros e os americanos pobres eram gordos e que muitos não tinham grandes casas e grandes carros; ainda não tinhas bem a certeza quanto às armas, porque podia ser que eles as trouxessem nos bolsos.

Não era só aos teus pais que te apetecia escrever, era também aos teus amigos, aos teus primos, às tuas primas, às tuas tias e aos teus tios. Mas nunca conseguias arranjar dinheiro para perfumes e roupas e

malas de mão e sapatos para lhes mandar e continuar a pagar a renda com o que ganhavas a servir às mesas, por isso não escrevias a ninguém.

Ninguém sabia onde estavas, porque não tinhas dito a ninguém. Por vezes, sentias-te invisível e tentavas atravessar a parede do teu quarto para o corredor e quando batias contra a parede ficavas com nódoas negras nos braços. Uma vez, o Juan perguntou-te se tinhas um homem que te batesse, que ele tratava-lhe da saúde, e tu soltaste uma gargalhada misteriosa.

À noite, algo se apertava à volta do teu pescoço, algo que quase te sufocava antes de adormeceres.

Muitas pessoas no restaurante te perguntavam quando tinhas vindo da Jamaica, porque pensavam que qualquer pessoa negra com sotaque estrangeiro era da Jamaica. Outras, que adivinhavam que eras africana, diziam-te que adoravam elefantes e que queriam fazer um safári.

Por isso, quando ele te perguntou à meia-luz do restaurante, depois de lhe recitares os pratos do dia, de que país africano eras, tu disseste que eras da Nigéria e ficaste à espera de que ele dissesse que tinha feito um donativo para combater o SIDA no Botsuana. Mas ele perguntou-te se eras ioruba ou igbo, porque não tinhas cara de fulani. Ficaste surpreendida—pensaste que ele devia ser professor de Antropologia na universidade estatal, talvez um pouco novo aos vinte e muitos anos, mas quem sabia? Igbo, disseste tu. Ele perguntou-te o nome e disse que Akunna era bonito. Ainda bem que não perguntou o que queria dizer, porque tu estavas farta de ouvir as pessoas dizerem:—"Riqueza de Pai"? Quer dizer, tipo, o seu pai vai vendê-la a um marido?

Ele disseste que tinha estado no Gana, no Uganda e na Tanzânia, que adorava a poesia de Okot pBitek e os romances de Amos Tutuola e que tinha lido muito sobre países africanos subsarianos, sobre a sua história, as suas complexidades. Tu querias sentir desdém, mostrar-lho quando lhe trouxeste a comida, porque as pessoas brancas que gostavam demasiado de África e as que gostavam a menos de África eram a mesma coisa—condescendentes. Mas ele não abanou a cabeça com o ar de superioridade do professor Cobbledick no instituto público no Maine durante um debate na aula sobre a descolonização em África. Não tinha aquela expressão do professor Cobbledick, aquela expressão de uma pessoa que se acha melhor do que as pessoas sobre as quais sabe alguma coisa. Voltou no dia seguinte e sentou-se à mesma mesa e quando lhe perguntaste se o frango estava bom, ele perguntou-te se tinhas crescido em Lagos. Chegou no terceiro dia e começou logo a conversar antes de pedir a comida, sobre como tinha visitado Bombaim e agora queria visitar Lagos, para ver como viviam as pessoas reais, tipo nos bairros de lata, porque ele nunca fazia aquelas palermices típicas de turista quando ia ao estrangeiro. Fartou-se de falar e tu tiveste de lhe dizer que era contra as regras do restaurante. Tocou-te na mão quando pousaste o copo com água na mesa. No quarto dia, quando o viste chegar, disseste a Juan que não querias aquela mesa. Depois do teu turno naquela noite, ele estava à tua espera cá fora, com os auscultadores colados aos ouvidos, e convidou-te para ires sair com ele, porque o teu nome rimava com hakuna matata e O Rei Leão era o único filme lamechas de que ele alguma vez tinha gostado. Tu não sabias o que era O Rei Leão. Olhaste para ele à luz forte e reparaste que os seus olhos eram da cor do azeite extravirgem, de um dourado esverdeado. O azeite extravirgem era a única coisa que adoravas, que verdadeiramente adoravas na América.

Ele era finalista na universidade estatal. Disseste a idade e tu perguntaste porque é que ele ainda não tinha tirado o curso. Estava-se na América, afinal, não era como no teu país, onde as universidades fechavam com tanta frequência que as pessoas acrescentavam três anos à duração normal do seu curso e os professores faziam greve atrás de greve e mesmo assim não eram pagos. Ele disse que tinha tirado dois anos para se descobrir a si mesmo e para viajar, principalmente em África e na Ásia. Perguntaste-lhe onde é que ele tinha acabado por se encontrar e ele riu-se. Tu não te riste. Não sabias que as pessoas podiam simplesmente optar por não estudar, que as pessoas podiam ditar a sua própria vida. Estavas

habituada a aceitar o que a vida te dava, a escrever o que a vida ditava.

Disseste não nos quatro dias seguintes ao convite para sair com ele, porque te sentias incomodada com a maneira como ele olhava para o teu rosto, aquela maneira intensa e ardente como ele olhava para o teu rosto que te fazia dizer-lhe adeus, mas que também te fazia sentir relutância em te afastares. E depois, na quinta noite, entraste em pânico quando ele não apareceu à porta no fim do teu turno. Rezaste pela primeira vez em muito tempo e quando ele te apareceu pelas costas e disse olá, tu disseste que sim, que sairias com ele, mesmo antes de ele te convidar. Tiveste medo de que ele não voltasse a convidar-te.

No dia seguinte, ele levou-te a jantar ao restaurante chinês Changs e o teu bolinho da sorte tinha dois papéis. Ambos estavam em branco.

Soubeste que já te sentias à vontade com ele quando lhe disseste que vias o Jeopardy na televisão do restaurante e que torcias pelos seguintes concorrentes, por esta ordem: mulheres de cor, homens negros e mulheres brancas e, por fim, homens brancos—o que significava que nunca torcias por homens brancos. Ele riu-se e disseste que estava habituado a que não torcessem por ele, a mãe era professora de Estudos da Mulher.

E soubeste que se tinham tornado íntimos quando lhe disseste que o teu pai não era realmente professor em Lagos, que era motorista numa empresa de construção. E

falaste-lhe sobre aquele dia no trânsito de Lagos, no Peugeot 504 todo desconjuntado do teu pai; estava a chover e o teu assento estava molhado por causa do buraco no tejadilho corroído pela ferrugem. O trânsito estava intenso, o trânsito era sempre intenso em Lagos, e quando chovia era um caos. As estradas tornavam-se poças lamacentas e os carros ficavam atolados e alguns dos teus primos iam para a rua e ganhavam algum dinheiro a desatolá-los. A chuva, a humidade, achaste tu, fez com que o teu pai travasse demasiado tarde naquele dia. Ouviste o choque antes de o sentires. O carro em que o teu pai embateu era grande, estrangeiro, e verde-escuro, com faróis dourados como os olhos de um leopardo. O teu pai começou a gritar e a suplicar ainda antes de sair do carro e de se deitar ao comprido na estrada, provocando muitas buzínadelas. Desculpe, senhor, desculpe, senhor, choramingava. Nem que me vendesse a mim e à minha família não conseguiria comprar nem um pneu do seu carro.

Desculpe, senhor.

O Grande Homem sentado no banco traseiro não saiu do carro, mas o seu motorista sim; examinou os estragos e olhou para a figura estendida do teu pai pelo canto do olho, como se a súplica fosse uma pornografia, um espetáculo que ele tivesse vergonha de confessar que apreciava. Por fim, deixou ir o teu pai. Dispensou-o com um aceno. Os outros carros buzínaram e os seus condutores praguejavam. Quando o teu pai voltou a entrar no carro, recusaste-te a olhar para ele, porque ele estava tal e qual como os porcos que chafurdavam nos pântanos à volta do mercado. O teu pai parecia um monte de nsi. Um monte de merda.

Depois de lhe teres contado isto, ele franziu os lábios, pegou-te na mão e disse que compreendia como te sentias. Soltaste a mão, subitamente irritada, porque ele pensava que o mundo estava ou devia estar cheio de gente como ele. Disseste-lhe que não havia nada para compreender, era como era.

Ele encontrou a loja africana nas páginas amarelas de Hartford e levou-te lá de carro. Devido à maneira como andava pela loja com familiaridade, inclinando a garrafa de vinho de palma para ver quanto sedimento tinha, o proprietário da loja, que era do Gana, perguntou-lhe se ele era africano, como os quenianos ou os sul-africanos brancos, e ele disse que sim, mas que já estava na América há muito tempo. Pareceu satisfeito por o lojista ter acreditado nele. Tu cozinhaste nessa noite com as coisas que tinhas comprado e ele, depois de comer garri e sopa de onugbu, vomitou no teu lava-louças. Não te importaste, porque agora poderias fazer sopa de onugbu com carne.

Ele não comia carne, porque achava que a maneira como matavam os animais estava errada; dizia que libertava toxinas de medo nos animais e que as toxinas de medo tornavam as pessoas paranoicas. Na Nigéria, os pedaços de carne que comias, quando havia carne, eram do tamanho de metade de um dedo. Mas não lhe disseste isso.

Também não lhe disseste que os cubos de dawadawa com que a tua mãe cozinhava tudo, porque o caril e o tomilho eram demasiado caros, tinham glutamato monossódico, eram glutamato monossódico. Ele disse que o glutamato monossódico provocava o cancro; era por essa razão que ele gostava do Changs; no Changs não cozinhavam com glutamato monossódico.

Uma vez, no Changs, ele disse ao empregado de mesa que estivera recentemente em Xangai, que falava um pouco de mandarim. O empregado pôs-se todo simpático e disse-lhe qual era a melhor sopa e depois perguntou-lhe:—Tem namorada em Xangai agora?—e ele sorriu e não disse nada.

Perdeste a vontade de comer, aquele espaço no mais fundo do teu peito ficou entupido. Nessa noite, não gemeste quando ele estava dentro de ti, mordeste os lábios e fingiste que não te vieste, porque sabias que ele ficaria preocupado. Mais tarde, disseste-lhe porque é que estavas incomodada, que embora fossem juntos tantas vezes ao Changs, embora se tivessem beijado mesmo antes de lhes trazerem o menu, o homem chinês tinha partido do princípio de que tu não podias de modo nenhum ser a sua namorada, e ele tinha sorrido e não tinha dito nada. Antes de te pedir desculpa, ele fitou-te com um olhar inexpressivo e tu soubeste que ele não compreendia.

Comprava-te presentes e quanto tu objetaste por causa da despesa ele disse que o seu avô de Boston tinha sido um homem rico, mas acrescentou à pressa que o velho senhor dera uma grande parte da sua fortuna e que, por isso, a sua herança não era enorme. Os seus presentes intrigavam-te. Uma bola de vidro do tamanho de um punho, que, quando se abanava, mostrava uma boneca minúscula e perfeita vestida de cor-de-rosa a rodopiar. Uma pedra brilhante cuja superfície adquiriria a cor daquilo que a tocasse. Um lenço caro pintado à mão no México. Por fim, disseste-lhe, com a voz lânguida de ironia, que na tua vida os presentes eram sempre úteis. A pedra, por exemplo, teria utilidade se pudesses triturar coisas com ela. Ele riu-se muito e durante muito tempo, mas tu não te riste. Compreendeste que na vida dele, ele podia comprar presentes que eram só presentes e nada mais, nada de útil. Quando ele começou a comprar-te sapatos e roupas e livros, pediste-lhe que não o fizesse, não querias presentes nenhuns. Mas ele continuou a comprá-los e tu guardaste-os para os teus primos e as tuas primas e os teus tios e as tuas tias, para quando um dia pudesses ir de visita a casa, embora não soubesses como poderias alguma vez ter dinheiro para comprar um bilhete de avião e pagar a renda de casa. Ele disse que queria mesmo conhecer a Nigéria e que podia pagar para irem os dois. Tu não querias que ele pagasse para tu ires de visita a casa. Não querias que ele fosse à Nigéria, para acrescentar à lista dos países aonde ele ia para olhar embasbacado para as vidas das pessoas pobres que nunca poderiam olhar embasbacadas para a vida dele. Disseste-lhe isto num dia de sol, quando ele te levou a ver o Estuário de Long Island, e vocês os dois discutiram, levantando a voz, enquanto caminhavam ao longo das águas calmas. Ele disse que tu estavas errada ao chamar-lhe "arrogante". Tu disseste que ele estava errado ao chamar apenas aos indianos pobres de Bombaim indianos de verdade. Isso queria dizer que ele não era um americano de verdade, já que não era como os gordos pobres que tu e ele viam em Hartford? Ele começou a andar mais depressa à tua frente, com o tronco nu e pálido, as chinelas a levantarem areia, mas depois voltou para trás e estendeu as suas mãos para as tuas. Fizeram as pazes e fizeram amor e passaram as mãos pelo cabelo um do outro, o dele macio e amarelo como os pendões de milho, o teu escuro e fofo como o enchimento de uma almofada. Ele tinha apanhado demasiado sol e a sua pele ficou da cor de uma melancia madura e tu beijaste-lhe as costas antes de lhe aplicares loção.

A coisa que se apertava à volta do teu pescoço, que quase te sufocava antes de adormeceres,

começou a alargar-se, a desfazer-se.

Sabias, pelas reações das pessoas, que vocês os dois não eram normais—pela maneira como as pessoas horríveis eram demasiado horríveis e as pessoas simpáticas demasiado simpáticas. As velhas e os velhos brancos que resmungavam e arregalavam os olhos para ele, os homens negros que abanavam a cabeça, olhando para ti, as mulheres negras cujos olhos de piedade lamentavam a tua falta de autoestima, o teu autodesprezo. Ou as mulheres negras que te dirigiam sorrisos rápidos de solidariedade; os homens negros que se esforçavam demasiado por te perdoar, dizendo um olá demasiado óbvio a ele; as mulheres e os homens brancos que diziam:—Que par tão bonito!—com demasiada vivacidade, demasiado alto, como se quisessem provar a sua abertura de espírito a si próprios.

Mas os pais dele eram diferentes; quase te fizeram pensar que era tudo normal. A mãe dele disse que ele nunca tinha trazido uma namorada para os conhecer, a não ser o seu par do baile de finalistas do liceu, e ele sorriu contrafeito e deu-te a mão. A toalha da mesa escondia as vossas mãos dadas. Ele apertou-te a mão e tu apertaste a dele e perguntaste-te porque é que ele estaria tão contrafeito, com os seus olhos da cor de azeite extravirgem que escureciam enquanto falava com os pais. A mãe dele ficou encantada quando te perguntou se tinhas lido Nawal el Saadawi e tu disseste que sim. O pai dele perguntou-te se a comida indiana era parecida com a comida nigeriana e brincou contigo por causa do pagamento quando veio a conta. Olhavas para eles e sentias-te grata por eles não te examinarem como um troféu exótico, como um dente de marfim.

Depois, ele falou-te dos problemas que tinha com os pais, de como eles repartiam o seu afeto como um bolo de aniversário, de como só lhe dariam uma fatia maior se ele concordasse em ir estudar Direito. Querias mostrar compreensão. Mas em vez disso ficaste furiosa.

Ficaste ainda mais furiosa quando ele te disse que tinha recusado ir para o Canadá com eles passar uma ou duas semanas na casa de férias deles no interior do Quebeque.

Até lhe tinham pedido que te levasse com ele. Ele mostrou-te fotografias da casa de férias e tu perguntaste-te porque é que lhe chamavam casa de férias, porque os edifícios daquele tamanho no teu bairro na Nigéria eram bancos e igrejas. Deixaste cair um copo e ele estilhaçou-se no soalho de madeira do apartamento dele e ele perguntou-te qual era o problema e tu não disseste nada, embora pensasses que havia muitos problemas. Mais tarde, no duche, começaste a chorar. Ficaste a ver a água a dissolver as tuas lágrimas e não sabias porque é que estavas a chorar.

Escreveste finalmente para casa. Uma carta breve aos teus pais, enfiada entre as notas de dólares novas, e incluíste o teu endereço. Recebeste uma resposta poucos dias depois, por correio expresso. Foi a tua mãe que escreveu a carta; soubeste-o por causa da letra cheia de arabescos, por causa dos erros de ortografia.

O teu pai tinha morrido; tinha tombado em cima do volante do carro da empresa. Há cinco meses, escreveu ela. Tinham-lhe feito um bom funeral com algum do dinheiro que tu enviavas. Mataram um cabrito para os convidados e sepultaram-no num bom caixão. Enroscaste-te na cama, com os joelhos contra o peito, e tentaste lembrar-te do que estavas a fazer quando o teu pai morreu, do que tinhas andado a fazer durante todos os meses em que ele já estava morto. Talvez o teu pai tivesse morrido no dia em que ficaste com a pele toda arrepiada, algo que não sabias explicar, com Juan a pegar contigo, a dizer que era melhor tu ires substituir o cozinheiro para o calor da cozinha te aquecer. Talvez o teu pai tivesse morrido num dos dias em que foste de carro a Mystic ou em que foste ao teatro em Manchester ou em que foste jantar ao Changs.

Ele abraçou-te enquanto tu choravas, fez-te festas na cabeça e ofereceu-se para te comprar um bilhete, para ir contigo visitar a tua família. Disseste que não, que precisavas de ir sozinha. Ele

perguntou-te se voltavas e tu lembraste-lhe que tinhas uma autorização de residência e que a perderias se não regressasses dentro de um ano. Ele disse que tu sabias o que ele queria dizer, se voltavas mesmo?

Viraste-lhe as costas e não disseste nada, e quando ele te levou ao aeroporto deste-lhe um abraço apertado durante um longo, longo momento, e depois soltaste-te.

A EMBAIXADA AMERICANA

E la estava na fila no exterior da embaixada americana em Lagos, a olhar em frente, quase imóvel, com uma pasta de plástico azul com documentos enfiada debaixo do braço. Era a quadragésima oitava pessoa na fila de cerca de duzentas que se estendia dos portões fechados da embaixada americana até para além dos portões mais pequenos, incrustados com trepadeiras, da embaixada checa. Não reparava nos ardinhas que sopravam assobios e lhe acenavam junto à cara com jornais, *The Guardian*, *Thenews* e *The Vanguard*. Ou nos mendigos que andavam para cima e para baixo com os seus pratos de esmalte. Ou nas bicicletas dos gelados que buzinavam. Não se abanava com uma revista nem afastava com a mão a minúscula mosca que pairava perto da sua orelha. Quando o homem que estava atrás dela lhe tocou nas costas e perguntou:—Tem troco, abeg, troca-me vinte naira em duas notas de dez?—ela fitou-o durante algum tempo, para se concentrar, para se lembrar de onde estava, antes de acenar com a cabeça e dizer:—Não.

O ambiente estava pesado devido ao calor húmido. Pesava-lhe na cabeça, tornava ainda mais difícil manter a mente vazia, coisa que o Dr. Balogun tinha dito no dia anterior que ela teria de fazer. Tinha-se recusado a dar-lhe mais calmantes, porque ela precisava de estar bem desperta para a entrevista do visto. Era fácil para ele dizer isso, como se ela soubesse manter a mente vazia, como se estivesse nas suas mãos, como se fosse ela a invocar aquelas imagens do corpo pequeno e rechonchudo do seu filho Ugonna a cair perante si, com a mancha no seu peito tão vermelha que ela quis ralhar-lhe por ele ter brincado com o óleo de palma na cozinha. Não que ele conseguisse sequer chegar à prateleira onde ela tinha os óleos e as especiarias, não que ele conseguisse tirar a rolha da garrafa de plástico de óleo de palma.

Ele só tinha quatro anos.

O homem que estava atrás dela voltou a tocar-lhe. Ela virou-se de repente e quase gritou com a dor lancinante que lhe percorreu as costas. Um músculo torcido, tinha dito o Dr. Balogun, com uma expressão de espanto por ela não ter sofrido nada de mais sério depois de saltar da varanda.

— Olhe o que aquele inútil daquele soldado está a fazer ali—disse o homem que estava atrás dela.

Ela virou-se para olhar para o outro lado da rua, movendo o pescoço lentamente. Tinha-se juntado uma pequena multidão. Um soldado estava a chicotear um homem de óculos com um chicote comprido que se enrolava no ar antes de cair sobre o rosto do homem, ou o seu pescoço, ela não tinha a certeza, porque as mãos do homem estavam erguidas para evitar o chicote. Ela viu os óculos do homem deslizarem-lhe pelo nariz e caírem. Viu o tacão da bota do soldado esmagar a armação preta, as lentes coloridas.

— Olhe como as pessoas estão a suplicar ao soldado—disse o homem que estava atrás dela.—O nosso povo habituou-se de mais a suplicar aos soldados.

Ela não disse nada. Ele era persistente na sua simpatia, ao contrário da mulher à sua frente, que tinha dito antes:—Tenho estado a falar consigo e você limita-se a olhar para mim como um boi para um palácio!—e que agora a ignorava. Talvez ele estivesse a perguntar-se porque é que ela não participava na familiaridade que se desenvolvera entre as outras pessoas na fila. Porque todos tinham acordado cedo—os que tinham sequer dormido—para chegar à embaixada americana antes do nascer do dia; porque todos tinham tentado entrar na fila dos vistos, evitando os chicotes rodopiantes dos soldados enquanto eram arrebanhados para a frente e para trás até a fila ficar finalmente formada; porque todos receavam que a embaixada americana pudesse decidir não abrir os portões hoje e eles tivessem de voltar a fazer tudo de novo depois de amanhã, porque a embaixada não abria às quartas-feiras—tinham formado amizades. Mulheres e homens taciturnos trocavam jornais e denúncias do governo do general Abacha, enquanto jovens de jeans, repletos de *savoir-faire*, partilhavam dicas sobre as melhores maneiras de

responder às perguntas para o visto de estudo.

— Olhe para a cara dele, aquele sangue todo. O chicote abriu-lhe um golpe na cara—disse o homem que estava atrás dela.

Ela não olhou, porque sabia que o sangue seria vermelho, como óleo de palma fresco. Em vez disso, olhou para Eleke Crescent, uma rua sinuosa de embaixadas com vastos relvados, e para as multidões de pessoas de cada lado da rua. Passeios que respiravam. Um mercado que aparecia durante o horário de abertura da embaixada e que desaparecia quando a embaixada fechava. Havia o negócio do aluguer de cadeiras, onde as pilhas de cadeiras de plástico branco que custavam cem nairas por hora diminuía a olhos vistos. Havia as tábuas pousadas em blocos de cimento, com a sua mostra colorida de doçarias, mangas e laranjas. Havia os jovens que transportavam à cabeça, em cima de rolos de pano, tabuleiros cheios de cigarros. Havia os mendigos cegos conduzidos por crianças, a entoarem bênçãos em inglês, em ioruba, em pidgin, em igbo, em haúça, quando alguém lhes punha dinheiro no prato. E havia, é claro, o estúdio fotográfico improvisado. Um homem alto ao lado de um tripé, segurando um cartaz em que, escrito a giz, podia ler-se FOTOS EXCELENTE NUMA HORA, ESPECIFICAÇÕES CORRETAS DO VISTO AMERICANO. Ela tinha tirado ali a sua fotografia para o passaporte, sentada num banco desconjuntado, e não ficou surpreendida por sair pouco nítida, com o seu rosto de um tom de pele muito mais claro. De qualquer forma, não tinha outra hipótese, não poderia ter tirado a fotografia antes.

Dois dias antes tinha sepultado o seu filho perto de uma horta na terra natal dos seus antepassados, Umunnachi, rodeada por pessoas de que agora não se recordava.

No dia anterior, tinha levado o seu marido na mala do Toyota até à casa de um amigo, que o tiraria clandestinamente do país. E no dia antes desse, não precisava de tirar uma fotografia para o passaporte; a sua vida era normal, tinha levado Ugonna à escola, tinha-lhe comprado um folhado de salsicha no Mr. Biggs, tinha acompanhado a cantiga de Majek Fashek que passava na rádio no carro. Se uma vidente lhe tivesse dito que numa questão de dias ela já não reconheceria a sua própria vida, teria rido. Talvez até tivesse dado à vidente dez nairas a mais por ela ter uma imaginação delirante.

— Às vezes pergunto-me se o pessoal da embaixada americana olha pela janela e se entretém a ver os soldados a chicotarem as pessoas—estava a dizer o homem atrás dela. Ela queria que ele se calasse. O facto de ele falar fazia com que lhe fosse mais difícil manter a mente vazia, livre de Ugonna. Olhou para o outro lado da rua mais uma vez; o soldado estava agora a afastar-se e, mesmo a esta distância, ela conseguia ver a expressão dura do seu rosto. A expressão dura de um homem crescido que podia chicotear outro homem crescido se quisesse, quando quisesse. O seu andar arrogante era tão ostensivo como o dos homens que, quatro noites antes, lhe tinham arrombado a porta das traseiras invadindo a sua casa.

Onde é que está o teu marido? Onde é que ele está? Abriram à bruta os guarda-fatos nos dois quartos, até as gavetas. Ela podia ter-lhes dito que o marido media mais de um metro e oitenta, que não poderia de maneira nenhuma esconder-se numa gaveta. Três homens de calças pretas. Cheiravam a álcool e a sopa picante, e muito mais tarde, quando ela tinha nos braços o corpo imóvel de Ugonna, soube que nunca mais voltaria a comer sopa picante.

Para onde foi o teu marido? Para onde? Encostaram-lhe uma arma à cabeça e ela disse:—Não sei, ele foi-se embora ontem—ficando imóvel, embora a urina quente lhe caísse pelas pernas.

Um deles, o que trazia uma camisola preta com capuz e que cheirava a álcool, tinha os olhos perturbantemente injetados, tão vermelhos que davam a impressão de causarem dor. Era ele quem gritava mais, dava pontapés ao televisor. Sabes da história que o teu marido escreveu no jornal? Sabes que ele é um mentiroso? Sabes que pessoas como ele deviam estar na cadeia, porque causam problemas, porque não querem que a Nigéria progrida?

Ele sentou-se no sofá, onde o seu marido se sentava sempre para ver o noticiário da noite na NTA, e puxou por ela e ela caiu à toa no seu regaço. A arma dele roçava-lhe a cintura. Bela mulher, porque

casaste com um agitador? Ela sentiu a sua dureza nauseante, sentiu o cheiro fermentado do seu hálito.

Deixa-a em paz!, disse o outro. O que tinha a cabeça careca que brilhava, como se estivesse besuntada com vaselina. Vamos embora.

Ela soltou-se e levantou-se do sofá, e o homem da camisola com capuz, ainda sentado, deu-lhe uma palmada no traseiro. Foi então que Ugonna começou a chorar, a correr para ela. O homem da camisola com capuz estava a rir-se, a dizer que o corpo dela era macio, a acenar com a arma. Ugonna gritava agora; ele nunca gritava quando chorava, não era esse tipo de criança. E depois a arma disparou e a mancha de óleo de palma apareceu no peito de Ugonna.

— Olhe aqui laranjas—disse o homem que estava atrás dela na fila, oferecendo-lhe um saco de plástico com seis laranjas descascadas. Ela não o tinha visto comprá-las.

Ela abanou a cabeça.—Obrigada.

— Tire uma. Reparei que ainda não comeu nada desde esta manhã.

Ela olhou para ele com atenção pela primeira vez. Um rosto sem traços particulares, com a pele escura estranhamente lisa para um homem. A sua camisa bem engomada e gravata azul, a maneira cuidada como falava inglês, como se receasse cometer algum erro, revelavam uma vontade de subir na vida. Talvez trabalhasse para um dos bancos da nova geração e estivesse a ganhar muito mais do que alguma vez julgara possível.

— Não, obrigada—disse ela. A mulher à sua frente voltou-se para lhe deitar um olhar e depois continuou a falar com algumas pessoas sobre um serviço religioso especial chamado o Ministério do Milagre do Visto Americano.

— Devia comer, oh—disse o homem que estava atrás dela, embora já não estivesse a estender-lhe o saco de laranjas.

Ela voltou a abanar a cabeça; a dor ainda ali estava, algures entre os seus olhos. Era como se saltar da varanda tivesse desalojado algumas peças dentro da sua cabeça e elas agora andassem aos tombos lá dentro, a causar-lhe dor. Saltar não tinha sido a sua única opção, podia ter trepado para a mangueira cujo ramo chegava à varanda, podia ter corrido pelas escadas abaixo. Os homens estavam a discutir, tão alto que bloqueavam a realidade, e ela acreditou por um momento que talvez aquele estrondo não tivesse sido de uma arma, talvez fosse o tipo de trovão com que não se conta que havia no princípio do harmatão, talvez a mancha vermelha realmente fosse de óleo de palma e Ugonna tivesse conseguido chegar à garrafa de alguma maneira e estivesse agora a brincar aos desmaios, embora não fosse uma brincadeira a que ele alguma vez tivesse brincado. Mas as palavras deles fizeram-na voltar à realidade. Achas que ela vai dizer às pessoas que foi um acidente? Foi isto que o Oga nos mandou fazer? Uma criança! Temos de dar cabo da mãe. Não, isso é um problema a dobrar. Sim. Não, vamos embora, meu amigo!

Ela tinha-se precipitado para a varanda, trepou o gradeamento, saltou sem pensar na altura de dois andares e rastejou para dentro do caixote do lixo junto ao portão.

Depois de ouvir o motor do carro deles a afastar-se, voltou ao apartamento, a cheirar às cascas podres de banana do caixote do lixo. Pegou no corpo de Ugonna, encostou a face ao seu peito silencioso e apercebeu-se de que nunca se tinha sentido tão envergonhada. Tinha-lhe falhado.

— Está ansiosa por causa da entrevista do visto, abi?—perguntou-lhe o homem atrás dela.

Ela encolheu os ombros com cuidado, para não provocar dores nas costas, e fez um sorriso forçado.

— Faça os possíveis por olhar o entrevistador nos olhos ao responder às perguntas. Mesmo que cometa um erro, não emende, porque eles partem logo do princípio de que está a mentir. Eu tenho muitos amigos que eles recusaram por razões pequenas-pequenas. Eu vou requerer um visto turístico. O meu irmão vive no Texas e eu quero ir lá passar umas férias.

Ele soava como as vozes à sua volta, das pessoas que tinham ajudado na fuga do seu marido e no funeral de Ugonna, que a tinham trazido à embaixada. Não hesites ao responder às perguntas, tinham dito as vozes. Conta-lhes tudo sobre o Ugonna, como ele era, mas não exageres, porque todos os dias há gente

a mentir-lhes para obter vistos de asilo político, sobre parentes que morreram, mas que nem sequer chegaram a nascer. Torna o Ugonna real. Chora, mas não chores demasiado.

— Já não dão à nossa gente vistos de imigrante, a não ser que a pessoa seja rica pelos padrões americanos. Mas ouço dizer que as pessoas de países europeus não têm problemas a arranjar vistos. Vai requerer um visto de imigrante ou turístico?—perguntou o homem.

— De asilo político—disse ela. Não olhou para a cara dele; presentiu a sua surpresa.

— Asilo político? Isso vai ser muito difícil de provar.

Ela perguntou-se se ele leria o *The New Nigeria*, se saberia quem era o seu marido. Provavelmente, sabia. Toda a gente que apoiava a imprensa pró-democracia conhecia o seu marido, especialmente porque ele tinha sido o primeiro jornalista a chamar publicamente uma fraude à conspiração do golpe, a escrever uma peça em que acusava o general Abacha de ter inventado um golpe para poder matar e prender os seus adversários. Tinham vindo soldados à sede do jornal e tinham levado grandes quantidades dessa edição num camião preto; mesmo assim, circularam fotocópias por toda a cidade de Lagos—um vizinho tinha visto uma cópia colada à parede de uma ponte ao lado de cartazes a anunciar cruzadas da igreja e filmes novos. Os soldados tinham detido o seu marido por duas semanas e tinham-no ferido na testa, deixando-lhe uma cicatriz com a forma de um L. Os amigos tinham tocado ao de leve na cicatriz quando se juntaram no apartamento para comemorar a sua libertação, trazendo garrafas de whisky.

Ela recordava-se de alguém dizer ao marido, A Nigéria ficará bem por tua causa, e recordava-se da expressão do marido, daquele olhar de messias inflamado, enquanto falava do soldado que lhe tinha dado um cigarro depois de o espancar, a gaguejar como era habitual quando estava animado. Há anos, ela achava aquela gaguez encantadora; agora já não.

— Muitas pessoas requerem um visto de asilo político mas não o conseguem—disse o homem atrás dela. Em voz alta. Talvez já estivesse a falar há algum tempo.

— Você lê o *The New Nigeria*?—perguntou ela. Não se virou para olhar para o homem, ficou a olhar para um casal à sua frente na fila, que estava a comprar pacotes de bolachas; os pacotes produziram um estalido quando eles os abriram.

— Leio. Quer lê-lo? Os ardinas talvez ainda tenham alguns.

— Não. Só perguntei por perguntar.

— É um jornal muito bom. Aqueles dois editores são o tipo de pessoa de que a Nigéria precisa. Arriscam a vida para nos dizerem a verdade. São homens verdadeiramente corajosos. Se ao menos tivéssemos mais pessoas com esse tipo de coragem.

Não era coragem, era simplesmente um egoísmo exagerado. Um mês antes, quando o seu marido se esqueceu do casamento da prima, embora tivessem aceitado ser padrinhos do casamento, e ele lhe disse que não poderia cancelar a viagem a Kaduna, porque a sua entrevista com o jornalista detido era muito importante, ela olhou para ele, o homem distante e ambicioso com quem casara, e disse:—Tu não és o único que detesta o governo—e foi ao casamento sozinha e ele foi a Kaduna, e quando ele voltou pouco disseram um ao outro; a maior parte das suas conversas tinha passado a ser sobre Ugonna, de qualquer maneira. Não vais acreditar no que este rapazinho fez hoje, dizia ela quando ele voltava para casa do trabalho, e depois contava-lhe pormenorizadamente como Ugonna lhe tinha dito que os flocos de aveia tinham pimenta e que por isso ele não voltava a comê-los, ou como a tinha ajudado a fechar os cortinados.

— Então você acha que o que aqueles homens fazem é corajoso?—perguntou, voltando-se para olhar de frente para o homem que estava atrás dela.

— Sim, claro. Nem todos somos capazes de o fazer. É esse o verdadeiro problema neste país, não temos um número suficiente de pessoas corajosas.

Ele olhou para ela demoradamente, com um ar moralista e desconfiado, como se estivesse a pensar

que, se calhar, ela era apoiante do governo, uma daquelas pessoas que criticavam os movimentos pró-democracia, que defendiam que na Nigéria só um governo militar poderia resultar. Em circunstâncias diferentes, talvez ela lhe tivesse falado da sua própria atividade jornalística, a começar na universidade em Zaria, onde tinha organizado um comício para protestar contra a decisão do governo do general Buhari de cortar os subsídios dos estudantes. Poderia ter-lhe dito que tinha escrito para o Evening News aqui em Lagos, que tinha escrito a peça sobre a tentativa de assassinato do editor do The Guardian, que se tinha demitido quando por fim ficou grávida, porque ela e o marido andavam a tentar há quatro anos e ela tinha o útero cheio de fibromas.

Voltou as costas ao homem e pôs-se a olhar para os mendigos que faziam a sua ronda ao longo da fila dos vistos. Homens delgados com longas túnicas sujas, com terços islâmicos na mão e a citarem o Corão; mulheres com olhos de icterícia, com bebês amarrados às costas com panos no fio; um casal de cegos conduzido pela filha, com medalhas azuis da Virgem Maria penduradas ao pescoço, abaixo de colarinhos esfiapados. Vinha um ardina na sua direção a soprar no seu assobio. Ela não conseguia ver o The New Nigeria entre os jornais que ele equilibrava no braço. Talvez tivesse esgotado. A história mais recente do seu marido, "Os Anos Abacha Até Agora: de 1993 a 1997", não a tinha preocupado ao princípio, porque ele não tinha escrito nada de novo, só compilara assassínios, contratos não cumpridos e fundos malparados.

Não eram propriamente coisas que os Nigerianos não soubessem já. Não tinha contado com grandes problemas ou muita atenção, mas um dia depois de o jornal sair, uma estação de rádio da BBC abordou aquela história nas notícias e entrevistou um professor de Política, nigeriano exilado, que disse que o marido dela merecia um Prémio dos Direitos Humanos. Ele combate a repressão com a escrita, dá voz aos que não têm voz, faz com que o mundo saiba o que se passa.

O marido tinha tentado esconder-lhe o seu nervosismo. Mas depois de receber um telefonema anónimo—andava sempre a receber telefonemas anónimos, era esse tipo de jornalista, o tipo que também cultivava amizades ao longo dos tempos—a dizer-lhe que o próprio chefe de estado estava furioso, deixou de esconder o seu receio; deixou-a ver as suas mãos trémulas. Os soldados iam a caminho para o prender, disseram-lhe ao telefone. Constava que seria a sua última detenção, que nunca mais voltaria. Ele meteu-se dentro da mala do carro minutos depois do telefonema para que, se os soldados interrogassem o porteiro, ele pudesse afirmar sem mentir que não sabia quando o marido dela tinha saído. Ela levou Ugonna ao apartamento de uma vizinha de baixo e depois salpicou rapidamente com água a mala do carro, embora o marido lhe dissesse para se apressar, porque achava que de alguma forma, a mala do carro molhada seria mais fresca, que ele respiraria melhor. Levou-o à casa do seu coeditor. No dia seguinte, ele telefonou-lhe da República do Benim; o coeditor tinha contactos que o tiraram clandestinamente do país. O seu visto para a América, o que tinha obtido para frequentar um curso em Atlanta, ainda era válido, e ele requereria asilo político quando chegasse a Nova Iorque. Ela disse-lhe que não se preocupasse, ela e Ugonna ficariam bem, ela requereria um visto no fim do período escolar e iriam ter com ele à América. Nessa noite, Ugonna estava desassossegado e ela deixou-o ficar a pé até mais tarde a brincar com o seu carrinho enquanto ela lia um livro. Quando viu os três homens entrarem de rompante pela porta da cozinha, ficou furiosa consigo própria por não ter insistido que Ugonna fosse para a cama. Se ao menos...

— Ah, este sol não é nada meigo. Este pessoal da embaixada americana devia ao menos pôr aqui um toldo. Podiam usar algum do dinheiro que cobram pelos vistos—disse o homem que estava atrás dela.

Alguém atrás dele disse que os americanos cobravam o dinheiro para seu uso próprio. Outra pessoa disse que era intencional deixar os requerentes à espera ao sol.

Outra riu-se. Ela fez sinal ao casal de cegos e remexeu na mala de mão à procura de uma nota de vinte nairas. Quando a pôs na taça, eles entoaram:—Deus a abençoe, terá dinheiro, terá um bom marido, terá um bom emprego—em inglês pidgin e depois em igbo e em ioruba. Ela ficou a vê-los afastarem-se.

Não lhe tinham dito: "Terá muitos filhos bons." Ela tinha-os ouvido dizer isso à mulher à sua frente.

Os portões da embaixada abriram-se e um homem de uniforme castanho berrou:—Os primeiros cinquenta na fila podem entrar e preencher os impressos. Todos os outros, voltem noutro dia. A embaixada só pode atender cinquenta hoje.

— Temos sorte, abi?—disse o homem que estava atrás dela.

Ela observou a entrevistadora do visto por detrás do vidro, a forma como o seu cabelo arruivado roçava no seu pescoço inclinado, a forma como os seus olhos verdes perscrutavam os papéis, espreitando por cima da armação prateada dos seus óculos, como se as lentes fossem desnecessárias.

— Não se importa de voltar a contar a sua história, minha senhora? Não me deu nenhuns pormenores—disse a entrevistadora com um sorriso encorajador. Ela sabia que esta era a sua oportunidade de falar de Ugonna.

Olhou por um momento para o guiché do lado, para um homem com um fato escuro, que se debruçava muito perto do vidro, deferente, como se estivesse a rezar ao entrevistador que estava por detrás dele. E compreendeu que preferia morrer às mãos do homem com a camisola preta de capuz ou do outro com a cabeça careca brilhante antes de dizer uma palavra que fosse sobre Ugonna a esta entrevistadora do visto ou fosse a quem fosse na embaixada americana. Antes de usar Ugonna como moeda de troca para obter um visto para a sua segurança.

O seu filho tinha sido assassinado, era tudo o que diria. Assassinado. Nada sobre o facto de as suas gargalhadas começarem algures acima da sua cabeça, altas e tilintantes.

Sobre a maneira como chamava aos doces e às bolachas "pãozinho-pãozinho". Como se agarrava com força ao seu pescoço quando ela pegava nele. Como o seu marido dizia que ele viria a ser um artista, porque não tentava fazer construções com os legos, mas dispunha-os lado a lado, alternando as cores. Eles não mereciam saber.

— Minha senhora? Diz que foi o governo?—perguntou a entrevistadora do visto.

O "governo" era um rótulo abrangente, era libertador, dava às pessoas espaço de manobra, de desculpas e de acusações. Três homens. Três homens como o seu marido ou o seu irmão ou o homem que estivera atrás dela na fila dos vistos. Três homens.

— Sim. Eram agentes do governo—disse ela.

— Pode prová-lo? Tem alguma prova que o demonstre?

— Tenho. Mas enterrei-a ontem. O corpo do meu filho.

— Minha senhora, lamento o que aconteceu ao seu filho—disse a entrevistadora do visto.—Mas preciso de alguma prova de que tenha sido o governo. Atualmente, há confrontos entre grupos étnicos, há assassinatos particulares. Preciso de alguma prova do envolvimento do governo e também de alguma prova de que a senhora corre perigo se ficar na Nigéria.

Ela olhou para os lábios de um cor-de-rosa desmaiado da entrevistadora, que quando se mexiam mostravam uns dentes pequeninos. Lábios de um cor-de-rosa desmaiado num rosto sardento e ensimesmado. Sentiu vontade de perguntar à entrevistadora se as histórias no *The New Nigeria* valiam a vida de uma criança. Mas não o fez. Duvidava que a mulher estivesse a par dos jornais pró-democracia ou das longas e exaustas filas aos portões da embaixada em zonas delimitadas por um cordão de segurança, sem sombra, onde o sol ardente provocava amigdalites e dores de cabeça e desespero.

— Minha senhora? Os Estados Unidos oferecem uma nova vida a vítimas de perseguição política, mas tem de haver prova...

Uma nova vida. Tinha sido Ugonna a dar-lhe uma nova vida, a surpreendê-la com a rapidez com que ela assumira a nova identidade que ele lhe dera, a nova pessoa em que a tornara.—Eu sou a mãe do Ugonna—dizia no infantário dele aos professores, aos pais de outras crianças. No funeral dele em

Umunachi, como as suas amigas e parentes estavam com vestidos com o mesmo estampado ankara, alguém tinha perguntado:—Qual delas é a mãe?—e ela olhara para cima, alerta por um momento, e dissera:—Eu sou a mãe do Ugonna.—Ela queria voltar à terra natal dos seus antepassados e plantar flores de ixora, do tipo cujos caules finos como uma agulha ela costumava chupar em criança. Uma planta bastaria, a sepultura dele era muito pequena. Quando florisse, e as flores atraíssem abelhas, ela queria arrancá-las e chupá-las, acorada na terra. E depois queria dispor as flores chupadas lado a lado, como Ugonna costumava fazer com os legos. Essa, apercebia-se agora, era a nova vida que queria.

No guiché ao lado, o entrevistador estava a falar demasiado alto ao seu microfone:—Não vou aceitar as suas mentiras, senhor!

O requerente nigeriano de fato escuro começou a berrar e a gesticular, agitando a sua pasta de plástico transparente atafalhada de documentos:—Isto está errado!

Como é que pode tratar as pessoas assim? Eu levo o caso a Washington!—até um segurança vir conduzi-lo à saída.

— Minha senhora? Minha senhora?

Seria imaginação sua ou a compreensão estava a desvanecer-se do rosto da entrevistadora? Viu a maneira rápida como a mulher afastou o seu cabelo arruivado, embora não estivesse a incomodá-la. Mantinha-se imóvel no seu pescoço, emoldurando-lhe o rosto pálido. O futuro dela dependia daquele rosto. Do rosto de uma pessoa que não a compreendia, que provavelmente não cozinhava com óleo de palma nem sabia que o óleo de palma, quando fresco, era de um vermelho vivo, e que quando não era fresco ficava gelatinoso e era cor de laranja e com grumos.

Voltou-se lentamente e encaminhou-se para a saída.

— Minha senhora?—ouviu a voz da entrevistadora nas suas costas.

Não se virou. Saiu da embaixada americana, passando pelos mendigos que ainda faziam as suas rondas com tigelas de esmalte estendidas, e meteu-se no carro.

O ESTREMECIMENTO

No dia em que um avião se despenhou na Nigéria, no mesmo dia em que a primeira-dama nigeriana morreu, alguém bateu com força à porta de Ukamaka em Princeton. O facto surpreendeu-a, porque ninguém vinha a sua casa sem se fazer anunciar antes—afinal, estava-se na América, onde as pessoas telefonavam antes de visitarem alguém—a não ser o homem da FedEx, que nunca batia assim com tanta força; e sobressaltou-a, porque já desde manhã estivera na Internet a ler notícias da Nigéria, recarregando páginas com demasiada frequência, a telefonar aos pais e aos amigos na Nigéria, a fazer chávenas atrás de chávenas de chá Earl Grey que deixava arrefecer. Tinha minimizado as primeiras fotografias do local do acidente. De cada vez que olhava para elas, dava mais brilho ao ecrã do portátil, perscrutando aquilo a que os artigos noticiosos chamavam "destroços", um casco enegrecido com pedaços esbranquiçados espalhados como papéis rasgados, um monte indiferenciado de carvão que fora um avião cheio de pessoas—pessoas que apertaram o cinto e rezaram, pessoas que desdobraram jornais, pessoas que esperaram que a assistente de bordo empurrasse um carrinho pela coxia e perguntasse:—Sanduíche ou bolo?—Uma dessas pessoas podia ter sido o seu ex-namorado, Udenna.

Bateram de novo, com mais força. Ela espreitou pelo óculo: um homem rechonchudo, de pele escura, que lhe parecia vagamente familiar, embora ela não conseguisse lembrar-se de onde já o tinha visto. Talvez na biblioteca ou no autocarro para o campus de Princeton. Abriu a porta. Ele fez um meio sorriso e falou sem a olhar nos olhos.

— Eu sou nigeriano. Vivo no terceiro andar. Vim para que pudéssemos rezar pelo que está a acontecer no nosso país.

Ficou surpreendida por ele saber que ela também era nigeriana, por saber qual era o seu apartamento, por ter vindo bater-lhe à porta; ainda não conseguia lembrar-se de onde o tinha visto antes.

— Posso entrar?—perguntou ele.

Ela deixou-o entrar. Deixou entrar no seu apartamento um estranho com uma sweatshirt larga de Princeton que tinha vindo para rezar pelo que estava a acontecer na Nigéria, e quando ele estendeu as mãos para pegar nas dela, ela hesitou ligeiramente antes de estender as suas. Rezaram. Ele rezava daquela maneira pentecostal particularmente nigeriana que a perturbava: cobria as coisas com o sangue de Jesus, amarrava demónios e atirava-os ao mar, batalhava contra espíritos malignos. Ela queria interrompê-lo e dizer-lhe que era desnecessário, esta sangria desatada e estes amarramentos, este transformar da fé num exercício de pugilismo; queria dizer-lhe que a vida era uma luta connosco próprios, mais do que com um Satanás de lança em punho; que a crença era uma opção para termos a consciência sempre aguçada. Mas não disse estas palavras, porque elas soariam hipócritas vindas dela; não conseguiria dar-lhes aquela segura prosaica redentora que o padre Patrick usava com tanta facilidade.

— Jeová Deus, todas as maquinações do Mal não resultarão, todas as armas usadas contra nós não prosperarão, em nome de Jesus! Senhor Pai, cobrimos todos os aviões na Nigéria com o sangue precioso de Jesus; Senhor Pai, cobrimos o ar com o sangue precioso de Jesus e destruímos todos os agentes das trevas...—dizia ele e a sua voz começava a ficar mais alta e agitava a cabeça. Ela precisava de urinar. Sentia-se pouco à vontade com as suas mãos nas dele, os dedos dele eram quentes e firmes, e foi o seu desconforto que a levou a dizer, da primeira vez que ele fez uma pausa depois de uma tirada sem respirar:—Amém!—pensando que tinha terminado, mas não tinha, e por isso ela fechou os olhos à pressa mais uma vez e ele continuou. Rezou, rezou, sacudindo-lhe as mãos para cima e para baixo sempre que dizia:—Senhor Pai!—Ou:—Em nome de Jesus.

Depois ela sentiu que começava a tremer, um estremecimento involuntário de todo o seu corpo.

Seria Deus? Uma vez, há muitos anos, quando ela era uma adolescente que rezava meticulosamente o terço todas as manhãs, umas palavras que ela não compreendia tinham-lhe saído pela boca quando estava ajoelhada junto à cama de madeira.

Durara uns meros segundos, aquele chorrilho de palavras incompreensíveis no meio de uma ave-maria, mas, no fim do terço, ela tinha ficado verdadeiramente aterrorizada e convencida de que a sensação de uma brancura fresca que a envolvia era Deus. Udenna era a única pessoa a quem ela tinha contado o que lhe sucedera, e ele dissera que tinha sido ela própria a criar aquela experiência.—Mas como é que eu poderia tê-la criado?—tinha perguntado ela.—Como é que eu poderia ter criado uma coisa que nem sequer queria?—No entanto, por fim, concordou com ele, como sempre concordava com ele sobre quase tudo, e disse que devia realmente ter imaginado aquilo tudo.

Agora, os estremecimentos pararam tão subitamente como tinham começado e o nigeriano terminou a oração.—Em nome do poderoso e sempre eterno Jesus!

— Amém!—disse ela.

Desembarçou as suas mãos das dele, murmurou:—Desculpe—e correu para o quarto de banho. Quando saiu, ele ainda estava junto à porta da cozinha. Havia algo na sua postura, na maneira como estava ali de pé com os braços cruzados, que a fez pensar na palavra "humilde".

— Chamo-me Chinedu—disse ele.

— Eu sou a Ukamaka—disse ela.

Deram um aperto de mãos, o que ela achou divertido, porque tinham acabado de estar de mãos dadas a rezar.

— Este desastre de avião foi terrível—disse ele.—Realmente terrível.

— Pois foi—disse ela, mas não lhe disse que era possível que Udenna fosse um dos passageiros. Queria que ele se fosse embora, agora que já tinham rezado, mas ele avançou para a sala e sentou-se no sofá e começou a falar de como tinha ouvido a notícia do desastre de avião como se ela o tivesse convidado a ficar, como se ela precisasse de saber os pormenores do seu ritual matinal, de como ouvia a BBC News online porque nunca havia nada de substancial nas notícias americanas. Ele disse-lhe que ao princípio não tinha compreendido que tinha havido dois incidentes separados—que a primeira-dama tinha morrido em Espanha na sequência de uma operação plástica à barriga para se preparar para a festa dos seus sessenta anos, enquanto que o avião se tinha despenhado em Lagos minutos depois de ter descolado com destino a Abuja.

— Pois é—disse ela, e sentou-se em frente ao portátil.—Ao princípio, eu também pensei que ela tinha morrido no desastre.

Ele estava a balouçar-se ligeiramente, com os braços ainda cruzados.—A coincidência é de mais! Deus está a querer dizer-nos alguma coisa. Só Deus pode salvar o nosso país.

Nós. O nosso país. Aquelas palavras uniam-nos numa perda comum e por um momento ela sentiu-se próxima dele. Recarregou uma página da Internet. Continuava a não haver notícias de quaisquer sobreviventes.

— Deus tem de assumir o controlo da Nigéria—proseguiu ele.—Disseram que um governo não militar seria melhor do que os militares, mas olhe para o que o Obasanjo está a fazer. Destruiu mesmo o nosso país.

Ela abanou a cabeça, perguntando-se qual seria a maneira mais delicada de lhe pedir que se fosse embora, mas relutante em fazê-lo, porque a presença dele dava-lhe a esperança de que Udenna estivesse vivo, de uma forma que não conseguia explicar.

— Já viu imagens de membros das famílias das vítimas? Uma mulher rasgou as roupas e pôs-se a correr de combinação. Disse que a filha dela ia naquele voo, que ia a Abuja comprar tecidos para ela. Chai!—Chinedu emitiu o som longo e aspirado que demonstra tristeza.—O único amigo que conheço que poderia ter ido naquele voo acabou de me mandar um e-mail a dizer que está bem, graças a Deus.

Ninguém da minha família ia nesse voo, por isso ao menos não tenho de me preocupar com eles. Eles não têm dez mil nairas para desperdiçar num bilhete de avião!—disse e soltou uma risada súbita e inapropriada. Ela recarregou uma página da Internet. Ainda nenhuma notícia.

— Eu conheço alguém que ia naquele avião—disse ela.—Que talvez fosse naquele avião.

— Jeová Deus!

— O meu namorado, o Ukamaka. O meu ex-namorado, na realidade. Estava a fazer um MBA em Wharton e foi à Nigéria na semana passada para assistir ao casamento da prima—disse. Foi só depois de falar que se apercebeu de que tinha usado o passado dos verbos.

— Ainda não soube de nada ao certo?—perguntou Chinedu.

— Não. Ele não tem telemóvel na Nigéria e eu não tenho conseguido falar para o telefone da irmã dele. Talvez ela estivesse com ele. O casamento era amanhã em Abuja.

Ficaram sentados em silêncio; ela reparou que as mãos de Chinedu se tinham fechado, que já não estava a balouçar-se.

— Quando foi a última vez que falou com ele?—perguntou ele.

— Na semana passada. Ele telefonou antes de ir para a Nigéria.

— Deus é fiel. Deus é fiel!—Chinedu ergueu a voz.—Deus é fiel. Está-me a ouvir?

Um pouco alarmada, Ukamaka disse:—Estou.

O telefone tocou. Ukamaka fitou-o, o telefone preto que tinha posto ao lado do portátil, com medo de atender. Chinedu levantou-se e fez menção de pegar nele e ela disse:—Não!—e pegou nele e dirigiu-se para a janela.—Estou? Estou?—disse. Queria que quem quer que fosse que estava a telefonar-lhe lhe dissesse logo tudo, que não começasse com preâmbulos. Era a mãe dela.

— Nne, o Udenna está bem. A Chikaodili acabou de me telefonar a dizer que tinham perdido o avião. Ele está bem. Iam apanhar aquele avião, mas perderam-no, graças a Deus.

Ukamaka pousou o telefone no peitoril da janela e começou a chorar. Primeiro, Chinedu agarrou-a pelos ombros, depois tomou-a nos braços. Ela acalmou-se o suficiente para lhe dizer que Udenna estava bem e depois voltou ao seu abraço, surpreendida pelo reconforto familiar dele, certa de que ele instintivamente compreendia que ela estava a chorar de alívio pelo que não tinha acontecido e de melancolia pelo que poderia ter acontecido e de raiva pelo que continuava por resolver desde que Udenna lhe tinha dito, numa gelataria na Nassau Street, que a relação deles estava acabada.

— Eu sabia que o meu Deus acudiria! Tenho estado a rezar no meu coração para que Deus o guardasse—disse Chinedu, massajando-lhe as costas.

Mais tarde, depois de ela ter convidado Chinedu para ficar para almoçar, e enquanto aquecia um guisado no micro-ondas, perguntou-lhe:—Se diz que Deus é responsável por manter Udenna em segurança, então isso quer dizer que Deus também é responsável pelas pessoas que morreram, porque Deus poderia tê-las mantido em segurança também.

Isso quer dizer que Deus prefere algumas pessoas a outras?

— Os caminhos de Deus não são os nossos caminhos—disse Chinedu, e tirou os ténis e pô-los ao lado da estante.

— Não faz sentido.

— Deus faz sempre sentido, mas nem sempre um tipo humano de sentido—disse Chinedu, olhando para as fotografias na estante dela. Era o tipo de pergunta que ela fazia ao padre Patrick, embora o padre Patrick concordasse que Deus nem sempre fazia sentido, com aquele seu típico encolher de ombros, como na primeira vez em que se encontrou com ele, naquele dia de fim de verão em que Udenna lhe disse que estava tudo acabado entre eles. Ela e Udenna estavam na Thomas Sweet, a beber um batido de morango e de banana, o seu ritual de domingo depois de irem às compras, e Udenna tinha bebido o seu ruidosamente antes de lhe dizer que a relação deles já estava acabada há muito tempo, que só estavam juntos por hábito, e ela olhou para ele e ficou à espera que ele se risse, embora não fosse o estilo dele

dizer piadas daquelas.

"Estagnada" foi a palavra que ele usou. Não havia mais ninguém, mas a relação estagnara. Estagnara, e no entanto ela tinha tentado adequar a sua vida à dele durante três anos. Estagnara, e no entanto ela tinha começado a importunar o seu tio, que era senador, para lhe arranjar um emprego em Abuja depois de ela tirar o curso, porque Udenna queria regressar à Nigéria quando acabasse a pós-graduação e começar a construir aquilo a que ele chamava "capital político" para concorrer a governador do estado de Anambra. Estagnada, e no entanto ela fazia agora os guisados com malagueta, como ele gostava. Estagnada, e no entanto eles tinham falado muitas vezes sobre os filhos que teriam, um menino e uma menina, cuja conceção ela tinha considerado ponto assente, a menina chamar-se-ia Ulari e o menino Udoka, os primeiros nomes dos quatro começariam pela letra u. Saiu da Thomas Sweet e começou a andar sem destino, subindo a Nassau Street toda e depois voltando a descê-la até que passou pela igreja de pedra cinzenta, entrou e disse ao homem com o colarinho branco que estava a entrar para um Subaru que a vida não fazia sentido. Ele disse-lhe que se chamava padre Patrick e que a vida não fazia sentido, mas que todos tínhamos de ter fé, mesmo assim. Ter fé. "Ter fé" era como dizer ser alta e bem feita. Ela gostaria de ser alta e bem feita, mas é claro que não era; era baixa e não tinha rabo e aquela parte mole da sua barriga teimava em parecer um pneu de gordura, mesmo quando ela usava a cinta Spanx, com o seu material elástico que apertava. Quando ela disse isto, o padre Patrick riu-se.

— "Tenha fé" não é realmente como dizer "seja alta e bem feita". É mais como dizer: aceite que tem o pneu de gordura e que tem de usar a cinta Spanx—disse ele.

Ela também se riu, surpreendida por este branco gorducho com cabelo grisalho saber o que era uma cinta Spanx.

Ukamaka pôs guisado ao lado do arroz já aquecido no prato de Chinedu.—Se Deus prefere umas pessoas a outras, não faz sentido que tenha sido o Udenna a ser poupado.

O Udenna não podia ser a pessoa mais simpática ou mais bondosa que estava para ir naquele avião—disse ela.

— Não se pode usar o raciocínio humano com Deus—disse Chinedu. Pegou no garfo que ela pusera no seu prato.—Por favor, dê-me antes uma colher.

Ela deu-lhe uma colher. Udenna teria achado graça a Chinedu, teria dito que era mesmo típico do mato comer arroz com uma colher como comia Chinedu, agarrando-a com todos os dedos—Udenna, com a sua capacidade de olhar de relance para as pessoas e saber, pela sua postura e pelos sapatos que usavam, que tipo de infância tinham tido.

— Aquele é o Udenna, certo?—Chinedu apontou para a fotografia na moldura de verga, em que o braço dele estava por cima do ombro dela, e ambos ostentavam uma expressão aberta e sorridente; tinha sido tirada por uma estranha num restaurante em Filadélfia, uma estranha que tinha dito:—Formam um par encantador, são casados?—e Udenna tinha respondido:—Ainda não—da maneira sedutora, com um sorriso torto, como se dirigia a mulheres desconhecidas.

— Sim, esse é o grande Udenna—disse Ukamaka, fazendo uma careta e sentando-se à mesa de jantar minúscula com o seu prato.—Esqueço-me sempre de tirar essa fotografia daí—acrescentou. Era mentira. Tinha olhado para ela muitas vezes no último mês, às vezes com relutância, sempre com receio do sinal de fim absoluto que seria tirá-la dali. Pressentiu que Chinedu adivinhava que era mentira.

— Conheceram-se na Nigéria?—perguntou ele.

— Não, conhecemo-nos na festa de formatura da minha irmã há três anos em New Haven. Foi uma amiga dela que o levou. Ele estava a trabalhar em Wall Street e eu já estava aqui a fazer a pós-graduação, mas ambos conhecíamos muitas pessoas da zona de Filadélfia. Ele andou na Universidade da Pensilvânia e eu em Bryn Mawr. Era engraçado que tivéssemos tanto em comum, mas que até àquela altura nunca nos tivéssemos conhecido. Viemos ambos para os Estados Unidos frequentar a universidade mais ou menos ao mesmo tempo. Descobrimos que até tínhamos feito o exame de admissão no mesmo centro em Lagos e

no mesmo dia!

— Ele parece alto—disse Chinedu, ainda de pé junto à estante, com o prato na mão.

— Tem um metro e noventa e cinco—disse Ukamaka, e ouviu o orgulho na sua voz.—Não é a melhor fotografia dele. É muito parecido com Thomas Sankara. Tive uma paixoneta por esse homem quando era adolescente. Sabe, o presidente do Burkina Faso, o presidente popular, aquele que mataram.

— É claro que sei quem foi Thomas Sankara.

Chinedu olhou atentamente para a fotografia por um momento, como se estivesse a tentar encontrar os traços da beleza afamada de Sankara. Em seguida, disse:—Vi-vos a ambos uma vez lá fora, no parque de estacionamento, e adivinhei logo que você era da Nigéria. Queria vir apresentar-me, mas estava com pressa para apanhar o autocarro.

Ukamaka ficou satisfeita ao ouvir isto; o facto de ele os ter visto juntos tornava a relação tangível. Os últimos três anos a dormir com Udenna e a alinhar os seus planos pelos de Udenna e a cozinhar com malaguetas não eram, afinal, um produto da sua imaginação. Evitou perguntar o que Chinedu recordava exatamente. Teria visto a mão de Udenna pousada no fundo das costas dela? Teria visto Udenna a dizer-lhe algo sugestivo, com os rostos dos dois muito chegados?

— Quando é que nos viu?—perguntou.

— Há cerca de dois meses. Estavam a dirigir-se para o vosso carro.

— Como soube que éramos nigerianos?

— Sei sempre—disse ele, e sentou-se em frente a ela.—Mas hoje de manhã olhei para os nomes nas caixas do correio para descobrir qual era o seu apartamento.

— Lembro-me agora de o ver uma vez no autocarro. Sabia que era africano, mas pensei que talvez fosse do Gana. Parecia demasiado delicado para ser da Nigéria.

Chinedu riu-se.—Quem diz que eu sou delicado?—disse. A brincar, inchou o peito, com a boca cheia de arroz. Udenna teria apontado para a testa de Chinedu e teria dito que não era preciso ouvir o sotaque de Chinedu para saber que ele era o tipo de pessoa que tinha andado numa escola pública lá na sua vilória e que tinha aprendido inglês a ler o dicionário à luz da vela, porque via-se logo pela sua testa aos papos e de veias salientes. Fora o que Udenna dissera sobre o estudante nigeriano em Wharton, cuja amizade consistentemente desprezara, a cujos e-mails nunca respondeu. O estudante, com a testa que traía as suas origens e os seus modos do mato, simplesmente não estava à altura. Não estar à altura. Udenna usava muitas vezes essa expressão e Ukamaka, ao princípio, achou-a pueril, mas no último ano tinha começado também a usá-la.

— O guisado está demasiado picante?—perguntou, reparando que Chinedu estava a comer muito lentamente.

— Está ótimo. Eu estou habituado à malagueta. Cresci em Lagos.

— Eu nunca gostei de comida picante até conhecer o Udenna. Nem tenho bem a certeza de gostar agora.

— Mas ainda cozinha com picante.

Ela não gostou que ele dissesse aquilo e não gostou que a sua expressão ficasse tão fechada, tão difícil de decifrar quando olhou para ela e depois de novo para o prato. Ela disse:—Bem, acho que agora já estou habituada.

— Não se importa de verificar as últimas notícias?

Ela premiu a tecla do portátil, recarregou uma página da Web. Não Há Sobreviventes do Desastre Aéreo na Nigéria. O governo tinha confirmado que as cento e dezassete pessoas a bordo do avião tinham morrido.

— Não há sobreviventes—disse ela.

— Pai, assumi o controlo—disse Chinedu, exalando ruidosamente. Veio sentar-se ao lado dela para ler a notícia no portátil, os dois corpos juntos, o cheiro do guisado apimentado no hálito dele. Havia mais

fotografias do local do acidente. Ukamaka fitou uma com uns homens em tronco nu a levarem um pedaço de metal que parecia a armação torcida de uma cama; não conseguia imaginar que parte do avião poderia ser.

— Há demasiada iniquidade no nosso país—disse Chinedu, levantando-se.—Demasiada corrupção. Demasiadas coisas por que temos de rezar.

— Está a querer dizer que o acidente foi um castigo de Deus?

— Um castigo e um alerta—disse Chinedu. Estava a comer o resto do arroz. Ela achava irritante que ele raspasse a colher contra os dentes.

— Eu costumava ir à igreja todos os dias quando era adolescente, à missa da manhã, às seis. Ia sozinha, a minha família era mais de ir só ao domingo—disse ela.

— Depois, um dia, deixei de ir.

— Toda a gente tem uma crise de fé. É normal.

— Não foi uma crise de fé. A igreja, de repente, tornou-se como o Pai Natal, algo que nunca se questiona quando se é criança, mas quando nos tornamos adultos compreendemos que o homem com aquele fato de Pai Natal é na realidade o vizinho do fundo da rua.

Chinedu encolheu os ombros, como se não tivesse muita paciência para esta sua decadência, esta sua ambivalência.—O arroz já acabou?

— Há mais—disse ela. Pegou no prato dele para aquecer mais arroz e guisado. Quando lho pôs à frente, disse:—Não sei o que teria feito se o Udenna tivesse morrido.

Nem sequer sei o que teria sentido.

— Só tem de estar grata a Deus.

Ela foi até à janela e subiu a persiana. Estavam no princípio do outono. Lá fora, via as árvores que ladeavam Lawrence Drive, com a sua folhagem que era uma mistura de verde e cobre.

— O Udenna nunca me disse "Amo-te", porque achava que era um cliché. Uma vez, eu disse-lhe que lamentava que ele se sentisse mal em relação a qualquer coisa e ele começou aos berros, a dizer que eu não devia usar uma expressão como "Lamento que te sintas assim", porque era pouco original. Costumava fazer-me sentir que nada do que eu dizia era suficientemente espirituoso ou sarcástico ou inteligente. Estava sempre a esforçar-se por ser diferente, mesmo quando isso não importava. Era como se estivesse a desempenhar o papel da sua vida em vez de a viver.

Chinedu não disse nada. Metia grandes colheradas à boca; por vezes, empilhava mais arroz na colher com um dedo.

— Ele sabia que eu adorava estar cá, mas estava sempre a dizer-me que Princeton era uma instituição sensaborona e que estava desatualizada. Quando achava que eu estava demasiado feliz em relação a alguma coisa que não tinha a ver com ele, encontrava sempre maneira de a apoucar. Como se pode amar alguém e ao mesmo tempo querer controlar a quantidade de felicidade que é permitida a essa pessoa?

Chinedu acenou com a cabeça; compreendia-a e estava do seu lado, era evidente. Nos dias seguintes, dias agora suficientemente frios para usar as botas de couro de cano alto, dias em que ela apanhava o autocarro para o campus, fazia investigação para a tese na biblioteca, se encontrava com o seu supervisor, dava a aula de composição aos alunos de licenciatura ou se encontrava com alunos que vinham pedir-lhe o adiamento do prazo de entrega de algum trabalho, regressava ao fim da tarde ao apartamento e esperava que Chinedu viesse visitá-la para ela lhe oferecer arroz, pizza ou esparguete. Para poder falar sobre Udenna. Contou a Chinedu coisas que não podia ou não queria contar ao padre Patrick. Gostava do facto de Chinedu falar pouco, de ter um ar de quem não só estava a ouvi-la, mas também a pensar no que ela estava a dizer. Uma vez, pensou por pensar em ter um caso com ele, em se deixar ir na clássica ressaca de uma relação, mas havia nele uma qualidade assexual, algo nele que lhe fazia sentir que não tinha de pôr pó sob os olhos para tapar as olheiras.

O prédio estava cheio de outros estrangeiros. Ela e Udenna costumavam dizer a brincar que era a incerteza do novo ambiente sentida pelos estrangeiros que se solidificara na indiferença que demonstravam uns para com os outros. Não se cumprimentavam nos corredores nem nos elevadores, nem se olhavam nos olhos durante a viagem de cinco minutos no autocarro do campus, aqueles crânios do Quênia e da China e da Rússia, aqueles estudantes de pós-graduação e pós-doutorados que iriam liderar e curar e reinventar o mundo. E por isso surpreendia-a, quando ela e Chinedu iam até ao parque de estacionamento, que ele acenasse a uma pessoa, dissesse olá a outra. Ele falou-lhe sobre o pós-doutorado japonês que às vezes lhe dava boleia para o centro comercial, do estudante alemão de doutoramento cuja filha lhe chamava Chindle.

— Conhece-os do teu programa?—perguntou ela, e depois acrescentou:—Em que programa estás?

Uma vez, ele tinha dito qualquer coisa sobre Química e ela tinha partido do princípio de que ele estava a fazer um doutoramento em Química. Devia ser por isso que ela nunca o via no campus; os laboratórios de ciências eram muito distantes, pareciam fazer parte de outro mundo.

— Não. Conheci-os quando vim para cá.

— Há quanto tempo vives cá?

— Não muito. Desde a primavera.

— Quando eu vim para Princeton, não tinha a certeza se queria viver num prédio só para estudantes de pós-graduação e pós-doutorados, mas agora até gosto. Da primeira vez que o Udenna me visitou, disse que este prédio quadrado era muito feio e que não tinha encanto. Viveste numa residência universitária antes?

— Não—Chinedu fez uma pausa e desviou o olhar.—Eu sabia que tinha de me esforçar por fazer amigos neste prédio. De que outra forma poderia ir à mercearia e à igreja? Graças a Deus que tu tens carro—disse ele.

Ela gostou que ele tivesse dito "Graças a Deus que tu tens carro", porque era uma declaração de amizade, de que fariam coisas juntos a longo prazo, de que teria alguém disposto a ouvi-la falar de Udenna.

Aos domingos, dava boleia a Chinedu até à igreja pentecostal em Lawrenceville antes de ir à igreja católica na Nassau Street, e quando ia buscá-lo depois do serviço religioso, iam ambos fazer as compras de mercearia ao McCaffreys. Ela reparava que ele comprava pouco e que escrutinava cuidadosamente os folhetos das promoções que Udenna sempre ignorara.

Quando parava no Wild Oats, onde ela e Udenna costumavam comprar legumes biológicos, Chinedu abanava a cabeça, admirado, porque não compreendia porque é que alguém se dispunha a pagar mais dinheiro pelos mesmos legumes só porque tinham sido produzidos sem produtos químicos. Pôs-se a examinar as leguminosas expostas em grandes jarros de plástico enquanto ela escolhia brócolos e os metia num saco.

— Sem produtos químicos isto. Sem produtos químicos aquilo. As pessoas estão a desperdiçar dinheiro para nada. Os medicamentos que tomam para não morrerem não são químicos também?

— Sabes que não é a mesma coisa, Chinedu.

— Não vejo a diferença.

Ukamaka riu-se.—A mim não me importa, mas o Udenna queria sempre que comprássemos fruta e legumes orgânicos. Acho que ele tinha lido algures que era o que alguém como ele devia comprar.

Chinedu olhou para ela com aquela expressão fechada, impossível de decifrar. Estaria a julgá-la? A tentar decidir-se sobre algo que pensava dela?

Ela disse, ao abrir a mala do carro para meter o saco das compras:—Estou cheia de fome. E se comêssemos uma sandes por aí?

— Não tenho fome.

— Pago eu. Ou preferes ir a um chinês?

— Estou a fazer jejum—disse ele em voz baixa.

— Oh!

Quando era adolescente, também ela tinha jejuado, bebendo só água de manhã à noite durante uma semana inteira e pedindo a Deus que a ajudasse a ter o melhor resultado no exame final da escola secundária. Tinha tido o terceiro melhor resultado.

— Agora percebo porque é que não comeste arroz nenhum ontem—disse ela.—Fazes-me companhia enquanto eu como?

— Claro.

— Jejuas muitas vezes ou é uma oração especial que estás a fazer? Ou é uma pergunta demasiado pessoal para te fazer?

— É demasiado pessoal para me perguntares—disse Chinedu com uma solenidade galhofeira.

Ela abriu as janelas do carro ao sair em marcha-atrás do parque de estacionamento do Wild Oats, parando para deixar passar duas mulheres sem casaco, de jeans justos, com o seu cabelo louro atirado para o lado pelo vento. Era um dia estranhamente quente para finais do outono.

— O outono às vezes faz-me lembrar o harmatão—disse Chinedu.

— Eu sei—disse Ukamaka.—Adoro o harmatão. Acho que é por causa do Natal. O Udenna e eu voltámos à Nigéria no Natal do ano passado e ele passou o dia de Ano Novo com a minha família em Nimo e o meu tio não parava de lhe perguntar:—Então, jovem, quando vai trazer a sua família para nos bater à porta? O que estuda na escola?

— Ukamaka imitou uma voz severa e Chinedu riu-se.

— Já foste a casa de visita desde que vieste para cá?—perguntou Ukamaka, e mal lhe saiu a pergunta desejou não a ter feito. É claro que ele não devia ter posses para comprar um bilhete de avião para ir de visita a casa.

— Não—disse ele. O seu tom de voz era inexpressivo.

— Os meus planos eram voltar para a Nigéria depois de fazer a pós-graduação e trabalhar para uma ONG em Lagos, mas o Udenna queria entrar na política, por isso eu comecei a fazer planos para viver em Abuja. Vais voltar quando acabares? Imagino a pipa de dinheiro que podes ganhar numa daquelas companhias petrolíferas no Delta do Níger, com o teu doutoramento em Química—disse ela. Sabia que estava a falar demasiado depressa, a tagarelar, realmente, a tentar compensar o desconforto que tinha sentido antes.

— Não sei—Chinedu encolheu os ombros.—Posso mudar de estação?

— É claro—disse ela. Sentia que o estado de espírito dele tinha mudado pela maneira como manteve os olhos postos na janela depois de mudar da NPR para uma estação de FM com música barulhenta.

— Acho que vou comer o teu prato preferido, sushi, em vez de uma sandes—disse ela, a brincar com ele. Ela tinha-lhe perguntado uma vez se ele gostava de sushi e ele tinha dito:—Nem pensar. Sou um homem africano. Só como comida cozinhada.—Ela acrescentou:—Devias mesmo experimentar sushi um destes dias. Como é possível viver em Princeton e não comer sashimi?

Ele mal sorriu. Ela foi a conduzir devagar até ao sítio das sandes, acenando com a cabeça ao som da música do rádio com um entusiasmo exagerado, para mostrar que estava a gostar tanto como ele parecia estar a gostar.

— Vou só buscar uma sandes—disse ela, e ele disse que esperava no carro. O aroma a alho da sandes de frango embrulhada em folha de alumínio espalhou-se pelo carro quando ela entrou.

— O teu telemóvel tocou—disse Chinedu.

Ela pegou no telemóvel, que estava pousado junto à manete de velocidades, e olhou para o ecrã. Era

Rachel, uma amiga do departamento, talvez a telefonou-lhe para saber se ela queria ir à palestra sobre moralidade e romance em East Pyne no dia seguinte.

— Não posso acreditar que o Udenna não me tenha telefonado—disse, e ligou o motor. Ele tinha-lhe enviado um e-mail a agradecer a preocupação dela quando ele estava na Nigéria. Tinha-a retirado da sua lista de amigos do Instant Messenger, de modo que ela já não tinha maneira de saber quando ele estava online. E não lhe tinha telefonado.

— Talvez seja melhor ele não telefonar—disse Chinedu.—Para tu poderes seguir em frente.

— Não é assim tão simples—disse ela, ligeiramente irritada, porque queria que Udenna telefonasse, porque a fotografia ainda estava na estante, porque Chinedu dava a ideia de que só ele sabia o que era melhor para ela. Ukamaka esperou até estarem de volta ao prédio e Chinedu ter levado os sacos dele ao seu apartamento e ter voltado para baixo para lhe dizer:—Sabes, não é realmente assim tão simples como julgas. Tu não sabes o que é estar apaixonada por um filho da mãe.

— Por acaso sei.

Ela olhou para ele. Estava com as mesmas roupas que trazia naquela tarde em que lhe tinha batido à porta pela primeira vez: uns jeans e uma sweatshirt velha com a gola esbambeada e PRINCETON estampado na frente a cor de laranja.

— Nunca me disseste nada—disse ela.

— Tu nunca perguntaste.

Ela pôs a sandes num prato e sentou-se à mesa minúscula.—Não sabia que havia alguma coisa a perguntar. Pensei que me dirias.

Chinedu não disse nada.

— Então conta-me lá. Fala-me lá desse amor. Foi aqui ou na Nigéria?

— Na Nigéria. Estive com ele quase dois anos.

O momento era de silêncio. Ela pegou num guardanapo e apercebeu-se de que intuitivamente já sabia, talvez desde o princípio, mas disse, porque pensou que ele contava que ela mostrasse surpresa:— Oh, és gay.

— Uma rapariga disseme uma vez que sou o gay mais heterossexual que ela conhecia, e eu detestei-me por gostar de o ouvir.

Estava a sorrir, parecia aliviado.

— Então, conta-me lá sobre esse amor.

O nome do homem era Abidemi. Algo na maneira como Chinedu disse o seu nome, Abidemi, a fez pensar no ato de pressionar suavemente um músculo dorido, o tipo de dor autoinfligida que dá satisfação.

Chinedu falou lentamente, corrigindo pormenores que ela achava que não faziam qualquer diferença—seria numa quarta ou numa quinta-feira que Abidemi o tinha levado a uma discoteca gay privada onde cumprimentaram um ex-chefe de estado?—e ela pensou que esta era uma história que ele não tinha ainda contado muitas vezes na íntegra, que talvez nunca tivesse contado. Ele falou enquanto ela acabava a sandes e depois, quando ela se sentou ao seu lado no sofá, sentiu-se estranhamente nostálgica em relação aos pormenores sobre Abidemi: bebia Guinness, mandava o seu motorista comprar bananas assadas aos vendedores ambulantes da berma da estrada, ia à igreja pentecostal House on the Rock, gostava de kibbe libanês no restaurante Double Four, jogava pólo.

Abidemi era banqueiro, filho de um Grande Homem, e tinha andado na universidade em Inglaterra, o tipo de homem que usava cintos de pele com fivelas que eram o logótipo ornamentado da marca. Estava com um desses cintos quando entrou nos escritórios em Lagos da empresa de telemóveis em que Chinedu trabalhava no apoio ao cliente.

Tinha sido quase malcriado, perguntando se não havia alguém mais importante com quem pudesse falar, mas Chinedu não deixou de reparar no olhar que trocaram, na excitação estonteante que já não sentia desde a sua primeira relação com um monitor de desporto na escola secundária. Abidemi deu-lhe o

seu cartão de visita e disse, secamente:—Telefone-me. Foi dessa maneira que Abidemi conduziu a relação nos dois anos seguintes, querendo saber onde Chinedu ia e o que fazia, comprando-lhe um carro sem o consultar, de modo que Chinedu se viu na posição incômoda de ter de explicar à família e aos amigos como é que tinha subitamente conseguido comprar um Honda, convidando-o para ir com ele de viagem a Calabar e a Kaduna só com um dia de antecedência, mandando-lhe mensagens horríveis quando Chinedu não atendia as suas chamadas. No entanto, Chinedu gostava daquela possessividade, da vitalidade de uma relação que absorvia ambos. Até Abidemi lhe dizer que ia casar. Ela chamava-se Kemi e os pais dela e os dele já se conheciam há muito tempo. A inevitabilidade de Abidemi casar tinha sempre sido compreendida entre ambos, não mencionada, mas compreendida, e talvez nada tivesse mudado se Chinedu não tivesse conhecido Kemi na festa do aniversário de casamento dos pais de Abidemi. Chinedu não queria ir à festa—evitava as festas da família de Abidemi—,mas ele tinha insistido, dizendo que só conseguiria sobreviver ao longo serão se Chinedu estivesse lá. Abidemi falou num preocupante tom de riso quando apresentou Chinedu a Kemi como "o meu grande amigo".

— O Chinedu bebe muito mais do que eu—Abidemi dissera a Kemi, que tinha extensões de cabelo compridas e um vestido amarelo cai-cai. Ela sentou-se ao lado de Abidemi, estendendo o braço de vez em quando para lhe tirar qualquer coisa da camisa, para voltar a encher-lhe o copo, para pôr a mão no seu joelho, e todo o tempo o seu corpo estava preparado e sintonizado com o dele, como se estivesse pronta a dar um salto e a fazer o que fosse preciso para lhe agradar.—Disseste que eu ainda fico com barriga de cerveja, abi?—disse Abidemi, com a mão pousada na coxa dela.—Este homem ainda vai ficar com barriga antes de mim, estou-te a dizer.

Chinedu sorria de lábios fechados, estava a começar a ficar com dores de cabeça, a sua raiva contra Abidemi prestes a explodir. Quando Chinedu contou isto a Ukamaka, como a raiva daquela noite lhe tinha dado a volta à cabeça, ela reparou como ele ficou tenso.

— Preferias não ter conhecido a mulher dele—disse Ukamaka.

— Não. Preferia que ele estivesse em conflito.

— Devia estar.

— Não estava. Observei-o naquele dia, a forma como estava com ambos ali, a beber cerveja preta e a dizer piadas sobre mim a ela e sobre ela a mim, e soube que quando ele fosse para a cama, ia dormir bem. Se continuássemos, ele viria ter comigo e depois iria para casa, para ela, e dormiria bem todas as noites. Eu queria que ele não dormisse bem às vezes.

— E acabaste com ele?

— Ele ficou furioso. Não compreendia porque é que eu me recusava a fazer o que ele queria.

— Como pode uma pessoa dizer que ama outra e no entanto querer que ela faça só o que lhe convém? O Udenna era assim.

Chinedu apertou a almofada que tinha no regaço.—Ukamaka, nem tudo tem a ver com o Udenna.

— Só te estou a dizer que o Abidemi se parece um bocadinho como o Udenna. Acho que simplesmente não entendo esse tipo de amor.

— Talvez não fosse amor—disse Chinedu, levantando-se abruptamente do sofá.—O Udenna fez-te isto e o Udenna fez-te aquilo, mas porque é que deixaste? Porque é que deixaste? Alguma vez te passou pela cabeça que não era amor?

Era tão terrivelmente frio, o seu tom de voz, que por um momento Ukamaka sentiu-se assustada, mas depois ficou furiosa e disse-lhe que saísse do apartamento dela.

Antes desse dia, já tinha começado a reparar em coisas estranhas em Chinedu. Ele nunca a convidava para ir ao apartamento dele, e uma vez, depois de ele lhe ter dito qual era o seu apartamento, ela olhou para a caixa do correio e ficou surpreendida por não ter escrito o seu apelido; o encarregado

do prédio era bastante rigoroso na questão dos nomes dos inquilinos nas caixas do correio. Ele nunca parecia ir ao campus; da única vez em que ela lhe perguntou porquê, ele disse algo deliberadamente vago, que lhe deu a entender que não queria falar do assunto e ela deixou passar, porque suspeitava que ele tinha problemas académicos, talvez estivesse a braços com uma dissertação que não estava a correr-lhe bem. E assim, uma semana depois de o ter mandado sair do apartamento dela, depois de uma semana sem falar com ele, subiu as escadas e foi bater à sua porta, e quando ele a abriu e olhou para ela desconfiado, ela perguntou:—Estás a trabalhar numa dissertação?

— Estou muito ocupado—disse ele, secamente, e fechou-lhe a porta na cara.

Ela ficou espedada por uns instantes antes de voltar para o seu apartamento. Nunca mais voltaria a falar-lhe, disse a si própria; ele era uma pessoa grosseira e rude, do mato. Mas chegou o domingo e ela tinha-se habituado a levá-lo de carro à igreja dele em Lawrenceville antes de ir à sua na Nassau Street. Tinha a esperança de que ele lhe batesse à porta, mas ao mesmo tempo sabia que ele não o faria. Sentiu um súbito receio de que ele pedisse a outra pessoa no seu andar para lhe dar boleia para a igreja e como se apercebeu de que o seu receio estava a transformar-se em pânico, subiu e bateu-lhe à porta. Ele levou algum tempo a abrir. Parecia abatido e cansado; tinha a cara por lavar e a pele de um tom acinzentado.

— Desculpa—disse ela.—Aquela pergunta sobre se estavas a trabalhar numa dissertação era só a minha maneira estúpida de te pedir desculpa.

— Da próxima vez, quando quiseres pedir desculpa, pede desculpa.

— Queres que te dê boleia para a igreja?

— Não—disse ele, e fez-lhe sinal para entrar. O apartamento estava mobilado modestamente com um sofá, uma mesa e um televisor; os livros estavam empilhados uns em cima dos outros ao longo das paredes.

— Ouve, Ukamaka, tenho de te contar o que está a acontecer. Senta-te.

Ela sentou-se. Na televisão passavam desenhos animados, estava uma Bíblia aberta voltada para baixo sobre a mesa e uma chávena do que parecia ser café ao lado.

— A minha situação é ilegal. O meu visto expirou há três anos. Este apartamento pertence a um amigo. Ele está a passar o semestre no Peru e disse que eu podia ficar aqui até endireitar a minha vida.

— Não andas aqui em Princeton?

— Nunca disse que andava—disse ele. Virou-se e fechou a Bíblia.—Vou receber uma notificação de deportação dos Serviços de Imigração a qualquer momento. Ninguém na minha terra sabe qual é a minha verdadeira situação. Não tenho podido mandar-lhes grande coisa desde que perdi o trabalho nas obras. O meu patrão era um bom homem e pagava-me por baixo da mesa, mas disse que não queria ter problemas, agora que andam a falar em fazer inspeções nos locais de trabalho.

— Já tentaste arranjar um advogado?—perguntou ela.

— Um advogado para quê? O meu caso não tem ponta por onde se lhe pegue—disse ele. Estava a morder o lábio inferior, e ela nunca o tinha visto com um ar tão pouco atraente, com a pele do rosto a descascar e os olhos ensombrados. Não faria mais perguntas, porque sabia que ele não tinha vontade de lhe contar mais nada.

— Estás com um aspeto terrível. Não tens comido grande coisa desde a última vez que te vi—disse ela, pensando em todas as semanas que tinha passado a falar sobre Udenna enquanto Chinedu estava preocupado com a sua deportação.

— Estou a jejuar.

— Tens a certeza de que não queres que te dê boleia para a igreja?

— Já é muito tarde, de qualquer maneira.

— Vem comigo à minha igreja, então.

— Tu sabes que eu não gosto da Igreja Católica, de todo aquele ajoelhar e levantar desnecessário e do adorar de ídolos.

— Só desta vez. Eu vou contigo à tua na próxima semana.

Por fim, ele levantou-se, lavou a cara e vestiu uma sweatshirt limpa. Foram até ao carro em silêncio. Nunca tinha pensado falar-lhe do estremecimento que sentira enquanto ele rezava naquele primeiro dia, mas como queria muito agora fazer um gesto significativo, que lhe mostrasse que não estava só, que ela compreendia o que deve ser sentir tanta incerteza em relação ao futuro, não ter controlo sobre o que lhe aconteceria amanhã—porque, de facto, não sabia o que mais dizer—, falou-lhe no estremecimento.

— Foi estranho—disse ela.—Talvez fosse só a minha ansiedade reprimida pelo Udena.

— Foi um sinal de Deus—disse Chinedu com firmeza.

— Qual era o interesse do meu estremecimento como um sinal de Deus?—disse ela e olhou para ele.

— Tens de deixar de pensar que Deus é uma pessoa. Deus é Deus.

— A tua fé é quase como combater.—Ela olhou para ele.—Porque é que Deus não pode revelar-se de uma forma que não seja ambígua e que esclareça as coisas de uma vez por todas? Qual é o interesse de Deus em ser um enigma?

— Porque é a natureza de Deus. Se compreenderes a ideia básica de que a natureza de Deus é diferente da natureza humana, então fará sentido—disse Chinedu e abriu a porta para sair do carro. Que luxo ter uma fé como a dele, pensou Ukamaka, tão acrítica, tão forte, tão impaciente. E, no entanto, havia algo nela que era extremamente frágil; era como se Chinedu só conseguisse conceber a fé em termos de extremos, como se o reconhecimento de um meio-termo acarretasse o risco de perder tudo.

— Estou a ver o que queres dizer—disse ela, embora não estivesse a ver nada, embora fossem respostas como a dele que, anos antes, a tinham feito decidir deixar de ir à igreja e a tinham mantido afastada até àquele domingo em que Udena usou a palavra "estagnada", numa gelataria na Nassau Street.

À porta da igreja de pedra cinzenta, o padre Patrick estava a cumprimentar as pessoas, com o seu cabelo de prata brilhando à luz do fim da manhã.

— Trago uma nova pessoa para as masmorras do catolicismo, senhor padre Patrick—disse Ukamaka.

— Há sempre lugar nas masmorras—disse o padre Patrick, apertando calorosamente a mão de Chinedu e dando-lhe as boas-vindas.

A igreja estava na penumbra, cheia de ecos e de mistérios e do cheiro ténue a velas. Eles sentaram-se lado a lado na fila do meio, ao lado de uma mulher com um bebé ao colo.

— Gostaste dele?—segredou Ukamaka.

— Do padre? Pareceu-me fixe.

— Quero dizer se "gostaste" mesmo.

— Oh, Jeová Deus! É claro que não.

Ela tinha-o feito sorrir.—Tu não vais ser deportado, Chinedu. Nós havemos de arranjar maneira. Havemos mesmo—disse, e apertou-lhe a mão e teve a certeza de que ele tinha achado graça àquela ênfase no "nós".

Ele inclinou-se para ela.—Sabes, eu também tive uma paixoneta pelo Thomas Sankara.

— Não!—disse ela. O riso subia-lhe no peito.

— Eu nem sequer sabia que havia um país chamado Burkina Faso na África Ocidental até o meu professor no secundário nos falar dele e trazer uma fotografia. Nunca me esquecerei de como me apaixonei perdidamente por uma fotografia de jornal.

— Não me digas que o Abidemi é parecido com ele.

— Na verdade, é.

Ao princípio abafaram o riso e depois deixaram-no sair, encostando-se um ao outro, felizes, enquanto a mulher com o bebé ao colo ao seu lado os fitava.

O coro tinha começado a cantar. Era um daqueles domingos em que o padre abençoava os fiéis com

água benta no início da missa e o padre Patrick estava a andar para cima e para baixo, a aspergir as pessoas com algo que parecia um grande saleiro. Ukamaka olhava para ele e pensou como eram muito mais discretas as missas católicas na América; como na Nigéria teria sido um ramo verde-vivo de uma mangueira que o padre molharia num balde de água benta que um acólito apressado e a transpirar seguraria; como o padre teria andado em grandes passadas para cima e para baixo, a borrifar e a rodopiar, uma chuva de água benta a cair; como as pessoas teriam ficado encharcadas; e como, sorrindo e fazendo o sinal da cruz, se teriam sentido abençoadas.

CASAMENTEIROS

O meu novo marido levou a mala do táxi e foi à frente até ao prédio antigo, subiu um lanço de escadas, percorreu um átrio abafado, com alcatifa esfiapada, e parou junto a uma porta. Colado a ela estava o número 2B, cortado irregularmente em metal amarelado.

— Cá estamos—disse ele. Tinha usado a palavra "casa" quando me falou do nosso lar. Eu tinha imaginado um caminho liso a serpentear por entre relvados da cor de pepino, uma porta a dar para um átrio, paredes com quadros discretos. Uma casa como as dos brancos recém-casados nos filmes americanos que a NTA passava aos sábados à noite.

Acendeu a luz na sala de estar, onde se encontrava um sofá bege no meio, de esguelha, como se o tivessem pousado ali por acaso. A sala estava quente; cheiros velhos e bafientos pairavam no ar.

— Eu mostro-te a casa—disse ele.

No quarto mais pequeno havia um colchão velho posto a um canto. O quarto maior tinha uma cama e um toucador, e um telefone em cima do chão alcatifado. Mesmo assim, a ambos os quartos faltava uma sensação de espaço, como se as paredes se sentissem desconfortáveis umas com as outras, com tão pouco entre elas.

— Agora que cá estás, vamos arranjar mais mobília. Eu não precisava de grande coisa quando estava sozinho—disse ele.

— OK—respondi. Sentia-me atordoada. O voo de dez horas de Lagos para Nova Iorque e a espera interminável enquanto a funcionária americana da alfândega revistava a minha mala tinham-me deixado zozna, tinham-me enchido a cabeça com algodão em rama. A funcionária tinha examinado os produtos alimentares como se eles fossem aranhas, espetava o seu dedo enluvado nos sacos impermeáveis de egusi moído e de folhas secas de onugbu e de sementes de uziza, e acabou por me confiscar as sementes de uziza.

Receava que eu as cultivasse em solo americano. Não importava que as sementes tivessem secado ao sol durante semanas e que estivessem tão duras como um capacete de bicicleta.

— Ike agwum—disse eu, pousando a minha mala de mão no chão do quarto.

— Sim, eu também estou exausto—disse ele.—Devíamos ir para a cama.

Na cama, entre os lençóis macios, enrosquei-me como o punho do Tio Ike quando ele se zanga e esperei que não me fosse requerido o cumprimento do dever de esposa.

Descontraí momentos depois quando ouvi o rressonar ritmado do meu novo marido. Começava como um ronco grave na sua garganta e acabava numa nota alta, um som semelhante a um assobio obsceno. Não nos avisavam sobre coisas destas quando nos arranjavam casamento. Nenhuma menção de rressonar ofensivo, nenhuma menção de casas que, afinal, eram apartamentos com pouca mobília.

O meu marido acordou-me instalando o seu corpo pesado em cima do meu. O peito dele espalmava-me os seios.

— Bom-dia—disse eu, abrindo os olhos ensonados. Ele grunhiu, um som que poderia ser de resposta ao meu bom-dia ou parte do ritual que ele estava a cumprir. Ergueu-se ligeiramente para puxar a minha camisa de noite acima da cintura.

— Espera—disse eu, para poder tirar a camisa de noite, para aquilo não parecer tão apressado. Mas ele tinha esmagado a boca dele na minha. Outra coisa que os casamenteiros não mencionaram: bocas que contavam a história do sono, que eram pegajosas como pastilha elástica mastigada, que cheiravam como os montes de lixo no mercado de Ogbete.

Ele resfolegava enquanto se movia, como se as narinas dele fossem demasiado estreitas para o ar que tinha de sair. Quando finalmente parou de me dar estocadas, repousou todo o seu peso em cima de

mim, até o peso das suas pernas. Não me mexi até ele sair de cima de mim para ir ao quarto de banho. Puxei a camisa de noite para baixo, endireitei-a nas ancas.

— Bom-dia, querida—disse ele ao voltar para o quarto. Passou-me o telefone.—Temos de telefonar ao teu tio e à tua tia para lhes dizer que chegámos bem. Só por alguns minutos; os telefonemas para a Nigéria custam quase um dólar por minuto. Marca 011 e depois 234 antes do número deles.

— Ezi okwu? Isso tudo?

— Sim. O indicativo de acesso internacional e depois o indicativo da Nigéria.

— Oh—disse eu. Marquei os catorze algarismos. A viscosidade entre as minhas pernas fazia-me comichão.

A linha telefónica dava estalidos de eletricidade estática, a atravessar o Atlântico. Eu sabia que o Tio Ike e a Titi Ada soariam calorosos, perguntariam o que eu tinha comido, como estava o tempo na América. Mas não ouviriam realmente nenhuma das minhas respostas, só perguntariam por perguntar. O Tio Ike, provavelmente, sorriria ao telefone, o mesmo tipo de sorriso que lhe tinha desanuviado o rosto quando me disse que tinha sido encontrado o marido perfeito para mim. O mesmo sorriso que eu lhe tinha visto pela última vez meses antes, quando os Super Eagles ganharam a medalha de ouro de futebol nas Olimpíadas de Atlanta.

— Um médico na América—tinha dito, todo sorridente.—O que poderia ser melhor? A mãe do Ofodile andava à procura de esposa para ele, preocupava-se muito que ele casasse com uma americana. Ele já não vinha a casa há onze anos. Eu dei-lhe uma fotografia tua. Ela não me disse nada durante algum tempo e eu pensei que eles tinham arranjado alguém. Mas...—A voz do Tio Ike foi-se desvanecendo e ele ficou com um sorriso mais aberto.

— Sim, Tio.

— Ele vem a casa no princípio de junho—tinha dito a Tia Ada.—Terão muito tempo para se conhecerem antes do casamento.

— Sim, Titi.

"Muito tempo" eram duas semanas.

— O que é que nós não temos feito por ti? Criámos-te como se fosses nossa e depois arranjámos-te um ezigbo di! Um médico na América! É como se tivéssemos ganhado a lotaria para ti!—disse a Titi Ada. Tinha uns pelos pretos a crescerem-lhe no queixo e puxou um deles enquanto falava.

Eu tinha agradecido a ambos por tudo: por me arranjamem marido, por me acolherem em sua casa, por me comprarem um par de sapatos novos de dois em dois anos. Era a única maneira de evitar que me chamassem ingrata. Não lhes recordei que queria fazer o exame de admissão outra vez para tentar entrar na universidade, que enquanto frequentava o secundário tinha vendido mais pão na padaria da Titi Ada do que todas as outras padarias em Enugu, que a mobília e o chão da casa brilhavam por minha causa.

— Conseguiste ligação?—perguntou o meu novo marido.

— Está ocupado—disse eu. Desviei o olhar para ele não ver a minha expressão de alívio.

— Impedido. Os Americanos dizem impedido, não dizem ocupado—disse ele.—Tentamos mais tarde. Vamos tomar o pequeno-almoço.

Para o pequeno-almoço, descongelou panquecas que tirou de um saco amarelo-vivo. Vi que botões premia no micro-ondas e memorizei-os.

— Ferve a água para o chá—disse ele.

— Há leite em pó?—perguntei, levando a chaleira ao lava-louça. Havia ferrugem nos lados do lava-louça, como tinta castanha a descascar.

— Os Americanos não bebem chá com leite e açúcar.

— Ezi okwu? Tu não bebes chá com leite e açúcar?

— Não, habituei-me à maneira como fazem as coisas aqui há muito tempo. Tu também te hás de habituar, querida.

Sentei-me em frente às panquecas moles—eram muito mais finas do que as que eu fazia em casa—ao chá insípido que receava não conseguir engolir. Tocou a campainha e ele levantou-se. Ao andar balouçava as mãos para trás; eu não tinha realmente reparado nisso antes, não tinha tido tempo de reparar.

— Ouvi-vos entrar ontem à noite.

A voz à porta era americana, as palavras fluíam rapidamente, atropelavam-se umas às outras. Supri-supri, era o que lhe chamava a Titi Ify, depressa-depressa.—Quando voltares de visita, vais falar supri-supri como os Americanos—tinha dito.

— Olá, Shirley. Obrigado por me guardares o correio—disse ele.

— De nada. Como correu o casamento? A tua mulher está aqui?

— Está, entra para dizer olá.

Uma mulher com cabelo da cor de metal entrou na sala. Tinha o corpo envolvido num roupão cor-de-rosa com um nó na cintura. A julgar pelas rugas que lhe marcavam o rosto, podia ter entre seis e oito décadas de idade; eu ainda não tinha visto um número suficiente de brancos para conseguir avaliar corretamente a sua idade.

— Eu sou a Shirley, do 3A. Prazer em conhecê-la—disse ela, apertando-me a mão. Tinha a voz nasalada de alguém com uma constipação.

— Seja bem-vinda—disse eu.

Shirley fez uma pausa, como se tivesse ficado surpreendida.—Bem, vou deixar-vos acabar o pequeno-almoço—disse ela.—Venho cá abaixo fazer-lhes uma visita quando estiver instalada.

Shirley saiu a arrastar os pés. O meu novo marido fechou a porta. Uma das pernas da mesa era mais curta do que as outras e por isso a mesa oscilou, como um balancé, quando ele se apoiou nela e disse:— Deve dizer-se "olá" às pessoas aqui na América, não "seja bem-vinda".

— Ela não é da minha idade.

— Não funciona dessa maneira cá. Toda a gente diz "olá".

— O di mma. OK.

— A propósito, aqui eu não me chamo Ofodile. Chamam-me Dave—disse ele, olhando para a pilha de cartas que Shirley lhe tinha trazido. Muitas delas tinham linhas escritas no próprio envelope, acima do endereço, como se o remetente só se tivesse lembrado de acrescentar alguma coisa depois de o envelope estar fechado.

— Dave?—disse eu. Eu sabia que ele não tinha um nome inglês. Nos convites para o nosso casamento vinha Ofodile Emeka Udenwa e Chinaza Agatha Okafor.

— O apelido que uso cá também é diferente. Os Americanos tinham dificuldade em pronunciar Udenwa, por isso mudei-o.

— Qual é?—perguntei. Ainda estava a tentar habituar-me a Udenwa, um apelido que só conhecia há umas semanas.

— É Bell.

— Bell!—Eu tinha ouvido falar de um Waturuocha que tinha mudado para Waturu na América, um Chikelugo que adotara Chikel, mais fácil para os Americanos, mas de Udenwa para Bell?—Nem sequer é parecido com Udenwa—disse eu.

Ele levantou-se.—Tu não percebes como é que as coisas funcionam neste país. Se quiseres chegar a algum lado, tens de ser tão normal quanto possível. Se não, vais ficar pelo caminho. Tens de usar o teu nome inglês aqui.

— Nunca o usei, o meu nome inglês é só algo que está na minha certidão de nascimento. Tenho sido Chinaza Okafor toda a minha vida.

— Vais-te habituar, querida—disse ele, estendendo a mão para me acariciar a face.—Vais ver.

Quando preencheu um impresso para requerer o meu número da segurança social no dia seguinte, o

nome que escreveu em maiúsculas foi AGATHA BELL.

O nosso bairro chamava-se Flatbush, disse-me o meu novo marido quando descíamos, cheios de calor e transpirados, por uma rua que cheirava a peixe deixado demasiado tempo fora do frigorífico. Ele queria mostrar-me como ir às compras e como usar o autocarro.

— Olha à tua volta, não baixes assim os olhos. Olha à tua volta. Habitua-te mais depressa às coisas assim—disse ele.

Virei a cabeça para um lado e para o outro para que ele visse que eu estava a seguir o conselho dele. Montras escuras de restaurantes prometiam A MELHOR COMIDA DAS

CARAÍBAS E DA AMÉRICA em letras tombadas, um serviço de lavagem de automóveis do outro lado da rua anunciava lavagens a três dólares e meio num quadro negro encaixado entre latas de Coca-Cola e pedaços de papel. O passeio estava lascado nas bermas, como uma coisa roída por ratos.

Dentro do autocarro com ar condicionado, ele mostrou-me onde meter as moedas, como premir o botão para dar sinal da minha paragem.

— Isto não é como na Nigéria, onde se grita ao condutor—disse ele, desdenhoso, como se tivesse sido ele a inventar o sistema americano superior.

Dentro do Key Food, andámos lentamente de corredor em corredor. Eu fiquei de pé atrás quando ele pôs uma embalagem de carne de vaca no carrinho. Preferia tocar na carne, examinar a sua cor, como fazia muitas vezes no mercado de Ogbete, onde o carneiro pegava em postas acabadas de cortar com moscas a zunirem-lhes à volta.

— Podemos comprar aqueles biscoitos?—perguntei. Os pacotes azuis de Burtons Rich Tea eram-me familiares; eu não queria comer biscoitos, mas queria alguma coisa que me fosse familiar no carrinho.

— "Bolachas". Os Americanos chamam-lhes "bolachas".

Eu estendi a mão para os biscoitos (bolachas).

— Leva a marca do supermercado. São mais baratos, mas é a mesma coisa—disse ele, apontando para um pacote branco.

— OK—disse eu. Já não queria os biscoitos, mas pus o pacote da marca do supermercado no carrinho e fiquei a olhar para o pacote azul na prateleira, para o logótipo familiar dos biscoitos Burtons, até sairmos daquele corredor.

— Quando me tornar médico assistente, deixamos de comprar marcas de supermercado, mas por agora tem de ser; estas coisas podem ser baratas, mas tudo junto faz uma certa diferença.

— Quando te tornares especialista?

— Sim, mas aqui chama-se assistente, médico assistente.

Os casamenteiros só diziam que os médicos ganhavam muito dinheiro na América. Não acrescentavam que eles tinham de fazer um internato e ainda um internato complementar, que o meu novo marido ainda não tinha completado. O meu novo marido tinha-me dito isto na nossa curta conversa durante o voo, logo depois de descolarmos de Lagos, antes de adormecer.

— No internato, recebem-se vinte e oito mil dólares por ano, mas trabalha-se cerca de oitenta horas por semana. É, tipo, três dólares por hora—tinha ele dito.

— Dá para acreditar? Três dólares por hora!

Eu não sabia se três dólares por hora era muito bom ou muito mau—inclinava-me para que fosse bom—até ele acrescentar que até os estudantes do secundário a trabalharem em part-time ganhavam muito mais.

— E também, quando eu me tornar assistente, deixamos de viver numa zona como esta—disse o meu novo marido. Parou para deixar passar uma mulher com o filho metido no carrinho das compras.—Estás a ver aquelas barreiras para não se poder levar os carrinhos das compras lá para fora? Nas zonas boas

não as têm. Pode levar-se o carrinho das compras até ao carro.

— Oh—disse eu. O que é que importava se era permitido levar o carrinho das compras até lá fora? A questão era que havia carrinhos.

— Olha para as pessoas que fazem compras aqui; são as que emigram e continuam a comportar-se como se ainda estivessem no país delas—disse, e fez um gesto de desdém na direção de uma mulher com dois filhos que estava a falar em espanhol.—Nunca progredirão a não ser que se adaptem à América. Ficarão sempre condenadas a supermercados como este.

Murmurei qualquer coisa para mostrar que estava a escutá-lo. Pensei no mercado ao ar livre em Enugu, nos vendedores que aliciavam com palavras doces as pessoas para elas pararem nas suas barracas com cobertura de zinco, e que estavam dispostos a regatear todo o dia para acrescentar um só kobo ao preço. Metiam o que lhes compravam em sacos de plástico quando os tinham e quando não os tinham, riam e ofereciam jornais velhos.

O meu novo marido levou-me ao shopping; queria mostrar-me tudo o que fosse possível até começar a trabalhar na segunda-feira. O carro dele chocalhava ao andar, como se houvesse muitas peças que se tivessem soltado—um som semelhante a agitar uma lata cheia de pregos. O carro foi abaixo nuns semáforos e ele deu a volta à chave muitas vezes antes de o motor pegar outra vez.

— Eu compro um carro novo depois do internato—disse ele.

Dentro do shopping, o chão brilhava, liso como cubos de gelo, e o teto tão alto como o céu piscava com minúsculas luzes etéreas. Sentime como se estivesse num mundo físico diferente, noutra planeta. As pessoas que nos davam encontrões, mesmo as negras, ostentavam as marcas do estrangeiro, da diferença, nos seus rostos.

— Vamos comer uma pizza primeiro—disse ele.—É uma coisa de que tens de gostar na América.

Fomos até ao balcão das pizzas, até ao homem com um brinco no nariz e um chapéu branco alto.

— Duas de pepperoni e de salsicha. O vosso menu combinado é melhor?—perguntou o meu novo marido. Soava diferente quando falava com americanos: carregava nos erres e mal pronunciava os tês. E sorria, o sorriso ansioso de uma pessoa que queria que gostassem dela.

Comemos a pizza sentados a uma pequena mesa redonda no que ele chamava a "praça da alimentação". Um mar de pessoas estava sentada à volta de mesas circulares, debruçadas sobre pratos de papel com comida gordurosa. O Tio Ike teria ficado horrorizado com a ideia de comer aqui; era um homem com um título de nobreza, nem sequer comia nos casamentos a não ser que fosse servido numa sala à parte. Havia algo humilhanamente público, uma falta de dignidade neste local aberto com demasiadas mesas e demasiada comida.

— Estás a gostar da pizza?—perguntou o meu novo marido. O prato de papel dele estava vazio.

— Os tomates não estão bem cozinhados.

— Nós cozinhamos excessivamente a comida na Nigéria, e é por isso que perdemos todos os nutrientes. Os Americanos cozinham as coisas em condições. Vês como parecem todos tão saudáveis?

Assenti com a cabeça, olhando à minha volta. Na mesa ao lado, uma mulher negra com um corpo da largura de uma almofada sorriu-me. Eu retribuí-lhe o sorriso e trinquei mais um pedaço de pizza, contraindo o estômago para ele não rejeitar nada.

Fomos ao Macys a seguir. O meu novo marido ia à frente a encaminhar-se para uma escada que deslizava; o seu movimento era suave como borracha e eu sabia que cairia mal pusesse lá o pé.

— Biko, não têm antes um ascensor?—perguntei. Pelo menos eu tinha andado uma vez no ascensor rangente das instalações do governo local, aquele que estremecia durante um minuto antes de as portas se abrirem.

— Fala inglês. Há pessoas atrás de ti—segredou-me ele, puxando-me na direção de um balcão de

vidro cheio de joias cintilantes.—É elevador, não é ascensor. Os Americanos dizem elevador.

— OK.

Ele levou-me até ao ascensor (elevador) e subimos até uma secção com filas de casacos que pareciam pesados. Ele comprou-me um casaco da cor do céu num dia sombrio, inchado com algo que parecia ser espuma dentro do forro. O casaco parecia suficientemente grande para duas de mim se abrigarem dentro dele.

— Está a chegar o inverno—disse ele.—Aqui, é como estar dentro de um congelador, por isso precisas de um casaco quente.

— Obrigada.

— É sempre melhor fazer compras quando há saldos. Às vezes, arranja-se a mesma coisa por menos de metade do preço. É uma das maravilhas da América.

— Ezi okwu?—disse eu, mas acrescentei logo à pressa:—A sério?

— Vamos dar uma volta pelo shopping. Há outras maravilhas da América aqui.

Andámos a ver lojas que vendiam roupas e ferramentas e pratos e livros e telefones até me doerem as plantas dos pés.

Antes de irmos embora, ele dirigiu-se para o McDonalds. O restaurante estava encaixado perto das traseiras do shopping; à entrada um M amarelo e vermelho do tamanho de um carro. O meu marido não precisou de olhar para o quadro do menu que estava pendurado por cima para pedir duas refeições grandes Número 2.

— Podíamos ir para casa e eu cozinhava—disse eu.—Não deixes o teu marido comer fora muitas vezes—tinha dito a Titi Ada—,senão, isso atira-o para os braços de uma mulher que cozinhe. Cuida sempre do teu marido como um ovo de galinha do mato.

— Eu gosto de comer disto de vez em quando—disse ele. Pegou no hambúrguer com ambas as mãos e mastigou com uma concentração que lhe desenhou rugas na testa, lhe contraiu os maxilares e o fez parecer-me ainda mais estranho.

Fiz arroz de coco na segunda-feira, para compensar o facto de termos comido fora. Queria fazer também sopa picante, do tipo que a Titi Ada dizia que amolecia o coração de um homem. Mas precisava da uziza que a funcionária da alfândega me tinha confiscado; a sopa picante simplesmente não era sopa picante sem ela. Comprei um coco na loja jamaicana ao fundo da rua e passei uma hora a cortá-lo em pedacinhos muito pequenos, porque não havia ralador na casa, e depois pu-los de molho em água quente para lhes extrair o sumo. Tinha acabado de cozinhar quando ele chegou a casa. Estava com uma indumentária que parecia ser um uniforme, uma T-shirt que mais parecia um top de menina metida dentro de um par de calças azuis, amarradas à cintura.

— Nno—disse eu.—Trabalhaste bem?

— Também tens de falar inglês em casa, querida. Para te ires habituando—disse, e estava a roçar-me os lábios no rosto quando tocou a campainha. Era a Shirley, com o corpo envolvido no mesmo roupão cor-de-rosa. Estava a enrolar o cinto do roupão no dedo.

— Esse cheiro—disse ela, na sua voz de catarro.—Está por todo o lado, por todo o prédio. O que está a cozinhar?

— Arroz de coco—disse eu.

— Uma receita do vosso país?

— Sim.

— Cheira mesmo bem. O problema connosco aqui é que não temos cultura, não temos cultura nenhuma—disse ela, e virou-se para o meu novo marido como se quisesse que ele concordasse com ela, mas ele limitou-se a sorrir.—Não te importas de vir dar uma vista de olhos ao meu ar condicionado,

Dave?—pediu ela.—Está a funcionar mal outra vez e hoje está tanto calor.

— Claro—disse o meu novo marido.

Antes de saírem, Shirley acenou-me e disse:—Cheira mesmo bem—e eu quis convidá-la a comer arroz. O meu novo marido voltou daí a meia hora e atacou a refeição aromática que lhe pus à frente, até estalou os lábios como o Tio Ike fazia às vezes para mostrar à Titi Ada que estava satisfeito com os seus cozinhados. Mas no dia seguinte voltou para casa com o Good Housekeeping All-American Cookbook, um livro de receitas cem por cento americanas, grosso como uma Bíblia.

— Não quero que fiquemos conhecidos como os vizinhos que enchem o prédio com cheiros de comida estrangeira—disse.

Eu peguei no livro de receitas, passei a mão pela capa, pela imagem de qualquer coisa que parecia uma flor, mas que provavelmente era comida.

— Eu tenho a certeza de que, não tarda nada, já sabes cozinhar comida americana—disse ele, puxando-me para si com doçura. Nessa noite, pensei no livro de receitas enquanto ele estava em cima de mim, a grunhir e a resfolegar. Outra coisa que os casamenteiros não diziam—a dificuldade de cozinhar carne de vaca em óleo e de passar por farinha frango sem pele. Eu sempre cozinhará a carne de vaca no seu próprio molho. O frango sempre o tinha cozinhado com a pele. Nos dias seguintes, fiquei satisfeita por o meu marido sair para o trabalho às seis da manhã e só voltar às oito da noite, porque me dava tempo para deitar fora pedaços de frango mal cozinhados e pegajosos e tentar de novo.

A primeira vez que vi Nia, que vivia no 2D, pensei que era o tipo de mulher que a Titi Ada não aprovaria. A Titi Ada chamar-lhe-ia uma ashawo, por causa do top transparente que usava, a deixar ver o soutien de uma cor que não combinava. Ou a Titi Ada julgaria que ela era prostituta por causa do seu bâton cor de laranja com um brilho metálico, e da sombra dos olhos—semelhante à cor do bâton—que lhe cobria as pálpebras pesadas.

— Olá—disse ela, quando eu desci para ir buscar o correio.—És a nova mulher do Dave. Estava para ir lá a tua casa apresentar-me. Sou a Nia.

— Obrigada. Eu sou a Chinaza... Agatha.

Nia estava a observar-me com atenção.—O que é que foi a primeira coisa que disseste?

— O meu nome nigeriano.

— É um nome igbo, não é?

Pronunciava a palavra como "ibu".

— É.

— O que quer dizer?

— Deus responde às preces.

— É mesmo bonito. Sabes, Nia é um nome suáli. Mudei o meu nome aos dezoito anos. Passei três anos na Tanzânia. Foi do caralho, incrível.

— Oh—disse eu, e abanei a cabeça; ela, uma negra americana, tinha escolhido um nome africano, enquanto que o meu marido me tinha feito mudar o meu para um nome inglês.

— Deves estar chateada de morte naquele apartamento; eu sei que o Dave volta bastante tarde—disse ela.—Vem tomar uma Coca-Cola comigo.

Hesitei, mas Nia já estava a dirigir-se para as escadas. Eu segui-a. A sala de estar dela era de uma elegância minimalista: um sofá vermelho, uma planta esguia num vaso, uma enorme máscara de madeira pendurada na parede. Deu-me uma Diet Coke num copo alto com gelo, perguntou como eu me estava a adaptar à vida na América, ofereceu-se para me mostrar Brooklyn.

— Mas tem de ser a uma segunda-feira—disse.—Eu não trabalho às segundas.

— O que é que fazes?

— Tenho um salão de cabeleireiro.

— O teu cabelo é lindo—disse eu, e ela pôs-lhe a mão e disse:—Oh, isto—como se não pensasse grande coisa dele. Não era só o cabelo dela, apanhado no cimo da cabeça num tufo afro natural, que eu achava lindo, era a pele dela, da cor de amendoins torrados, os seus olhos misteriosos, de pálpebras pesadas, a curva das suas ancas. Tinha posto a música um bocado alta, por isso tínhamos de levantar a voz.

— Sabes, a minha irmã é gerente no Macys—disse ela.—Estão a contratar empregadas de balcão sem experiência na secção de moda feminina, por isso, se te interessar, eu posso dar-lhe uma palavrinha e tu tens praticamente emprego garantido. Ela deve-me um favor.

Algo se agitou dentro de mim perante aquela ideia, a ideia súbita e nova de ganhar dinheiro só meu. Meu.

— Ainda não tenho o visto de trabalho—disse eu.

— Mas o Dave já o pediu?

— Já.

— Não deve levar muito tempo; deves tê-lo pelo menos antes do inverno. Eu tenho uma amiga do Haiti que acabou de receber o dela. Diz-me, mal o tenhas.

— Obrigada—disse eu. Apetecia-me abraçar Nia.—Obrigada.

Nessa noite falei ao meu novo marido sobre Nia. Ele tinha os olhos encovados de cansaço, depois de tantas horas no trabalho, e disse:—A Nia?—como se não soubesse a quem eu me referia, antes de acrescentar:—Ela é fixe, mas tem cuidado, porque pode ser uma má influência.

Nia começou a aparecer depois do trabalho, bebia uma lata de refrigerante de dieta que trazia e ficava a ver-me cozinhar. Eu desligava o ar condicionado e abria a janela para deixar entrar o ar quente, para ela poder fumar. Falava-me sobre as mulheres no seu salão de cabeleireiro e sobre os homens com quem saía. Salpicava a sua conversa normal com substantivos como "clítoris" e o verbo "foder". Eu gostava de a ouvir falar. Gostava da maneira como, ao sorrir, ela mostrava um dente lascado, ao qual faltava um triângulo perfeito no rebordo. Ia-se sempre embora antes de o meu novo marido voltar para casa.

O inverno apanhou-me de surpresa. Numa manhã, saí do prédio e fiquei sem fôlego. Era como se Deus estivesse a rasgar lenços de papel brancos e a atirá-los cá para baixo. Fiquei ali parada a olhar para a primeira neve da minha vida, para os flocos voltejantes, durante muito, muito tempo, até dar meia-volta e regressar ao apartamento.

Esfreguei o chão da cozinha outra vez, recortei mais cupões do catálogo do Key Food que recebíamos pelo correio e depois sentei-me junto à janela a ver aquele rasgar de lenços de papel de Deus tornar-se cada vez mais frenético. Tinha chegado o inverno e eu ainda estava desempregada. Quando o meu marido voltou para casa ao fim do dia, pus-lhe as batatas fritas e o frango frito à frente e disse:—Pensei que nesta altura já teria o meu visto de trabalho.

Ele comeu umas batatas fritas gordurosas antes de responder. Agora, já só falávamos em inglês; ele não sabia que eu falava em igbo comigo própria enquanto cozinhasse, que tinha ensinado Nia a dizer "Tenho fome" e "Até amanhã" em igbo.

— A mulher americana com quem casei para arranjar a autorização de residência anda-me a dar problemas—disse ele, e cortou lentamente um pedaço de frango em duas partes. Tinha papos debaixo dos olhos.—O nosso processo de divórcio já estava praticamente finalizado, mas não completamente, antes de eu casar contigo na Nigéria.

Era só um pormenor, mas ela descobriu e agora está a ameaçar denunciar-me aos Serviços de Imigração. Quer mais dinheiro.

— Tu foste casado antes?—disse eu. Entrelacei os dedos, porque tinham-me começado a tremer as mãos.

— Passas-me isso, por favor?—pediu ele, apontando para a limonada que eu tinha feito.

— O jarro.

— A caneca. Os Americanos dizem caneca, não jarro.

Empurrei o jarro (caneca) na sua direção. Sentia umas batidas fortes na cabeça que me enchiam os ouvidos com um líquido escaldante.—Tu foste casado antes?

— Foi só no papel. Aqui, muita da nossa gente é o que faz. É um negócio, paga-se a uma mulher e ambos metem os papéis, mas às vezes as coisas correm mal e ela recusa o divórcio ou decide fazer chantagem.

Puxei o montinho de cupões para mim e comecei a rasgá-los a meio, um a um.—Ofodile, devias ter-me dito antes.

Ele encolheu os ombros.—Eu ia-te dizer.

— Eu merecia saber antes de casarmos—disse eu. Afundei-me na cadeira em frente a ele, lentamente, como se a cadeira pudesse partir-se se eu não tivesse cuidado.

— Não teria feito qualquer diferença. O teu tio e a tua tia já tinham decidido. Ias dizer que não a umas pessoas que tomaram conta de ti desde que os teus pais morreram?

Eu continuei a fitá-lo em silêncio, rasgando os cupões em pedacinhos cada vez mais pequenos; imagens despedaçadas de detergentes e de embalagens de carne e de rolos de papel de cozinha tombavam no chão.

— Além disso, da maneira como as coisas estão na Nigéria, o que é que tu terias feito?—perguntou ele num tom inexpressivo.—Não andam pessoas com mestrados pelas ruas, desempregadas?

— Porque é que tu te casaste comigo?—perguntei eu.

— Eu queria uma esposa nigeriana e a minha mãe disse que tu eras boa rapariga, sossegada. Disse que até eras capaz de ser virgem—disse ele, e sorriu. Parecia ainda mais cansado ao sorrir.—Provavelmente, devia dizer-lhe que afinal estava enganada.

Atirei mais cupões para o chão, apertei as mãos e cravei as unhas na pele.

— Fiquei contente quando vi a tua fotografia—disse ele, estalando os lábios.—Tinhas a pele clara. Eu tinha de pensar no aspeto dos meus filhos. Os negros de pele clara saem-se melhor na América.

Fiquei a vê-lo comer o resto do frango panado e reparei que não acabava de mastigar antes de beber um gole de água.

Nessa noite, enquanto ele tomava um duche, eu pus as roupas que ele não me tinha comprado, dois boubous bordados e um cafetã, peças que eu tinha herdado da Titi Ada, na mala de plástico que tinha trazido da Nigéria e fui para o apartamento de Nia.

Nia fez-me chá, com leite e açúcar, e sentou-se comigo à mesa de jantar redonda, que tinha três bancos altos à volta.

— Se queres telefonar à tua família na Nigéria, podes falar daqui. Fala o tempo que quiseres; eu arranjei um novo tarifário da Bell Atlantic.

— Não tenho ninguém com quem falar na minha terra—disse eu, fitando o rosto em forma de pera da escultura na prateleira de madeira. Os seus olhos vazios retribuíram-me o olhar.

— E a tua tia?—perguntou Nia.

Abanei a cabeça.—Deixaste o teu marido?—guincharia a Titi Ada.—Estás louca? Deita-se fora um ovo de galinha do mato? Sabes quantas mulheres dariam ambos os olhos por um médico na América? Por um marido, fosse ele quem fosse? E o Tio Ike ia berrar-me pela minha ingratidão, pela minha estupidez, com o punho e o rosto fechados, antes de atirar com o telefone.

— Ele devia ter-te contado do casamento, mas não foi um casamento a sério, Chinaza—disse Nia.— Eu li um livro que diz que não nos apaixonamos, construímos o amor.

Talvez se dessem tempo...

— Não tem a ver com isso.

— Eu sei—disse Nia com um suspiro.— Só estava a tentar ser positiva, foda-se. Tinhas alguém lá na tua terra?

— Tive em tempos, mas ele era muito novo e não tinha dinheiro.

— Parece mesmo fodido.

Mexi o chá, embora não precisasse.— Pergunto-me porque é que o meu marido tinha de arranjar uma esposa na Nigéria.

— Tu nunca dizes o nome dele, nunca dizes Dave. É uma questão cultural?

— Não—disse eu. Olhei para baixo, para o individual de tecido impermeável. Apetecia-me dizer que era porque não sabia o seu nome, porque não o conhecia.

— Chegaste a conhecer a mulher com quem ele casou? Ou conheceste-lhe alguma das namoradas?— perguntei.

Nia desviou o olhar. O tipo de atitude que diz muito, que quer dizer muito. O silêncio entre nós prolongou-se.

— Nia?—disse eu por fim.

— Fodi com ele, há quase dois anos, quando ele se mudou para cá. Fodi com ele, mas ao fim de uma semana estava tudo acabado. Nunca chegámos a namorar. Nunca o vi a namorar com ninguém.

— Oh—disse eu, e bebi um gole do chá com leite e açúcar.

— Tinha de ser sincera contigo, de pôr tudo em pratos limpos.

— Pois—disse eu. Levantei-me para olhar lá para fora pela janela. O mundo lá fora parecia mumificado debaixo de um lençol de brancura morta. Os passeios tinham montes de neve da altura de uma criança de seis anos.

— Podes esperar até teres os papéis e depois deixá-lo—disse Nia.— Podes pedir subsídio enquanto organizas as tuas merdas e depois arranjas um emprego para te sustentares e começas de novo. Isto é a porra dos Estados Unidos da América, por amor de Deus.

Nia veio pôr-se ao meu lado à janela. Tinha razão, eu não podia ir-me já embora. Voltei a atravessar o átrio na noite seguinte. Toquei à campainha e ele abriu a porta, afastou-se e deixou-me passar.

AMANHÃ É DEMASIADO TARDE

Foi o último verão que passaste na Nigéria, o verão antes do divórcio dos teus pais, antes de a tua mãe jurar que nunca mais porias os pés na Nigéria para ver a família do teu pai, especialmente a Vovó. Lembraste claramente do calor daquele verão, mesmo agora, dezoito anos depois—como o quintal da Vovó parecia quente e húmido, um quintal com tantas árvores que o fio do telefone estava emaranhado nas folhas e ramos diferentes entrelaçavam-se uns nos outros e às vezes apareciam mangas nas árvores de caju e goiabas nas mangueiras. O tapete espesso de folhas em decomposição era um lamaçal debaixo dos teus pés descalços. À tarde, abelhas de barriga amarela zuniam à volta da tua cabeça e das cabeças do teu irmão Nonso e do teu primo Dozie, e ao fim da tarde a tua Vovó só deixava o teu irmão Nonso trepar às árvores para sacudir um ramo carregado de fruta, embora tu trepasses melhor do que ele. Choviam os frutos, abacates e cajus e goiabas, e tu e o teu primo Dozie enchiam baldes velhos com eles.

Foi no verão em que a Vovó ensinou Nonso a colher cocos. Era difícil trepar aos coqueiros, pois não tinham ramos e eram tão altos, e a Vovó deu a Nonso um pau comprido e mostrou-lhe como empurrar os frutos para baixo. Não te mostrou a ti, porque disse que as raparigas nunca colhiam cocos. A Vovó rachava os cocos contra uma pedra, com cuidado, para o leite aguado ficar na parte de baixo, uma taça com um rebordo irregular. Toda a gente provava o leite arrefecido pelo vento, mesmo as crianças do fundo da rua que vinham brincar, e a Vovó presidia ao ritual da prova para se assegurar de que Nonso era o primeiro.

Foi no verão em que perguntaste à Vovó porque é que Nonso provava primeiro, embora Dozie tivesse treze anos, um ano mais velho do que Nonso, e a Vovó disse que Nonso era o único filho do filho dela, o que manteria o apelido Nnabuisi, enquanto que Dozie era só um nwadiana, filho da filha dela. Foi no verão em que encontraste a pele de uma serpente no relvado, inteira e transparente como meias de vidro, e a Vovó disse que a serpente se chamava echi eteka, "Amanhã É Demasiado Longe". Uma mordida, disse ela, e está tudo acabado em dez minutos.

Não foi nesse verão que te apaixonaste pelo teu primo Dozie, porque isso tinha acontecido alguns verões antes, quando ele tinha dez anos e tu sete e ambos se enfiaram no espaço minúsculo por trás da garagem da Vovó e tentaram meter o que ambos chamavam a "banana" dele no que ambos chamavam o teu "tomate", mas nenhum dos dois tinha a certeza de qual era o buraco certo. Mas foi nesse verão que apanhaste piolhos e que tu e o teu primo Dozie enterravam as mãos na tua cabeleira espessa para encontrar os minúsculos insetos pretos e os esmagar entre as unhas e rir com o estalido das suas barrigas cheias de sangue a rebentarem; o verão em que o teu ódio pelo teu irmão Nonso cresceu tanto que sentias que te apertava as narinas, e em que o teu amor pelo teu primo Dozie inchou e te envolveu toda a pele.

Foi no verão em que viste uma mangueira fender-se em duas metades quase perfeitas durante uma trovoadas, quando os relâmpagos traçavam linhas de fogo no céu.

Foi no verão em que Nonso morreu.

* * *

A Vovó não lhe chamava verão. Ninguém o fazia na Nigéria. Era agosto, encaixado entre a estação das chuvas e a estação do harmatão. Podia chover a cântaros todo o dia, chuva prateada a molhar a varanda onde tu e Nonso e Dozie espantavam os mosquitos à palmada e comiam milho assado; ou o sol cegava de tão forte e tu flutuavas no reservatório de água que a Vovó tinha serrado a meio, uma piscina improvisada. O tempo estava ameno no dia em que Nonso morreu; uns chuviscos de manhã, um sol morno à tarde e, ao fim do dia, a morte de Nonso. A Vovó gritou-lhe—gritou ao seu corpo sem vida—dizendo i laputago m, que ele a tinha traído, perguntando-lhe quem manteria agora o apelido Nnabuisi, quem

protegeria a linhagem da família.

Os vizinhos vieram lá a casa quando a ouviram. Foi a senhora da casa do outro lado da estrada—aquela cujo cão remexia no caixote do lixo da Vovó de manhã—que fez os teus lábios dormentes pronunciarem o número de telefone americano e que telefonou à tua mãe. Foi também essa vizinha que separou a tua mão da de Dozie, te fez sentar e te deu água. A vizinha tentou abraçar-te com força para não ouvires o que a Vovó dizia à tua mãe ao telefone, mas tu soltaste-te da vizinha e aproximaste-te do telefone. A Vovó e a tua mãe estavam concentradas no corpo de Nonso em vez de na sua morte. A tua mãe estava a insistir que o corpo de Nonso fosse enviado de avião para a América imediatamente e a Vovó estava a repetir as palavras da tua mãe e a abanar a cabeça. A loucura espreitava nos seus olhos.

Tu sabias que a Vovó nunca tinha gostado da tua mãe. (Tinhas ouvido a Vovó dizer isto alguns verões antes à sua amiga: "Aquela negra americana atou o meu filho e meteu-o ao bolso.") Mas ao ver a Vovó ao telefone, compreendeste que ela e a tua mãe estavam unidas. Tinhas a certeza de que a tua mãe tinha a mesma loucura vermelha nos olhos.

Quando falaste com a tua mãe, a voz dela ecoou na linha de uma maneira que nunca tinha acontecido em todos os anos em que tu e Nonso passaram o verão com a Vovó.

Estás bem? perguntava-te repetidamente. Estás bem? Parecia estar com medo, como se suspeitasse que tu estavas bem, apesar da morte de Nonso. Tu mexias no fio do telefone e pouco dizias. Ela disse que ia mandar recado ao teu pai, embora ele estivesse algures numa floresta a assistir a um festival de Arte Negra onde não havia telefones nem rádios. Finalmente, soltou um soluço áspero, um soluço como o latido de um cão, antes de te dizer que ia ficar tudo bem e que ia arranjar maneira de o corpo de Nonso ser enviado para a América. Fez-te pensar no riso dela, um riso ho-ho-ho que começava lá no fundo da barriga dela e não ficava mais moderado ao chegar cá acima e não se adequava de todo ao seu corpo delgado. Quando ela ia ao quarto de Nonso dar-lhes as boas-noites, saía sempre a rir aquele riso. Na maior parte das vezes, tu tapavas as orelhas com as palmas das mãos para não ouvir, e mantinhas as palmas das mãos nas orelhas mesmo quando ela entrava no teu quarto para te dizer Boa-noite, querida, dorme bem. Nunca saía do teu quarto com aquele riso.

Depois do telefonema, a Vovó ficou deitada de costas no chão, sem pestanejar, a rolar de um lado para o outro como se estivesse a brincar a um jogo pateta qualquer.

Disse que era errado mandar o corpo de Nonso para a América, que o seu espírito pairaria sempre aqui. Ele pertencia a esta terra dura que não conseguira absorver o choque da sua queda. Ele pertencia às árvores daqui, uma das quais o tinha largado. Ficaste sentada a olhar para ela e primeiro desejaste que ela se levantasse e te tomasse nos braços e depois desejaste que não o fizesse.

Passaram dezoito anos e as árvores no quintal da Vovó parecem não ter mudado; os seus ramos ainda se estendem e se entrelaçam, ainda lançam sombras sobre o quintal.

Mas tudo o resto parece mais pequeno: a casa, o jardim nas traseiras, o reservatório da cor do cobre por causa da ferrugem. Até a sepultura da Vovó no quintal das traseiras parece minúscula, e imaginas o seu corpo dobrado para caber no caixão pequeno. A sepultura está coberta com uma camada fina de cimento; a terra à sua volta foi cavada recentemente e tu pões-te ao lado dela e imagina-la daqui a dez anos, por tratar, com ervas daninhas emaranhadas a cobrirem o cimento, a sufocarem a sepultura.

Dozie está a observar-te. No aeroporto, abraçou-te de forma reservada, desejou-te as boas-vindas e disse que era uma surpresa teres voltado e tu fitaste o seu rosto durante muito tempo no átrio movimentado do aeroporto até ele desviar os olhos, aqueles olhos castanhos e tristes como os do caniche da tua amiga. Não precisavas daquele olhar para saber que o segredo de como Nonso morreu está seguro com Dozie, sempre esteve seguro com Dozie. Enquanto ele te levava de carro à casa da Vovó, perguntou-te como estava a tua mãe e tu disseste-lhe que a tua mãe vivia agora na Califórnia; não mencionaste que

vivia numa comuna entre pessoas com a cabeça rapada e piercings no peito, ou que quando ela te telefonava desligavas sempre enquanto ela ainda estava a falar.

Diriges-te para o abacateiro. Dozie continua a observar-te e tu olhas para ele e tentas recordar o amor que te entupia tão completamente naquele verão dos teus dez anos, que te fez segurar com força a mão de Dozie naquela tarde depois de Nonso morrer, quando a mãe de Dozie, a tua Titi Mgbechibeli, veio buscá-lo. Há um sofrimento delicado nas linhas da sua testa, uma melancolia na maneira como fica parado, com os braços caídos. Perguntaste subitamente se também ele tinha o mesmo anseio, como tu. Nunca soubeste o que estava por detrás do seu sorriso calmo, nas alturas em que ele se sentava tão imóvel que as moscas da fruta vinham pousar-lhe nos braços, o que estava por detrás dos desenhos que ele te dava e dos pássaros que ele tinha em gaiolas de cartão, afagando-os até morrerem. Perguntaste o que é que ele sentiria, se é que sentia alguma coisa, por ser o neto errado, o que não tinha o nome Nnabuisi.

Estendes a mão para tocar no tronco do abacateiro no momento em que Dozie começa a dizer alguma coisa, sobressaltando-te porque pensas que ele vai falar da morte de Nonso, mas ele diz-te que nunca imaginou que regressarias para te despedires da Vó, porque ele sabia o quanto a odiavas. Essa palavra—"odiar"—fica suspensa no ar entre ambos como uma acusação. Queres dizer-lhe que quando ele te telefonou para Nova Iorque, a primeira vez que ouvias a sua voz em dezoito anos, para te dizer que a Vó tinha morrido—Pensei que quisesses saber, foram as suas palavras—encostaste-te à secretária do teu escritório, as tuas pernas ficaram bambas, uma vida inteira de silêncio a desmoronar-se, e não foi na Vó que pensaste, foi em Nonso, e foi nele, Dozie, e foi no abacateiro e foi naquele verão húmido no reino amoral da tua infância e foi em todas as coisas em que não te tinhas permitido pensar, que tinhas alisado até não passarem de folha fina e guardado.

Mas não dizes nada e pressionas as palmas das tuas mãos com força contra o tronco rugoso da árvore. A dor acalma-te. Lembraste de comer os abacates; gostavas de os comer com sal e Nonso não gostava de os comer com sal e a Vó ria sempre e dizia que tu não sabias o que era bom quando dizias que o abacate sem sal te provocava enjoos.

No funeral de Nonso num cemitério frio da Virgínia, com pedras lapidares que se projetavam de forma obscena, a tua mãe estava de preto desmaiado da cabeça aos pés, até com um véu, o que fazia a sua pele cor de canela resplandecer. O teu pai manteve-se afastado de ambas, no seu dashiki habitual, com conchas da cor do leite enroladas à volta do pescoço. Dava a ideia de não ser da família, de ser um dos conhecidos que fungavam alto, e mais tarde perguntavam à tua mãe num murmúrio exatamente como é que Nonso tinha morrido, exatamente como é que tinha caído de uma das árvores a que trepava desde pequeno.

A tua mãe não lhes disse nada, a todas aquelas pessoas que lhe faziam perguntas. Também não te disse nada a ti, sobre Nonso, nem quando limpou o quarto dele e arrumou as suas coisas. Não te perguntou se querias ficar com alguma coisa e tu sentiste-te aliviada. Não querias ficar com nenhum dos livros dele com a sua letra que a tua mãe dizia que era mais bonita do que frases escritas à máquina. Não querias as suas fotografias de pombos no parque, que o teu pai dizia que eram muito promissoras para uma criança. Não querias as suas pinturas, que eram meras cópias das do teu pai, mas em cores diferentes. Ou as suas roupas. Ou a sua coleção de selos.

A tua mãe falou de Nonso, por fim, três meses depois do funeral, quando te informou do divórcio. Disse que o divórcio não tinha a ver com Nonso, que ela e o teu pai há muito tempo que vinham a afastar-se. (O teu pai estava em Zanzibar na altura; tinha partido logo a seguir ao funeral de Nonso.) Depois, a tua mãe perguntou: Como morreu o Nonso?

Ainda te perguntas como é que aquelas palavras te saíram da boca. Continuas a não reconhecer a

criança de olhos límpidos que tu eras. Talvez fosse por causa da maneira como ela disse que o divórcio não tinha a ver com Nonso—como se Nonso fosse o único capaz de ser uma razão, como se tu não estivesses sequer em jogo. Ou talvez fosse simplesmente o facto de sentires o desejo ardente que ainda sentes por vezes, a necessidade de alisar rugas, de espalmar coisas que achas demasiado irregulares.

Disseste à tua mãe, num tom adequadamente relutante, que a Vovó tinha pedido a Nonso para trepar ao ramo mais alto do abacateiro para lhe mostrar que era um homem a sério. Depois pregou-lhe um susto—era uma brincadeira, garantiste à tua mãe—dizendo-lhe que havia uma serpente, a echi eteka, no ramo junto a ele. Disse-lhe que não se mexesse. É claro que ele se mexeu e escorregou do ramo e quando caiu ao chão o som foi como muitos frutos a caírem ao mesmo tempo. Um baque surdo, final.

A Vovó ficou parada a olhar fixamente para ele e depois começou a berrar-lhe, a dizer que ele era o único filho, que tinha traído a linhagem ao morrer, que os antepassados ficariam desagradados. Ele estava a respirar, disseste à tua mãe. Estava a respirar quando caiu, mas a Vovó ficou só ali a berrar ao seu corpo partido até ele morrer.

A tua mãe começou aos gritos. E tu perguntaste-te se as pessoas gritavam daquela maneira louca quando tinham acabado de optar por rejeitar a verdade. Ela sabia perfeitamente que Nonso tinha batido com a cabeça numa pedra e morrera instantaneamente—tinha visto o seu corpo, a cabeça rachada. Mas optou por acreditar que Nonso ainda estava vivo depois de cair. Gritou, uivou e amaldiçoou o dia em que tinha posto os olhos no teu pai na primeira exposição das pinturas dele. Depois telefonou-lhe, ouviste-a berrar-lhe ao telefone: A tua mãe é responsável! Ela fê-lo entrar em pânico e cair! Ela podia ter feito alguma coisa depois, mas em vez disso ficou ali como a africana fetichista e estúpida que é e deixou-o morrer!

O teu pai falou contigo mais tarde, e disse que compreendia que era muito difícil para ti, mas que tinhas de ter cuidado com o que dizias, para não causares mais dor. E tu pensaste nas palavras dele—e perguntaste-te se ele saberia que estavas a mentir.

Aquele verão, há dezoito anos, foi o verão da tua primeira revelação. O verão em que compreendeste que alguma coisa tinha de acontecer a Nonso para tu poderes sobreviver.

Mesmo aos dez anos, sabias que algumas pessoas podiam ocupar demasiado espaço simplesmente por existirem, que, por existirem, algumas pessoas podem sufocar outras.

A ideia de assustar Nonso com a echi eteka foi só tua. Mas explicaste-a a Dozie, explicaste que ambos precisavam que Nonso se magoasse—talvez que ficasse deficiente, que torcesse as pernas. Querias estragar a perfeição do seu corpo flexível, torná-lo menos adorável, menos capaz de fazer tudo o que fazia. Menos capaz de ocupar o teu espaço. Dozie não disse nada e limitou-se a fazer um desenho de ti com os teus olhos em forma de estrela.

A Vovó estava lá para dentro a cozinhar e Dozie estava de pé em silêncio junto a ti, com os vossos ombros a tocarem-se, quando sugeriste a Nonso que trepasse até ao cimo do abacateiro. Era fácil levá-lo a fazê-lo; só tinhas de lhe lembrar que trepavas às árvores melhor do que ele. E realmente tu trepavas melhor às árvores, eras capaz de escalar uma árvore, qualquer árvore, em segundos—eras melhor nas coisas que não precisavam de ser ensinadas, nas coisas que a Vovó não podia ensinar-te.

Disseste-lhe que fosse primeiro, para ver se ele conseguia chegar ao ramo mais alto do abacateiro antes de tu o seguires. Os ramos eram fracos e Nonso era mais pesado do que tu. Pesado daquela comida toda que a Vovó o fazia comer. Come um bocadinho mais, dizia ela muitas vezes. Para quem pensas que fiz a comida? Como se tu não estivesses lá. Por vezes, ela dava-te uma palmadinha nas costas e dizia em igbo, É bom que aprendas, nne, é assim que vais tomar conta do teu marido um dia.

Nonso trepou à árvore. Cada vez mais alto. Tu esperaste até ele estar quase no cimo, até as suas pernas hesitarem antes de treparem, a medo, um pouco mais alto.

Esperaste por aquele breve instante em que ele estava entre movimentos. Um instante aberto, um instante em que viste o azul de tudo, da própria vida—o azul puro de uma das pinturas do teu pai, da oportunidade, de um céu lavado por uma chuvada matinal. E depois gritaste:—Uma serpente! É a echi eteka! Uma serpente! Não sabias bem se havias de dizer que a serpente estava num ramo perto dele ou a rastejar pelo tronco. Mas não importava, porque, naqueles breves segundos, Nonso olhou para baixo, para ti, e soltou-se, o pé escorregou-lhe, os braços soltaram-se. Ou talvez fosse a árvore que rejeitasse Nonso.

Não te recordas agora de quanto tempo ficaste a olhar para Nonso antes de entrares em casa para chamar a Vovó, com Dozie durante todo o tempo em silêncio ao teu lado.

A palavra de Dozie—"odiar"—flutua-te agora na cabeça. Odiar. Odiar. Odiar. A palavra dificulta-te a respiração, como foi difícil respirares enquanto esperavas, naqueles meses depois de Nonso morrer, que a tua mãe reparasse que tinhas uma voz pura como a água e pernas como elásticos, que a tua mãe acabasse as visitas de boas-noites ao teu quarto com aquele riso profundo, ho-ho-ho. Em vez disso, abraçava-te delicadamente quando te desejava boa-noite, falando sempre em murmúrios, e tu começaste a evitar os seus beijos, fazendo de conta que tinhas de tossir ou de espirrar. Ano após ano, enquanto ela te levava de estado em estado, acendendo lâmpadas vermelhas no seu quarto, proibindo qualquer menção à Nigéria ou à Vovó, recusando-se a deixar-te ver o teu pai, nunca mais riu aquele riso.

Dozie fala agora, diz-te que começou a sonhar com Nonso há uns anos, sonhos em que Nonso é mais velho e mais alto do que ele, e tu ouves fruta a cair de uma árvore perto e perguntas-lhe, sem te voltares, O que é que tu querias, naquele verão, o que é que tu querias?

Não sabes quando Dozie avança, quando se vem pôr por trás de ti, tão perto que sentes um cheiro cítrico nele, talvez tenha descascado uma laranja e não tenha lavado as mãos depois. Ele vira-te para si e olha para ti e tu olhas para ele e há linhas finas na sua testa e uma nova dureza nos seus olhos. Ele diz-te que não lhe passou pela cabeça querer nada, porque o que importava era o que tu querias. Há um longo silêncio enquanto observas a coluna de formigas pretas a dirigir-se para o tronco, cada formiga transporta um pedacinho de algodão branco, criando um padrão a preto e branco. Ele pergunta-te se sonhavas como ele e tu dizes que não, os teus olhos evitam os dele, e ele desvia-se de ti. Queres falar-lhe da dor que sentiste no peito e do vazio nos ouvidos e do ar agitado depois do seu telefonema, das portas abertas de par em par e das coisas espalmadas que voltaram a ganhar a sua forma, mas ele está a afastar-se. E tu estás a chorar, sozinha debaixo do abacateiro.

A HISTORIADORA OBSTINADA

Muitos anos depois de o seu marido morrer, Nwamgba ainda fechava os olhos de tempos a tempos para reviver as visitas noturnas dele à sua cubata e as manhãs seguintes, quando ela ia até ao ribeiro a trautear uma canção, pensando no seu cheiro a fumo, na firmeza do seu peso, aqueles segredos que partilhava consigo própria, e sentindo-se como se estivesse rodeada de luz. Outras recordações de Obierika mantinham-se nítidas—os seus dedos grossos à volta da flauta quando tocava ao fim da tarde, o seu prazer quando ela lhe punha a tigela de comida à frente, as suas costas suadas quando regressava com cestos cheios de barro fresco para a olaria dela. Desde o momento em que o viu pela primeira vez num combate de luta livre, ambos a olharem fixamente um para o outro, ambos demasiado jovens, ela ainda sem usar o pano da menstruação à cintura, tinha acreditado com uma teimosia calma que o chi dela e o chi dele tinham destinado o seu casamento e, por isso, quando ele veio falar com o pai dela alguns anos depois, trazendo bilhas de vinho de palma e acompanhado pelos seus parentes, ela disse à sua mãe que aquele era o homem com quem casaria.

A mãe ficou chocada. Nwamgba não sabia que Obierika era filho único, que o seu falecido pai era um filho único cujas mulheres tinham tido abortos espontâneos e sepultado bebés? Talvez alguém na família dele tivesse cometido o tabu de vender uma rapariga como escrava e o deus da terra Ani estivesse a lançar infortúnios sobre eles.

Nwamgba ignorou as palavras da mãe. Foi ao obi do seu pai e disse-lhe que fugiria da casa de qualquer outro homem se não a autorizassem a casar com Obierika. O seu pai achava-a cansativa, esta filha teimosa e de língua afiada que uma vez tinha derrubado o irmão numa luta. (Depois, o pai tinha avisado toda a gente para não deixar que a notícia de que a rapariga tinha vencido um rapaz saísse do povoado.) Também a ele preocupava a infertilidade da família de Obierika, mas não era uma má família: o falecido pai de Obierika tinha tomado o título de ozo; Obierika já andava a dar as suas sementes de inhame a rendeiros. Nwamgba não se sairia nada mal se casasse com ele. Além disso, era melhor que ele a deixasse casar com o homem da sua escolha, para lhe poupar anos de problemas se ela andasse sempre a voltar para casa depois de conflitos com os sogros. E, assim, deu-lhe a sua bênção e ela sorriu e chamou-lhe pelo seu nome de louvor.

Para pagar o seu preço de noiva, Obierika veio com dois primos do lado materno, que eram como irmãos para ele. Nwamgba detestou-os logo à primeira vista. Viu uma inveja gananciosa nos seus olhos naquela tarde, enquanto bebiam vinho de palma no obi do seu pai, e nos anos seguintes, anos em que Obierika adquiriu novos títulos e alargou os seus domínios e vendeu os seus inhames a estranhos de terras longínquas, viu a inveja deles escurecer ainda mais. Mas tolerava-os, porque eles eram importantes para Obierika, porque ele fazia de conta que não reparava que eles não trabalhavam e vinham ter com ele a pedir-lhe inhames e galinhas, porque ele queria imaginar que tinha irmãos. Foram eles que insistiram, depois do terceiro aborto de Nwamgba, que ele casasse com outra mulher. Obierika disse que ia pensar no assunto, mas quando ele e Nwamgba ficaram sozinhos na cubata dela à noite, ele disse-lhe que tinha a certeza de que teriam uma casa cheia de filhos, e que ele não casaria com outra mulher até serem ambos velhos, para terem alguém que tomasse conta deles. Ela achou isto estranho da parte dele, um homem próspero só com uma mulher, e preocupava-se mais do que ele com o facto de não terem filhos, com as cantigas que as pessoas cantavam, palavras melodiosas e maldosas. Ela vendeu o seu ventre.

Ela comeu o pénis dele. Ele toca flauta e passa-lhe a fortuna para as mãos.

Uma vez, numa festa ao luar, com a praça cheia de mulheres a contar histórias e a aprender novas

danças, um grupo de moças viu Nwamgba e começou a cantar, com os seus seios agressivos a apontarem para ela. Ela parou e perguntou se elas não se importavam de cantar um pouco mais alto para ela conseguir ouvir as palavras e depois mostrar-lhes qual era a maior de duas tartarugas. Elas pararam de cantar. Ela gostou de as ver com medo, da maneira como recuaram à sua aproximação, mas foi então que decidiu arranjar ela própria uma esposa para Obierika.

Nwamgba gostava de ir ao ribeiro Oyi, de desapertar o pano da cintura e de descer a encosta até ao caudal prateado de água que jorrava de uma rocha. As águas de Oyi eram mais frescas do que as do outro ribeiro, Ogalanya, ou talvez simplesmente se sentisse reconfortada pelo santuário da deusa Oyi, escondido num canto; em criança, tinha aprendido que Oyi era a protetora das mulheres, a razão por que as mulheres não eram vendidas como escravas. A sua melhor amiga, Ayaju, já estava no ribeiro e enquanto Nwamgba a ajudava a pôr a bilha à cabeça, perguntou-lhe quem poderia ser uma boa segunda esposa para Obierika.

Ela e Ayaju tinham crescido juntas e haviam casado com homens do mesmo clã. A diferença entre elas, no entanto, era que Ayaju descendia de escravos; o seu pai tinha sido trazido como escravo depois de uma guerra. Ayaju não gostava do seu marido, Okenwa, que, dizia ela, se parecia com uma ratazana e cheirava a ratazana, mas as suas perspetivas de casamento eram limitadas; nenhum homem de uma família nascida livre teria vindo pedir a sua mão. As pernas compridas e o corpo ágil de Ayaju tinham a marca de muitas jornadas de mercadora; tinha viajado até para além de Onicha. Foi ela quem primeiro trouxe as lendas dos estranhos costumes dos mercadores igala e edo, ela quem primeiro falou dos homens de pele branca que chegavam a Onicha com espelhos e tecidos e as maiores armas que as pessoas daquelas partes já tinham visto. Este cosmopolitismo granjeava-lhe respeito e ela era a única pessoa de ascendência escrava que falava em voz alta no Conselho das Mulheres, a única pessoa que tinha resposta para tudo.

E, assim, sugeriu prontamente para segunda esposa de Obierika a jovem da família Okonkwo; a moça tinha umas belas ancas largas e era respeitosa, nada como as jovens de hoje em dia, que tinham a cabeça cheia de tolices. No regresso do ribeiro para casa, Ayaju disse que talvez Nwamgba devesse fazer o que outras mulheres na sua situação faziam—arranjar um amante e engravidar para dar continuidade à linhagem de Obierika. A resposta de Nwamgba foi ríspida, porque não lhe agradou o tom de Ayaju, que sugeria que Obierika era impotente, e, como que em resposta aos seus pensamentos, sentiu uma pontada forte nas costas e soube que estava outra vez grávida, mas não disse nada, porque também sabia que voltaria a perder o bebé.

O aborto aconteceu algumas semanas depois, o sangue com coágulos a escorrer-lhe pelas pernas. Obierika reconfortou-a e sugeriu que fossem ao famoso oráculo, Kisa, logo que ela estivesse suficientemente recomposta para a viagem de meio dia. Depois de o dibia consultar o oráculo, Nwamgba ficou horrorizada com a ideia de sacrificar uma vaca inteira; não havia dúvida de que Obierika tinha antepassados gananciosos. Mas fizeram as purificações rituais e os sacrifícios, e quando ela sugeriu que ele fosse falar com a família Okonkwo sobre a sua filha, ele adiou e adiou até outra pontada aguda lhe trespassar as costas; e meses depois lá estava ela em cima de um monte de folhas de bananeira acabadas de lavar por trás da sua cubata, a fazer força e a puxar até o bebé deslizar para fora.

* * *

Chamaram-lhe Anikwenwa: o deus da terra, Ani, tinha-lhes finalmente concedido um filho. Era escuro e robusto e tinha a curiosidade alegre de Obierika. Obierika levava-o a colher ervas medicinais, a ir buscar barro para a olaria de Nwamgba, a torcer trepadeiras de inhame na horta. Os primos de Obierika, Okafo e Okoye, visitavam-nos com demasiada frequência. Maravilhavam-se por Anikwenwa

tocar tão bem flauta, por aprender poesia e táticas de luta livre com o seu pai tão rapidamente, mas Nwamgba via o brilho de malevolência que os seus sorrisos não conseguiam esconder. Receava pelo seu filho e pelo seu marido, e quando Obierika morreu—um homem que estava bem-disposto, a rir e a beber vinho de palma, momentos antes de tombar para o lado—ela soube que eles o tinham matado com alguma droga. Agarrou-se ao seu cadáver até uma vizinha lhe dar umas bofetadas para a obrigar a largá-lo; ficou deitada nas cinzas frias durante dias; arranhava os padrões desenhados à navalha na sua cabeça.

A morte de Obierika deixou-a num desespero infundável. Pensava muitas vezes na mulher que, depois de lhe morrerem sucessivamente dez filhos, tinha ido para o quintal das traseiras e se tinha enforcado numa árvore da cola. Mas ela não o faria, por causa de Anikwenwa.

Mais tarde, teve pena de não ter insistido que os primos de Obierika bebessem o seu mmili ozu perante o oráculo. Ela tinha presenciado esta cena antes, quando um homem rico morreu e a sua família insistiu que o seu rival bebesse o mmili ozu dele. Nwamgba tinha visto a mulher solteira pegar numa folha a fazer de chávena cheia de água, tocar com ela no corpo do morto, falando solenemente durante todo o tempo, e dá-la ao homem acusado. Ele bebeu. Toda a gente o observou para se assegurar de que engolia o líquido, e pairava um silêncio solene no ar, porque sabiam que, se ele fosse culpado, morreria. Morreu dias depois, e a família dele baixou a cabeça com vergonha e Nwamgba sentiu-se estranhamente abalada com tudo aquilo. Devia ter insistido com os primos de Obierika, mas estava cega de dor e agora Obierika já estava sepultado e era demasiado tarde.

Durante o funeral, os primos dele pegaram na sua presa de marfim, dizendo que os adereços dos títulos ficavam para os irmãos e não para os filhos. Foi quando esvaziaram o seu celeiro de inhames e levaram as cabras do seu redil que ela os confrontou, berrando-lhes, e quando eles a empurraram para o lado, ela esperou até ser noite e depois pôs-se a andar à volta do clã a cantar cantigas sobre a iniquidade deles, sobre as abominações que estavam a acumular sobre a terra ao enganar uma viúva, até os anciãos lhes pedirem que a deixassem em paz. Queixou-se ao Conselho das Mulheres e vinte mulheres foram à noite à casa de Okafo e Okoye, brandindo pilões e avisando-os para deixarem Nwamgba em paz. Mas Nwamgba sabia que aqueles primos gananciosos nunca parariam de verdade. Sonhava matá-los. Sem dúvida que conseguiria matá-los—àqueles fracotes que tinham passado a vida a viver à custa de Obierika em vez de trabalharem—mas é claro que seria banida e não haveria ninguém para cuidar do seu filho. Por isso, levava Anikwenwa a dar grandes passeios, dizendo-lhe que a terra daquela palmeira àquela bananeira era deles, que o seu avô a tinha passado ao seu pai. Dizia-lhe as mesmas coisas uma e outra vez, embora ele parecesse aborrecido e confuso, e não o deixava ir brincar ao luar a não ser que ela estivesse a vigiá-lo.

Ayaju voltou de uma viagem com outra história: as mulheres em Onicha andavam a queixar-se dos homens brancos. Tinham acolhido de bom grado os entrepostos dos homens brancos, mas agora os homens brancos queriam dizer-lhes como negociar, e quando os anciãos de Agueke, um clã de Onicha, se recusaram a pôr o polegar num papel, os homens brancos vieram à noite com os seus ajudantes, homens-normais, e dizimaram a aldeia. Não deixaram nada. Nwamgba não compreendia. Que tipos de armas tinham esses tais homens brancos? Ayaju riu-se e disse que as armas deles não eram nada como a coisa enferrujada que tinha o marido dela. Alguns homens brancos andavam a visitar diferentes clãs, a pedir aos pais para mandarem os filhos à escola, e ela tinha decidido mandar Azuka, o filho que era o mais preguiçoso no trabalho, porque, embora ela fosse respeitada e rica, não deixava de ser de ascendência escrava e os seus filhos estavam impedidos de adquirir títulos de nobreza. Queria que Azuka aprendesse os costumes daqueles estrangeiros, já que certas pessoas dominavam outras não porque fossem melhores, mas porque tinham melhores armas; afinal, o seu pai não teria sido trazido como escravo se o seu clã tivesse estado tão bem armado como o clã de Nwamgba. Enquanto Nwamgba escutava a sua amiga,

sonhava matar os primos de Obierika com as armas dos homens brancos.

No dia em que os homens brancos visitaram o seu clã, Nwamgba deixou o pote que ia pôr no forno, chamou Anikwenwa e as suas aprendizas e foi a toda a pressa para o largo. Ao princípio, ficou dececionada com o ar vulgar dos dois homens brancos; pareciam inofensivos, eram da cor dos albinos, com membros frágeis e delgados.

Os seus acompanhantes eram homens normais, mas também havia algo de estrangeiro neles, e só um deles falava igbo, com uma pronúncia estranha. Disse que era de Elele; os outros homens normais eram da Serra Leoa, e os homens brancos de França, do outro lado do mar. Eram todos da Congregação do Espírito Santo; tinham chegado a Onicha em 1885 e estavam a construir ali a sua escola e a sua igreja. Nwamgba foi a primeira a fazer uma pergunta: teriam por acaso trazido as suas armas, as que tinham usado para destruir o povo de Agueke, e será que ela poderia ver uma? O homem disse com um ar triste que eram os soldados do governo britânico e os mercadores da Royal Niger Company que destruíam aldeias; eles, pelo contrário, traziam a boa nova. Falou sobre o seu deus, que tinha vindo a este mundo para morrer, e que tinha um filho mas não tinha mulher, e que era três mas também um só. Muitas das pessoas à volta de Nwamgba riram alto. Algumas afastaram-se, porque tinham julgado que o homem branco possuía muita sabedoria. Outras ficaram e ofereceram taças de água fresca.

Semanas depois, Ayaju trouxe outra história: os homens brancos tinham criado um tribunal em Onicha onde julgavam disputas. Tinha realmente vindo para ficar. Pela primeira vez, Nwamgba duvidou da sua amiga. Com certeza as gentes de Onicha tinham os seus próprios tribunais. O clã a seguir ao de Nwamgba, por exemplo, realizava os seus julgamentos só durante o festival dos novos inhames, de modo que o rancor das pessoas ia aumentando enquanto aguardavam que se fizesse justiça. Era um sistema estúpido, pensava Nwamgba, mas com certeza toda a gente tinha um sistema. Ayaju riu-se e disse outra vez a Nwamgba que as pessoas dominavam outras quando tinham melhores armas. O seu filho já estava a aprender estes modos estrangeiros, e talvez Anikwenwa devesse também aprendê-los. Nwamgba recusou. Era impensável que o seu único filho, a luz dos seus olhos, fosse dado aos homens brancos, por mais superiores que fossem as suas armas.

Nos anos seguintes, três acontecimentos levaram Nwamgba a mudar de ideias. O primeiro foi que os primos de Obierika apoderaram-se de uma grande parcela de terra e disseram aos anciãos que estavam a cultivá-la para ela, uma mulher que tinha roubado a virilidade ao seu irmão defunto e que agora se recusava a voltar a casar, embora ainda tivesse pretendentes e os seus seios ainda fossem redondos. Os anciãos tomaram o partido deles. O segundo foi que Ayaju contou uma história de duas pessoas que levaram um caso de terras ao tribunal dos homens brancos; o primeiro homem estava a mentir, mas sabia falar a língua dos homens brancos, ao passo que o segundo homem, o legítimo dono da terra, não sabia, e por isso perdeu o caso, foi açoitado e metido na prisão e obrigado a desistir da sua terra. O terceiro foi a história do rapaz Iroegbunam, que estava desaparecido há muitos anos e que tinha voltado a aparecer, já homem crescido, e a sua mãe viúva tinha perdido a fala com o choque da sua história: um vizinho, a que o seu pai muitas vezes obrigava a calar com uns berros nas reuniões de geração, tinha-o raptado quando a sua mãe estava no mercado e tinha-o levado aos negreiros de Aro, que o examinaram de alto a baixo e disseram que a ferida que tinha na perna lhe reduzia o valor. Em seguida, ele e alguns outros foram amarrados pelas mãos, formando uma longa coluna humana, e bateram-lhes com uma vara e disseram-lhes que andassem mais depressa. Havia só uma mulher entre eles. Ela berrou até ficar rouca, dizendo aos raptadores que eles não tinham coração, que o espírito dela os atormentaria a eles e aos seus descendentes, que sabia que ia ser vendida ao homem branco, e que não sabiam eles que a escravatura do homem branco era muito diferente, que as pessoas eram tratadas como cabras, levadas em grandes embarcações para muito longe e por fim comidas? Iroegbunam caminhou, caminhou, caminhou, com os

pés em sangue, o corpo dormente, com um pouco de água vertida na sua boca de tempos a tempos, até que tudo o que ele conseguia recordar mais tarde era o cheiro do pó. Finalmente, pararam num clã na costa, onde um homem falou num igbo quase incompreensível, mas Iroegbunam conseguiu interpretar o suficiente para compreender que outro homem, que ia vender as pessoas raptadas aos brancos no navio, tinha ido negociar com os brancos, mas tinha sido raptado. Houve discussões aos berros, alterações; alguns dos raptados puxaram pelas cordas e Iroegbunam desmaiou. Ao despertar, viu um homem branco a esfregar-lhe óleo nos pés e ao princípio ficou aterrorizado, convencido de que estava a ser preparado para a refeição do homem branco. Mas este era um tipo diferente de homem branco, um missionário que comprava escravos só para os libertar, e levou Iroegbunam para viver com ele e preparou-o para ser missionário cristão.

A história de Iroegbunam atormentou Nwamgba, porque o mais certo era vir a ser esta a maneira como os primos de Obierika se veriam livres do seu filho. Matá-lo era demasiado perigoso, o risco de infortúnios do oráculo demasiado elevado, mas conseguiriam vendê-lo desde que tivessem um forte feitiço a protegê-los. Espantou-a, também, a forma como Iroegbunam desatava a falar na língua do homem branco de vez em quando. Soava nasalada e nojenta. Nwamgba não tinha qualquer desejo de falar tal coisa, mas ficou subitamente decidida a que Anikwenwa a falasse suficientemente bem para ir ao tribunal dos homens brancos com os primos de Obierika e os derrotar e tomar posse do que era seu. E assim, pouco depois do regresso de Iroegbunam, ela disse a Ayaju que queria levar o seu filho à escola.

Foram primeiro à missão anglicana. A sala de aulas tinha mais meninas do que rapazes—alguns rapazes curiosos entravam com as suas físgas e voltavam a sair. Os alunos estavam sentados com lousas no regaço e o professor estava em frente a eles, com uma grande cana, a contar-lhes a história de um homem que transformou uma tigela de água em vinho. Nwamgba admirou os óculos do professor e achou que o homem da história devia ter um feitiço bastante forte para ser capaz de transformar água em vinho. Mas quando as raparigas formaram um grupo à parte e veio uma professora ensinar-lhes a costurar, Nwamgba achou aquilo uma tolice; no seu clã, as raparigas aprendiam olaria e era um homem que cosia os panos. Mas o que a dissuadiu completamente de escolher aquela escola foi que o ensino era todo em igbo. Nwamgba perguntou ao primeiro professor porquê. Ele disse que, evidentemente, se ensinava inglês aos alunos—mostrou-lhe o livro de Inglês—,mas que as crianças aprendiam melhor na sua própria língua e que as crianças na terra dos homens brancos também eram ensinadas na sua própria língua. Nwamgba voltou-se para ir embora. O professor pôs-se à frente dela e disse-lhe que os missionários católicos eram severos e que não tinham qualquer consideração pelos interesses dos nativos. Nwamgba achava graça a estes estrangeiros, que não pareciam saber que em frente de estranhos deve fingir-se que se tem unidade. Mas tinha vindo à procura de inglês e por isso continuou a andar e foi até à missão católica.

O padre Shanahan disse-lhe que Anikwenwa teria de ter um nome inglês, porque não era possível ser batizado com um nome pagão. Ela concordou sem levantar problemas.

No que lhe dizia respeito, o nome do filho era Anikwenwa; se eles queriam dar-lhe um nome que ela não sabia pronunciar antes de lhe ensinarem a língua deles, ela não se importava mesmo nada. O que importava era que ele aprendesse o suficiente daquela língua para vencer os primos do seu pai. O padre Shanahan olhou para Anikwenwa, uma criança de pele escura e bem musculada, e calculou que deveria ter uns doze anos, embora tivesse dificuldade em calcular a idade daquela gente; por vezes, um mero rapazinho parecia um homem, não era nada como na África Oriental, onde trabalhara antes e onde os nativos tendiam a ser delgados, menos enganadoramente musculados.

Enquanto deitava água na cabeça do rapaz, disse:—Michael, batizo-te em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Deu ao rapaz uma camisola interior e um par de calções, porque o povo do Deus vivo não andava nu, e tentou pregar à mãe do rapaz, mas ela olhou para ele como se ele fosse uma criança que não sabia o que fazia. Havia algo perturbantemente assertivo nela, algo que vira em muitas mulheres aqui; havia muito potencial a explorar, se a sua selvajaria pudesse ser amansada. Esta Nwamgba daria uma missionária maravilhosa entre as mulheres. Ficou a vê-la ir-se embora. Havia uma graciosidade nas suas costas direitas, e ela, ao contrário de outros, não tinha passado demasiado tempo às voltas sobre o mesmo assunto. Enfureciam-no, os seus discursos demasiado longos e os seus provérbios tortuosos, o nunca irem diretamente à questão, mas estava decidido a dar o seu melhor aqui; era essa a razão porque ingressara na Congregação do Espírito Santo, cuja vocação especial era a redenção de pagãos negros.

Nwamgba ficou alarmada por os missionários açoitarem os estudantes por tudo e por nada—por chegarem tarde, por serem preguiçosos, por serem lentos, por estarem sem fazer nada. E uma vez, como Anikwenwa lhe contou, o padre Lutz tinha posto algemas de metal nos pulsos de uma menina para lhe ensinar a não voltar a mentir, dizendo em igbo—porque o padre Lutz falava uma espécie de igbo estropiado—que os pais nativos mimavam demasiado os filhos, que ensinar a palavra de Deus também significava ensinar disciplina a sério. No primeiro fim de semana em que Anikwenwa veio a casa, Nwamgba viu-lhe uns vergões assanhados nas costas. Apertou o seu pano à cintura e foi à escola. Disse ao professor que arrancava os olhos de toda a gente na missão se alguma vez voltassem a fazer-lhe aquilo. Ela sabia que Anikwenwa não queria ir à escola e disse-lhe que era só por um ou dois anos, para ele aprender inglês, e, embora as pessoas da missão lhe dissessem para não ir lá com tanta frequência, ela continuou a ir insistentemente todos os fins de semana para levar Anikwenwa para casa. Anikwenwa tirava a roupa ainda antes de saírem do recinto da missão. Não gostava dos calções e da camisa que o faziam transpirar, do tecido que lhe fazia comichão na zona dos sovacos. Também não gostava de estar na mesma sala dos homens mais velhos e de faltar aos concursos de luta.

Talvez por começar a notar os olhares de admiração que as suas roupas atraíam no clã, a atitude de Anikwenwa para com a escola foi mudando lentamente. Nwamgba notou-o pela primeira vez quando alguns dos outros rapazes com quem ele varria o largo da aldeia se queixaram de que ele já não fazia o que lhe competia porque andava na escola, e Anikwenwa disse algo em inglês, algo que soava ríspido, que os calou e encheu Nwamgba com um orgulho indulgente. O seu orgulho tornou-se uma vaga preocupação quando reparou que a curiosidade nos olhos do filho tinha diminuído. Havia uma nova solenidade nele, como se subitamente tivesse dado por si a carregar o fardo de um mundo demasiado pesado. Olhava fixamente para as coisas durante demasiado tempo. Deixou de comer a comida dela, porque, disse ele, era sacrificada a ídolos. Disse-lhe que atasse o pano à volta dos seios em vez de à volta da cintura, porque a sua nudez era pecaminosa. Ela olhava para ele, divertida com a sua seriedade, mas preocupava-se mesmo assim, e perguntava porque é que ele só agora começara a reparar na sua nudez.

Quando chegou a altura da cerimónia de ima mmuo, ele disse que não participaria, porque era um costume pagão para os rapazes, serem iniciados no mundo dos espíritos, um costume que o padre Shanahan dissera que teria de acabar. Nwamgba puxou-lhe as orelhas com força e disse-lhe que um albino estrangeiro não podia determinar quando as suas tradições mudariam, portanto, até o próprio clã decidir que a iniciação deveria deixar de se fazer, ele teria de participar ou então que lhe dissesse se era filho dela ou do homem branco. Anikwenwa concordou com relutância, mas quando foi levado por um grupo de rapazes ela notou que ele não demonstrava excitação como eles. A tristeza dele entristeceu-a. Sentia que o seu filho lhe estava a escapar e, no entanto, sentia-se também orgulhosa por ele estar a aprender tanto, por ele poder vir a tornar-se intérprete no tribunal ou escritor de cartas e por, com a ajuda do padre Lutz, ter trazido para casa alguns documentos que mostravam que as suas terras lhes pertenciam

a ele e à sua mãe. O seu momento de maior orgulho foi quando ele foi ter com os primos do seu pai, Okafo e Okoye, e lhes pediu que devolvessem a presa de marfim do pai. E eles deram-lha.

Nwamgba sabia que o seu filho habitava agora um espaço mental que lhe era estranho. Ele disse-lhe que ia para Lagos aprender a ser professor, e mesmo enquanto ela gritava:—Como me podes deixar? Quem me enterrará quando eu morrer?—sabia que ele iria. Não o viu durante muitos anos, durante os quais o primo do seu pai, Okafo, morreu. Consultava muitas vezes o oráculo para perguntar se Anikwenwa ainda estava vivo; o dibia admoestava-a e mandava-a embora, porque é claro que ele estava vivo.

Por fim, Anikwenwa regressou, no ano em que o clã baniu todos os cães, depois de um cão matar um membro da geração Mmangala, a geração à qual Anikwenwa pertenceria, se não dissesse que tais coisas eram obra do Diabo.

Nwamgba não disse nada quando ele anunciou que tinha sido nomeado catequista na nova missão. Estava a afiar a sua aguba na palma da mão, prestes a desenhar padrões no cabelo de uma menina, e continuou a fazê-lo—flic, flic, flic—enquanto Anikwenwa falava de ganhar almas no seu clã. Não tinha tocado no prato de sementes de fruta-pão que ela lhe oferecera—já não comia nada do que era dela—e ela olhou para ele, para este homem de calças e com um rosário pendurado ao pescoço, e perguntou-se se teria interferido com o seu destino. Era isto o que o chi tinha programado para ele, esta vida em que ele era como uma pessoa a representar diligentemente uma pantomina?

No dia em que ele lhe falou da mulher com quem ia casar, ela não ficou surpreendida. Ele não o fez seguindo a tradição, não consultou ninguém para inquirir sobre a família da noiva, mas disse simplesmente que alguém na missão tinha visto uma jovem adequada, que era de Ifite Ukpo, e que a tal jovem adequada seria levada para as Irmãs do Santo Rosário em Onicha para aprender a ser uma boa esposa cristã. Nwamgba estava doente com malária nesse dia, deitada na sua cama de terra, a esfregar os seus membros doridos, e perguntou a Anikwenwa o nome da jovem. Anikwenwa disse que era Agnes. Nwamgba perguntou o verdadeiro nome da jovem. Anikwenwa pigarreou e disse que lhe chamavam Mgbeke antes de se tornar cristã, e Nwamgba perguntou se Mgbeke faria ao menos a cerimónia da confissão, mesmo que Anikwenwa não fosse seguir os outros rituais de casamento do seu clã. Ele abanou furiosamente a cabeça e disse-lhe que a confissão feita por uma mulher antes do casamento, na qual ela, rodeada por parentes do sexo feminino, jurava que nenhum homem lhe tinha tocado desde que o seu marido declarara o seu interesse era pecaminosa, porque as esposas cristãs não deviam ter sido tocadas de todo.

A cerimónia do casamento na igreja foi comicamente estranha, mas Nwamgba aguentou-a em silêncio e disse a si própria que não tardaria a morrer e a ir ter com Obierika e a ficar livre de um mundo que cada vez menos fazia sentido. Estava decidida a não gostar da esposa do seu filho, mas era difícil não gostar de Mgbeke; tinha a cintura fina e era delicada, ansiosa por agradar a toda a gente, de lágrima fácil, pedindo desculpa por coisas sobre as quais não tinha qualquer controlo. E assim, em vez de detestar, Nwamgba tinha pena dela. Mgbeke visitava muitas vezes Nwamgba, lavada em lágrimas, dizendo que Anikwenwa se tinha recusado a comer o jantar porque estava aborrecido com ela, ou que Anikwenwa a tinha proibido de ir ao casamento anglicano de uma amiga porque os anglicanos não pregavam a verdade, e Nwamgba desenhava motivos nas suas peças de barro em silêncio enquanto Mgbeke chorava, sem saber ao certo como lidar com uma mulher que chorava por coisas que não mereciam lágrimas.

Toda a gente chamava "missus" a Mgbeke, mesmo os não-cristãos, e respeitavam a mulher do catequista, mas no dia em que ela foi ao ribeiro Oyi e se recusou a tirar as roupas por ser cristã, as mulheres do clã, indignadas por ela se atrever a desrespeitar a deusa, deram-lhe uma sova e atiraram com

ela para o mato. A notícia espalhou-se rapidamente. Missus tinha sido agredida. Anikwenwa ameaçou mandar prender todos os anciãos se a sua esposa voltasse a ser tratada daquela maneira, mas o padre O'Donnell, na sua viagem seguinte da missão em Onicha, visitou os anciãos e pediu desculpa em nome de Mgbeke e perguntou se seria possível as mulheres cristãs terem autorização para ir buscar água completamente vestidas. Os anciãos disseram que não—quem queria a água de Oyi tinha de seguir as regras de Oyi—mas foram corteses para com o padre O'Donnell, que os escutava e não se comportava como o seu próprio filho Anikwenwa.

Nwamgba sentiu-se envergonhada por causa do filho, irritada com a mulher dele, incomodada pela sua vida sofisticada em que tratavam não-cristãos como se eles tivessem varíola, mas continuava a acalantar a esperança de ter um neto; rezava e fazia sacrifícios para que Mgbeke tivesse um rapaz; porque seria como o regresso de Obierika e voltaria a trazer ao seu mundo uma aparência de sentido. Não soube do primeiro nem do segundo abortos de Mgbeke, foi só depois do terceiro que Mgbeke, a fungar e a assoar-se, lhe contou. Tinham de consultar o oráculo, já que era um infortúnio da família, disse Nwamgba, mas os olhos de Mgbeke arregalaram-se de medo. Michael ficaria muito zangado se alguma vez ouvisse falar desta sugestão do oráculo. Nwamgba, que continuava a ter dificuldade em lembrar-se de que Michael era Anikwenwa, foi ela própria ao oráculo, e depois pensou que era ridículo que até mesmo os próprios deuses tivessem mudado e já não pedissem óleo de palma, mas gin. Também se teriam convertido?

Alguns meses depois, Mgbeke veio visitá-la, sorridente, trazendo uma taça tapada, com uma daquelas mistelas que Nwamgba achava intragáveis, e Nwamgba soube que o seu chi ainda estava bem acordado e que a sua nora estava grávida. Anikwenwa tinha decretado que Mgbeke teria o bebé na missão em Onicha, mas os deuses tinham planos diferentes e ela entrou em trabalho de parto prematuro numa tarde de chuva; alguém foi a correr à chuva torrencial até à cubata de Nwamgba para a chamar. Era um menino. O padre O'Donnell batizou-o Peter, mas Nwamgba chamou-lhe Nnamdi, porque acreditava que ele era Obierika regressado. Cantava para ele e quando ele chorava metia o seu mamilo seco na boca dele, mas por mais que tentasse não sentia o espírito do seu magnífico marido Obierika. Mgbeke teve mais três abortos espontâneos e Nwamgba foi ao oráculo muitas vezes até uma gravidez ir a bom termo e nascer o segundo bebé, desta vez na missão em Onicha. Uma menina. Desde o momento em que Nwamgba pegou nela, com os olhos brilhantes da bebé encantadora focados nela, Nwamgba soube que era o espírito de Obierika que tinha regressado; estranho, ter vindo numa menina, mas quem podia prever o comportamento dos antepassados? O padre O'Donnell batizou-a Grace, mas Nwamgba chamou-lhe Afamefuna, "O Meu Nome Não Será Perdido", e ficou encantada com o interesse solene da criança pela sua poesia e pelas suas histórias, pela atenção intensa da adolescente quando Nwamgba tentava fazer peças de barro com mãos que começavam a ficar trémulas. Mas Nwamgba não ficou encantada com a ideia de Afamefuna ir para a escola secundária (Peter estava já a viver com os padres em Onicha), porque receava que, no colégio interno, os novos costumes destruíssem o espírito combativo da sua neta e o substituíssem por uma rigidez sem curiosidade, como a de Anikwenwa, ou por uma impotência mole, como a de Mgbeke.

No ano em que Afamefuna foi para a escola secundária em Onicha, Nwamgba sentiu que uma luz tinha sido apagada numa noite sem luar. Foi um ano estranho, o ano em que as trevas subitamente se abateram sobre a terra a meio da tarde, e quando Nwamgba sentiu a dor funda nas articulações, soube que o seu fim estava próximo. Ficou deitada na cama a respirar com dificuldade, enquanto Anikwenwa lhe suplicava que se deixasse batizar e que recebesse a extrema-unção para ele poder fazer-lhe um funeral cristão, porque ele não poderia participar numa cerimónia pagã. Nwamgba disse-lhe que se ele se atrevesse a trazer alguém para esfregar um óleo imundo nela, ela esbofetearia essa pessoa com as suas

últimas forças. Tudo o que queria era ver Afamefuna antes de ir ter com os antepassados, mas Anikwenwa disse que Grace estava a fazer exames na escola e não poderia vir a casa. Mas ela veio. Nwamgba ouviu o ranger da sua porta a abrir-se e ali estava Afamefuna, a sua neta que tinha vindo sozinha de Onicha, porque já não conseguia dormir há dias, o seu espírito inquieto impelia-a para casa. Grace pousou a pasta da escola, dentro da qual estava o seu livro de estudo com um capítulo intitulado "A Pacificação das Tribos Primitivas do Sul da Nigéria", da autoria de um administrador do Worcestershire que vivera entre eles durante sete anos.

Foi Grace quem leu sobre estes selvagens, intrigada pelos seus costumes curiosos e sem sentido, não os relacionando consigo própria até a sua professora, a irmã Maureen, lhe dizer que não podia referir-se às cantigas ao desafio que a sua avó lhe tinha ensinado como poesia, porque as tribos primitivas não tinham poesia. Foi Grace quem riu alto até a irmã Maureen a pôr de castigo e mandar chamar o seu pai, que esbofeteou Grace em frente das professoras para lhes mostrar como disciplinava bem os seus filhos. Foi Grace quem sentiu um profundo desprezo pelo seu pai durante anos, passando as férias a trabalhar como empregada doméstica em Onicha para evitar as beatices, as certezas obstinadas dos seus pais e do seu irmão. Foi Grace que, depois de acabar a escola secundária, daria aulas na escola primária em Agueke, onde as pessoas contavam histórias da destruição da sua aldeia anos antes pelas armas dos homens brancos, histórias nas quais ela não sabia bem se havia de acreditar, porque as pessoas também contavam histórias sobre sereias que apareciam no rio Níger com maços de notas novinhas em folha. Foi Grace que, como uma das poucas mulheres na universidade em Ibadan em 1950 viria a mudar de Química para História depois de ouvir, quando estava a tomar chá em casa de uma amiga, a história de Mr. Gboyega.

O eminente Mr. Gboyega, um nigeriano com pele da cor do chocolate, que tinha estudado em Londres e era um distinto especialista da história do império britânico, tinha-se demitido, indignado, quando o Conselho de Exames da África Ocidental começou a falar em incluir a história africana no currículo, porque se sentia abismado por a história africana ser sequer considerada uma matéria de estudo. Grace refletiria sobre este episódio durante muito tempo, com grande tristeza, e ele levá-la-ia a estabelecer uma ligação clara entre educação e dignidade, entre as coisas duras e sérias que aparecem impressas nos livros e as coisas suaves e subtis que se alojam na alma. Foi Grace que começou a repensar os seus próprios estudos—com que entusiasmo cantara, no Dia do Império, o hino britânico, "God bless our gracious King.

Send him victorious, happy and glorious, long to reign over us"⁷; como a tinham intrigado expressões como "papel de parede" e "dente-de-leão" nos seus livros de estudo, porque não conseguia imaginar essas coisas; como se tinha debatido com problemas de aritmética que tinham a ver com misturas, porque o que é que era café e o que é que era chicória, e porque é que tinham de ser misturados? Foi Grace que começou a refletir sobre o ensino a que o seu pai tinha sido submetido e depois correu para casa para o ver, os olhos dele marejados de lágrimas pela idade, e para lhe dizer que não tinha recebido todas as cartas dele que havia ignorado, para dizer amém quando ele rezou e pousar os lábios na sua testa. Foi Grace que, ao passar de carro por Agueke no regresso, se sentiu obcecada pela imagem de uma aldeia destruída e viajou até Londres e Paris e Onicha, vasculhando em capas bolorentas em arquivos, imaginando as vidas e os cheiros do mundo da sua avó, para o livro que escreveria, intitulado *Pacifying with Bullets: A Reclaimed History of Southern Nigeria*⁸. Foi Grace que, numa conversa sobre o primeiro manuscrito com o seu noivo, George Chikadibia—um elegante aluno do Kings College, Lagos; futuro engenheiro; adepto de fatos de três peças; praticante de danças de salão que dizia muitas vezes que um liceu sem Latim era como uma chávena de chá sem açúcar—, soube que o casamento não duraria quando George lhe disse que andava enganada ao escrever sobre uma cultura primitiva em vez de escrever sobre um tópico que valesse a pena, como as Alianças Africanas na Tensão Americano-Soviética. Divorciar-se-iam em 1972, não por causa dos quatro abortos de Grace, mas porque uma noite

ela acordou transpirada e compreendeu que o estrangularia se tivesse de ouvir mais um dos seus monólogos embevecidos sobre os seus tempos em Cambridge. Foi Grace que, ao receber prémios de faculdades, ao falar com pessoas com ar solene em congressos sobre os povos ijaw e ibibio e igbo e efik do Sul da Nigéria, ao escrever relatórios para organizações internacionais sobre coisas do senso comum pelos quais, no entanto, recebia generosos pagamentos, imaginava a sua avó a olhar para aquilo tudo e a rir muito divertida. Foi Grace que, sentindo um estranho desenraizamento nos últimos anos da sua vida, rodeada pelos seus prémios, pelos seus amigos, pelo seu jardim de rosas sem par, foi ao notário em Lagos e mudou oficialmente o seu nome de Grace para Afamefunu.

Mas naquele dia em que se sentou junto à cama da sua avó à luz evanescente do fim da tarde, Grace não estava a contemplar o seu futuro. Simplesmente tinha na sua mão a da sua avó, a palma áspera de anos a fazer potes de barro.

7 "Deus abençoe o nosso gracioso rei. Envie-o vitorioso, feliz e glorioso para longo tempo reinar sobre nós." (N. da T.)

8 Pacificar com Balas: Uma História Reclamada do Sul da Nigéria. (N. da T.)

FIM

Table of Contents

[A COISA À VOLTA DO TEU PESCOÇO](#)

[CELA UM](#)

[IMITAÇÃO](#)

[UMA EXPERIÊNCIA PRIVADA](#)

[FANTASMAS](#)

[NA SEGUNDA-FEIRA DA SEMANA ANTERIOR](#)

[JUMPING MONKEY HILL4](#)

[A COISA À VOLTA DO TEU PESCOÇO](#)

[A EMBAIXADA AMERICANA](#)

[O ESTREMECIMENTO](#)

[CASAMENTEIROS](#)

[AMANHÃ É DEMASIADO TARDE](#)

[A HISTORIADORA OBSTINADA](#)